



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

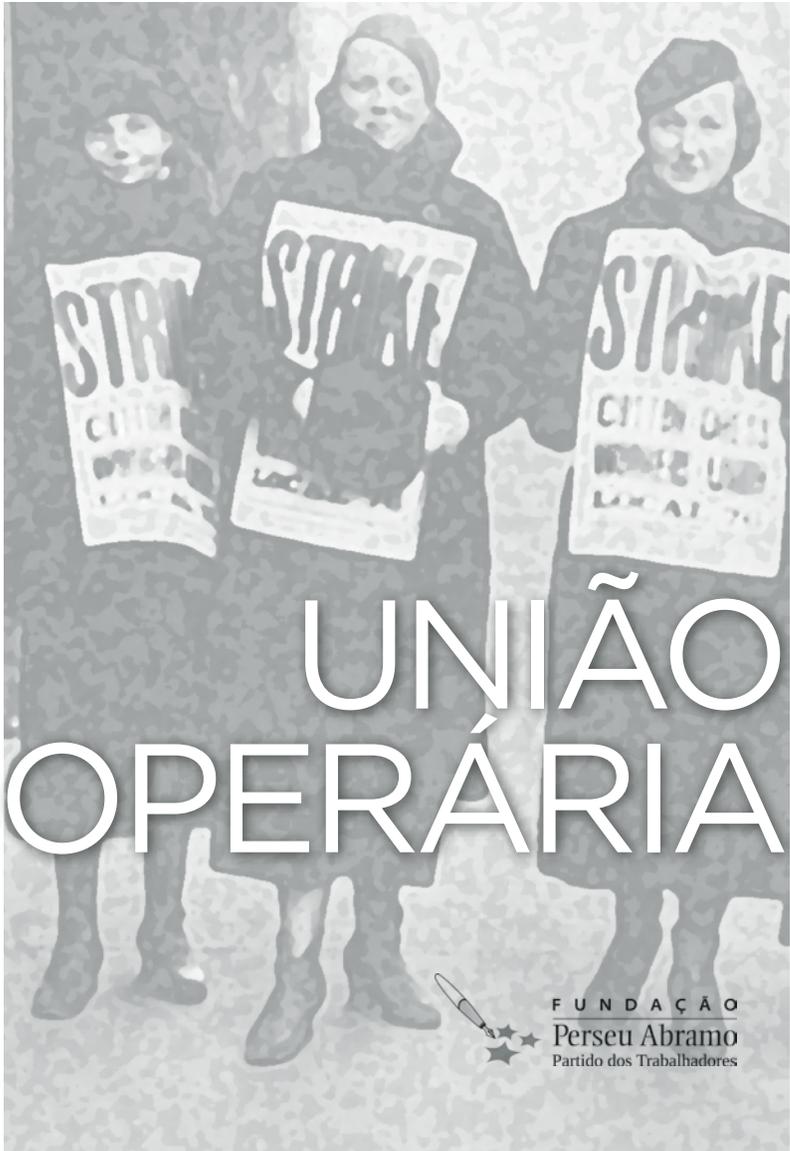
# FLORA TRISTÁN



# UNIÃO OPERÁRIA



# FLORA TRISTÁN



## FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

### DIRETORIA

**Presidente:** Marcio Pochmann

**Vice-presidenta:** Iole Ilíada

**Diretoras:** Fátima Cleide e Luciana Mandelli

**Diretores:** Kjeld Jakobsen e Joaquim Soriano

### EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

**Coordenação editorial:** Rogério Chaves

**Assistente editorial:** Raquel Maria da Costa

**Tradução:** Miriam Nobre

**Preparação e revisão:** Mayara Fernandes, Miguel Yoshida e Jorge Pereira

**Projeto gráfico e diagramação:** Caco Bisol Produção Gráfica

**Foto de capa:** Midi Libre; fundo: International Ladies Garment Workers Union- 1900-1995), socialwelfare.library.vcu.edu

Direitos reservados à Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 – 04117-091 São Paulo - SP

Telefone: (11) 5571-4299 – Fax: (11) 5573-3338

Visite a página eletrônica da Fundação Perseu Abramo: [www.fpabramo.org.br](http://www.fpabramo.org.br)

Visite a loja virtual da Editora Fundação Perseu Abramo: [www.efpa.com.br](http://www.efpa.com.br)

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/Uniao-Oper%C3%A1ria-web.pdf>

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T838u Tristán, Flora.  
União operária / Flora Tristán. – São Paulo : Editora Fundação Perseu  
Abramo, 2015.  
179 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7643-280-7

1. Trabalhadores - França. 2. União operária. 3. Mulheres - Trabalho. 4.  
Movimento trabalhista. 5. Direitos dos trabalhadores. I. Título.

CDU 331.105.24(44)  
CDD 331.80944

---

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

# UNIÃO OPERÁRIA

## FLORA TRISTÁN

TRADUÇÃO DE MIRIAM NOBRE



2016



# SUMÁRIO

- 7    **PREFÁCIO**  
      Eleni Varikas
  
- 21   **PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO**
  
- 37   **PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO**
  
- 59   **PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO**
  
- 65   **AOS OPERÁRIOS E ÀS OPERÁRIAS**
  
- 75   **CAPÍTULO 1**  
      **SOBRE A INSUFICIÊNCIA DAS**  
      **SOCIEDADES DE AJUDA MÚTUA E**  
      **ASSOCIAÇÕES DE SOLIDARIEDADE**
  
- 81   **CAPÍTULO 2**  
      **MODOS DE CONSTITUIR A CLASSE OPERÁRIA**
  
- 109  **CAPÍTULO 3**  
      **PORQUE EU MENCIONO AS MULHERES**
  
- 135  **CAPÍTULO 4**  
      **PLANO DA UNIÃO UNIVERSAL**  
      **DE OPERÁRIOS E OPERÁRIAS**
  
- 169  **RESUMO DAS IDEIAS CONTIDAS NESTE LIVRO**
  
- 171  **APELO AOS OPERÁRIOS**
  
- 173  **CONSELHOS AOS OPERÁRIOS**
  
- 177  **AOS BURGUESES**



## PREFÁCIO

**F**lora Céléstine Thérèse Tristán y Moscoso (1803-1844) é uma das mais fascinantes personagens da história do movimento operário. Precursora do socialismo, da igualdade entre os sexos e do internacionalismo proletário, ela semeou um impressionante conjunto de sementes subversivas durante sua vida, que foi abreviada abruptamente em decorrência da febre tifoide.

Flora era filha de um aristocrata peruano, Mariano de Tristán Y Moscoso, com Anne-Pierre Lasney, que vinha da pequena burguesia francesa. Aos quatro anos, perde seu pai. Leva uma vida com dificuldades financeiras até que sua mãe a obriga a casar, aos 17 anos, com o litógrafo André Chazal, um homem violento e possessivo que a agredia e a humilhava. Alguns anos mais tarde, já com três filhos, ela consegue romper com essa situação e foge de

casa. É obrigada a se passar por viúva para encontrar hospedagem, uma vez que os hotéis não aceitavam mulheres “sozinhas”. Chazal não aceita o abandono de Flora e tenta assassiná-la, em 1838, baleando-a no peito. Pelo crime, ele acaba condenado a vinte anos de prisão. Essa experiência trágica contribuiu, sem dúvida, para torná-la uma combatente em defesa da emancipação das mulheres.

Flora trabalhou como operária têxtil e gráfica e, inspirada pelo exemplo de Madame de Staël, aos poucos vai se afirmando como “mulher de letras”. Em 1883, viaja ao Peru na esperança de ser reconhecida pela família aristocrática de seu pai, mas é recebida como bastarda e “pária” – um título que assumiria com orgulho. Ao retornar à França, publica em seguida *Da necessidade de acolher bem às mulheres estrangeiras* (1833), sua primeira brochura, em que destaca a importância de uma união de mulheres, e *Peregrinações de uma pária* (1837), espécie de autobiografia e manifesto político. Seu único romance se intitula *Méphis* (1838) – abreviação de Mefistófeles, do *Fausto*, de Goethe – de inspiração sansimonista e feminista. Após uma viagem à Londres, onde realizou uma investigação social sobre as condições de vida dos trabalhadores, escreve *Passeios por Londres* (1840), homenageia o feminismo de Mary Wollstonecraft e começa a associar à emancipação operária a das mulheres. Por fim, em 1843, lança *A união operária*, sem dúvida seu mais importante livro.

8

Flora Tristán foi próxima dos socialistas utópicos – tanto dos sansimonistas, como de Owen e de Charles Fourier, com quem conviveu. Com eles compartilhou a abordagem humanista e, muitas vezes, mística. Contudo, não pertenceu a nenhum dos círculos utopistas. Seu interesse foi se dirigindo cada vez mais àqueles identi-

ficados como classe operária. Relacionou-se com Agricol Perdiguier, animador de associações de solidariedade de artesãos e, sem sucesso, tentou publicar a *União operária* no jornal *La Ruche Populaire* (A colmeia popular) – no entanto, o jornal que era editado e publicado por operários, desconfiavam daquela mulher intelectual.

Essa negativa não a desanimou. Flora costumava se apresentar como “aristocrata fracassada, mulher socialista e operária feminista” quando recebia visitas de figuras ilustres, como os exilados alemães Moses Hess e Arnold Ruge (não se sabe se Marx também esteve entre eles). Em 1843 realiza um *Tour de France*<sup>1</sup> – circuito tradicional dos artesãos-aprendizes – para divulgar seu livro *A união operária*. Suas notas sobre esta experiência só serão publicadas um século e meio mais tarde, em 1973: *Viagem através da França: diário 1843-1844 – estado atual da classe operária sob o aspecto moral, intelectual e material*. Esgotada por suas intensas atividades, morre prematuramente, de febre tifoide em 1844. Uma de suas filhas, Aline, se tornaria a mãe do pintor Paul Gauguin. Depois de sua morte, Eliphaz Levi – pseudônimo do abade Alphonse-Louis Constant – publica *A emancipação da mulher* ou *O testamento da pária, obra póstuma da sra. Flora Tristán*, que ao contrário do que diz o título, foi inteiramente escrito por ele.

Flora Tristán foi a primeira a ter proclamado o princípio da autoemancipação dos proletários: “a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”. Sua influência sobre Marx e Engels é evidente, ainda que não façam referência a ela em seus escritos. A

1. Viagem pela França. (N. T.)

única exceção é uma curta passagem na *Sagrada família*, que toma sua defesa contra acusações de alguns neo-hegelianos alemães.

Entre seus admiradores estão também os surrealistas. Na apresentação de uma série de cartas inéditas de Flora Tristán<sup>2</sup>, André Breton a homenageia calorosamente: “não há talvez outro destino feminino que no firmamento do espírito deixe um rastro tão longo e tão luminoso”.

A *União operária* foi publicada em junho de 1843 com uma tiragem de 4 mil exemplares – superando em duas vezes a primeira tiragem do *Manifesto Comunista!* – por dois editores parisienses, um próximo a Proudhon e outro comunista. Esta obra foi concebida por Flora Tristán como “um instrumento de propaganda de uma fé verdadeira, aquela da salvação da classe operária por ela mesma, e mais do que isto, da humanidade pela classe operária”<sup>3</sup>. O livro teve grande sucesso, levando a uma segunda edição de 10 mil exemplares. Ele contém o projeto de um “Palácio Operário”, inspirado pelo falanstério de Fourier, mas sua proposição mais importante é a constituição da classe operária como força social e política, seguindo o exemplo do Terceiro Estado em 1789. O projeto da “união universal dos operários e operárias” é duplamente universal: por seu internacionalismo e pela inclusão das mulheres operárias, em geral esquecidas nas primeiras tentativas de organização dos trabalhadores. A ideia-força deste projeto é aquela adotada, mais tarde, por Karl Marx: a *autoemancipação* do proletariado.

De origem peruana e hispânica, interessada pelo movimento operário inglês – que conheceu durante seus “passeios por Londres” – e

2. Breton, André. *Le surréalisme même*. Paris: J.J. Pauvet, 1957.

3. Armogathe, Daniel e Grandjonn. “Introduction”. In: Tristán, Flora. *Union ouvrière*. Paris: Ed. de Femmes, 1986.

pela luta dos irlandeses, Flora Tristán foi profunda, instintivamente, internacionalista. Isto se traduz tanto por suas modestas propostas concretas – como “o bom acolhimento das mulheres estrangeiras” (que soa tão atual na Europa de 2016!) –, quanto pelo imenso horizonte de redenção de toda humanidade. Em *A união operária* propôs a criação de “comitês de relacionamento” nas principais cidades da Europa e do mundo. Podemos considerá-la como uma precursora da Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada vinte anos após sua morte.

Outro aspecto deste livro que faz dele um documento “profético” é o chamado à libertação das mulheres. Embora Flora Tristán não fale de autoemancipação, ela demanda aos operários o desafio de libertar as mulheres. Mas há poucos textos tão potentes como este na história do feminismo, que denuncia vigorosamente a opressão das mulheres em geral e das operárias em particular. *A união operária* é uma obra única em sua época, pela associação da causa da emancipação dos operários e das mulheres. Os dois, para Flora Tristán, vinculam-se à categoria *pária*. A seguir destacaremos esse conceito central de seu pensamento e seu significado político, humano e afetivo.

Flora Tristán é ela própria uma destas inúmeras párias de várias maneiras: filha ilegítima de um aristocrata peruano; sem recursos; oprimida por um marido violento. Ela se identifica com um conjunto de párias produzidas pela tóxica combinação entre o Código Civil e a proibição do divórcio (reintroduzido pela Restauração Francesa, 1814-1830), que condena as mulheres à alternativa tornada célebre por Proudhon: dona de casa ou prostituta. Ela se tornou desertora de uma sociedade que “obriga” as mulheres a ter “afetos que, por nossa natureza, não poderiam ser impostos”,

ou seja, “uma sociedade organizada pela dor, na qual o amor é um instrumento de tortura”. Quando fugiu de casa, seu marido a denunciou e conseguiu levá-la para a prisão – o mesmo homem que depois tentaria assassiná-la e que era acusado também de ter sequestrado e abusado de sua filha. Em um escandaloso processo, Flora Tristán foi transformada “de vítima em ré”. Não é por acaso que essa trajetória trágica a levou a se tornar notória representante deste “monstro do século XIX” que é a mulher-autora, mulher-autora-política – como sua predecessora, a feminista britânica Mary Wollstonecraft. Flora Tristán se tornou uma pária não só para os conservadores, mas também para seus próprios amigos socialistas. Apóstola do fourierismo, ela foi excluída do primeiro banquete comemorativo depois da morte de Fourier.

“Um dia os párias serão admitidos no grande banquete da humanidade”, escreveu a Victor Considerant, utilizando logo essa imagem tão cara aos camaradas socialistas. O veto à comensalidade se expressa na metáfora do pária da mesma maneira que outras dimensões do estatuto da casta dos intocáveis, que decorrem da oposição entre puro e impuro. Flora Tristán é, de fato, a primeira a ter enunciado e exposto aquilo que a sociologia define hoje em dia como a “feminização” das profissões e ocupações – fenômeno sem nome que se refere à redução dos salários dos trabalhadores logo que as mulheres “tocam” em um novo ramo de atividades.

A categoria “pária” se associou à exigência, encampada pelo movimento operário e pelo movimento de mulheres, de uma verdadeira aplicação do princípio da universalidade, algo que se fortaleceu nas lutas pelos direitos políticos e pelo sufrágio universal. Desde 1842, “pária” é descrito no *Dicionário Político* como um

termo que se aplica “aos proletários de nossa sociedade que não têm nenhum lugar reconhecido na hierarquia política, que estão ausentes de todos os direitos do cidadão”. Seu uso se intensifica nos discursos revolucionários de 1848 e no vocabulário político do feminismo, para sublinhar a impostura de um sufrágio que se declara universal ainda que metade da população esteja excluída: “assim, pobres mulheres, na República de 1848 que tem por missão abolir os privilégios, existirão párias e os párias serão vocês”.

Alguns anos mais tarde, Friedrich Engels usa esse termo para denunciar a “destruição” do sufrágio universal que lançou os operários franceses de volta ao que “eles eram nos tempos de Luis Felipe: párias políticos, sem direitos reconhecidos, sem votos, sem armas”. Durante o caso Dreyfus, o mesmo termo foi muito utilizado por seus defensores, em particular por Bernard Lazare, que fez da condenação a ser pária o símbolo do antissemitismo virulento que o destino daquele capitão judeu evidenciou em plena Terceira República.<sup>4</sup>

O pária – operário, mulher, escravo – remete à servidão, à subordinação, à ideia de uma situação objetiva – um sistema de exploração econômica e de exclusão política –, mas que contém também uma forte carga de subjetividade e intersubjetividade relacionadas às percepções presentes na sociedade. Essa passagem de *Peregrinações de uma pária* relaciona tais dimensões: “Mas se a escravidão existe em uma sociedade, se hilotas se encontram em seu seio, se os preconceitos religiosos e outros reconhecem uma classe de párias (...)”. Esses são, portanto, os “preconceitos religiosos e

4. Referência ao fraudulento processo que resultou na condenação, em 1894, do capitão da artilharia francesa, o judeu Alfred Dreyfus, à prisão perpétua por traição à pátria. Após a decisão judicial, houve uma série de revelações sobre as irregularidades do processo, o que gerou uma campanha por sua libertação, algo que veio a ocorrer em julho de 1906. (N. E.)

outros” que especificam aqui o uso de pária em conjunto com as barreiras legais e as barreiras invisíveis, que são muitas vezes mais eficazes, enraizadas nas práticas, nos comportamentos, nas crenças. Em uma parte da *União operária*, que constitui a definição mais famosa, mais difundida e também a mais marcante de pária, Flora Tristán descreve: “Até agora as mulheres não foram consideradas para nada nas sociedades humanas (...) Qual o resultado disto? O padre, o legislador, o filósofo a trataram como verdadeira pária. A mulher (isto é, metade da humanidade) foi deixada fora da Igreja, fora da lei, fora da sociedade (...)”.

A exclusão é diretamente ligada ao aviltamento, ao sentimento de rejeição, de vergonha, da conspurcação que mancha, da nódoa punitiva da qual o pária é objeto. É esta dimensão subjetiva que comunica de forma potente a metáfora de pária: a de ser confinado aos campos de trabalhos forçados da humanidade, legitimando a exclusão legal. “Depois, o legislador lhe disse: – Mulher, por você mesma, você não é nada, não é um membro ativo do corpo humanitário, você não pode esperar um lugar no banquete social. É preciso, se quiser viver, que você sirva de anexo ao seu senhor e mestre, o homem.”

O pária não é, assim, apenas uma figura de exclusão política e social. Em um sistema de legitimação que tem por base a humanidade comum como fonte da igualdade de direitos, o não reconhecimento destes direitos faz pesar uma suspeita sobre sua plena e inteira humanidade. Tende a associar sua inferioridade social a uma inferioridade antropológica. Flora se referiu ao Concílio de Mâcon, que teria concluído com uma maioria de três votos que as mulheres têm alma. “(...) três votos a menos, e a mulher teria sido reconhecida como pertencente ao reino dos animais selvagens e

isto dado, o homem, o mestre, o senhor teria sido obrigado a co-habitar com um animal selvagem! Este pensamento faz tremer e enregelar de horror!” Sua referência para tal citação não é ninguém mais que Fourier. Muito popular nos meios da utopia socialista, essa lenda que remonta ao século XVI não é exata. Ela se referia, como destacam com insistência os comentaristas cristãos atuais de um debate sobre a questão, à discussão se a palavra *homo* em latim significa “ser humano” ou “homem adulto”.

Eu sou uma pária, escreveu Flora Tristán: representação do sujeito revoltado que designa e denuncia o rebaixamento ou a repressão dos impulsos mais autênticos do indivíduo. Essa autorrepresentação, não isenta de narcisismo, é de um *status* individual que, apesar de estar relacionado a um grupo desprezado ou excluído, é vivido e comunicado no que tem de singular e irreduzível. O enunciado “eu sou uma pária”, a dignidade, até mesmo o orgulho com que ela o expressa constituem precisamente a especificidade desta personagem. Por uma inversão dos valores que condenam o pária à inexistência social, ela faz da rejeição e da degradação a fonte de uma identidade positiva e de sua posição, um caso exemplar. Dando-se como exemplo, o sujeito individual da rejeição se coloca literalmente em cena como prova viva do mal que a sociedade inflige a todos os seus semelhantes. Nada exprime melhor esse entrecruzamento de dimensões estéticas e políticas do pária como autorrepresentação do que a carta de Flora Tristán ao pintor socialista Traviès a respeito de seu retrato:

Imagine agora a roupa com que você me representará, em que postura eu posarei. Imagine, meu querido amigo, que este retrato será

aquele da Pária – da mulher nascida andaluza e condenada pela sociedade a passar sua juventude nas lágrimas e sem amor! Enfim, desta pobre mulher assassinada e arrastada frente aos juízes não como vítima, mas como culpada.

Essas contradições estão presentes desde o início na lógica da emancipação. Introduzem no coração dos princípios universais de liberdade e igualdade uma ambiguidade permanente. Fruto das exigências de um novo corpo político que só poderia funcionar em condições de igualdade política e legal, a emancipação não foi, contudo, resultado de uma lei geral que confirmasse a validade dos direitos universais para o conjunto das populações sob tutela. Quer se tratasse de operários, judeus, escravos, mulheres, ou populações colonizadas, o que hoje chamamos de emancipação foi na realidade um processo marcado por decretos, mandatos judiciais e “decisões” particulares. No que se refere aos judeus, a emancipação se originou das cartas-patente que, desde Henri II, asseguravam a certas comunidades judias privilégios e foi estendendo-os gradualmente ao conjunto. Para as mulheres, excluídas dos direitos políticos e submetidas ao Código Napoleônico, a emancipação gradual se propagou conforme os países e as categorias sociais, em dois séculos, e foi preciso em geral esperar o final do século XIX para que elas conquistassem, como dizia Flora Tristán, “seu 1789”.

A invisibilidade da discriminação da qual o pária torna-se vítima no sistema político explicitamente fundado na universalidade, é signo distintivo desta categoria e de sua desconcertante modernidade. Esse mecanismo de exclusão difere da antiga opressão, integrante de uma sociedade explicitamente fundada sobre a hie-

rarquia. Na modernidade, como destacava Flora Tristán, a exclusão não se baseava somente nas leis, mas em preconceitos religiosos e outros. A discriminação, mesmo quando legal, permanecia implícita. O privilégio de casta só se torna visível na lei quando se trata de aboli-lo. A Constituição de 1848, como destaca a ativista feminista da época Jeanne Deroin, declara a libertação dos escravos negros enquanto que o privilégio de sexo permanece subentendido.

A invisibilidade política faz com que a manutenção do privilégio não contradiga explicitamente o princípio da universalidade, de modo que a desigualdade social de fato não apareça como tal. Ela é constitutiva da situação de pária. Isto porque (não sempre) o pária não se inclui em novas distinções reconhecidas ou legítimas, fundadas no mérito ou na riqueza, e também porque em geral atravessa todas as classes. Assim, sua discriminação é por vezes de difícil percepção e por vezes subsumida por outras mais evidentes e reconhecíveis. Deixar de estar implícito passa, portanto, pela demanda de uma “menção particular”. Eis porque Flora Tristán sente a necessidade de explicar “Porque eu menciono as mulheres”. Uma menção que visa confirmar a validade dos direitos universais em relação a ela, mas que, paradoxalmente, só torna a exclusão do pária visível pela inconveniente irrupção do particular na generalidade da lei. Ora, se uma declaração dos direitos da mulher é necessária, é porque a igualdade dos proletários não inclui necessariamente as mulheres.

Sem dúvida, é por isto que a famosa análise feita por Flora Tristán do estatuto de pária das mulheres se encontra na *União operária*. Este panfleto que ela formula quatro anos antes do *Manifesto Comunista*, traz a ideia de uma união universal dos operários e operárias aos quais ela convida a se organizar em dimensão in-

ternacional. Ao situar seu capítulo “Porque eu menciono as mulheres” no meio deste manifesto, Flora Tristán faz a seu modo uma “menção particular” à metade da classe operária, as operárias que permanecem párias e “ainda esperando” com o resto de suas semelhantes “seu 1789”. Ao mencionar as mulheres, ela não somente destaca que o pleno pertencimento à classe operária passa por uma declaração solene da “igualdade absoluta dos sexos”. Ela também torna visível a relação estreita entre o reconhecimento da comunidade antropológica e a constituição da unidade política de uma classe que acaba de perceber as promessas traídas da universalidade. Promessas de que os seres humanos não seriam mais julgados segundo seu nascimento, mas segundo sua qualidade exclusivamente humana de poder tornar-se algo que não poderia ser definido previamente por qualquer lei divina ou natural.

São essas questões que não perderam a atualidade nos dias de hoje, seja na Europa ou no Brasil.

*Eleni Varikas*

Professora de Teoria Política na Universidade Paris-VIII e integrante do laboratório Gênero, Trabalho, Mobilidade.

# UNION OUVRIÈRE.

PAR

M<sup>me</sup> Flora Tristan.

Aujourd'hui, le travailleur crée tout, fait tout, produit tout, et cependant il n'a aucun droit, ne possède rien, absolument rien.

(ADOLPHE BOYER.)

Ouvriers, vous êtes faibles et malheureux parce que vous êtes divisés. — Unissez-vous. L'UNION fait la force.

(PROVERBE.)

DEUXIÈME ÉDITION,

CONTENANT UN CHANT

LA MARSEILLAISE DE L'ATELIER,

Mis en musique

PAR A. THYS.

PARIS,

CHEZ TOUS LES LIBRAIRES.

—  
1844



## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Como a publicação deste pequeno livro se encontra, por um fato particular, fora do curso habitual das coisas, sou forçada a dar neste sentido, uma explicação.

A julgar pela *reputação estabelecida*, o livro a UNIÃO OPERÁRIA não deveria ser editado pelo *único editor popular* que nos resta – sr. Pagnerre?

Aliás, todos me diziam: – o sr. Pagnerre é o único editor que pode se encarregar de sua obra. – E eu, assim como todos, também achava que sim. Portanto, sem hesitar me dirigi ao sr. Pagnerre; enviei-lhe uma parte de meu manuscrito (os três primeiros capítulos), dizendo-lhe que o livro a UNIÃO OPERÁRIA por seu espírito, seu objetivo e sua especificidade *lhe pertencia por direito*. Vejam a resposta do sr. Pagnerre:

Paris, 31 de março de 1843

Senhora

Tenho a honra de vos enviar as provas que me havia confiado; sinto muito, porém as responsabilidades às quais devo dedicar meu tempo e toda minha atenção não me permitem contribuir com a publicação de vosso trabalho. O objetivo proposto é louvável e generoso e mesmo não compartilhando de todas as vossas opiniões sobre os meios para melhorar a situação dos trabalhadores, manifesto aqui meus sinceros votos para que todos os projetos que busquem este resultado sejam examinados, discutidos seriamente e, se possível, postos em prática.

Por favor, aceite Senhora, como expressão de meu pesar, minhas respeitadas saudações.

Pagnerre

Se o sr. Pagnerre, editor dos *leões da democracia*, editor *popular* por excelência, recusava publicar o livro a UNIÃO OPERÁRIA não me restava esperança de encontrar outro editor que se dispusesse a se encarregar desta publicação. – Entretanto, precisando de um, me dirigi sucessivamente a três ou quatro. – *Todos* me reenviavam ao sr. Pagnerre me dizendo: “*Somente* ele pode editar este *tipo de obra*, porque entra na *especialidade* que ele adotou”.

Tenho muitas razões para me lembrar deste fato:

1º – Quis responder à pergunta: “Por que então a senhora não edita seu livro com o sr. Pagnerre? (Já me fizeram esta pergunta em todo canto). Com ele, estaria segura de uma venda considerável, ele tem muitas relações, vosso livro estaria em *boas mãos*. A senhora está cometendo um *erro* e o livro UNIÃO OPERÁRIA *perderá*”.

A carta do sr. Pagnerre responde àqueles que ficassem tentados a me reprovar.

2º – Porém, esta recusa traz em si um grande ensinamento. Ela prova como muitas vezes são falsas as *reputações estabelecidas*. – Daqui a cem anos aqueles que escreverão sobre o reinado de Louis-Philippe apresentarão o sr. Pagnerre como o *editor popular da época*.

Pobre povo! Hoje não há nem mesmo um *único editor* que aceite publicar um pequeno livro cujo objetivo seja *defender* os interesses da classe operária.

3º – Desta recusa se depreende outro ensinamento: – é que hoje, mais do que nunca, a inteligência está *subordinada* aos meios puramente materiais.

Encontrava-me numa situação bastante embaraçosa. – Precisa-se de 1.000 a 1.200 francos para se publicar a obra, e eu não os tinha. Fazer propaganda com seus próprios meios, corre-se o risco de secar a fonte se esta for pouco abundante. – Durante muitos dias, supor-tei um suplício que só as pessoas que vivem no domínio do espírito podem compreender. Eu *tinha consciência* da *bondade*, da *utilidade* das ideias que acabava de colocar no papel, e sentia uma dor profunda imaginando que estas ideias ficariam ali, como letra morta, pela falta de uma nota de 1.000 francos. Mas quando Deus concede a fé a um indivíduo, ele a dá plena e por completo.

Após três ou quatro noites de dolorosa insônia, surpreendi-me, numa manhã, me sentindo repleta de calma, de confiança e mais forte do que nunca.

De minha janela vejo as torres da Igreja de São Sulpício – a visão desta bela igreja, no estado de espírito em que me encontrava, produziu em mim um efeito particular. Lembrei-me que a fé

havia inspirado os cristãos a ações grandiosas, generosas, e por vezes, sublimes. – Ora, veja... Pensei, *minha religião é amar meus irmãos de humanidade, minha fé é amar e servir a Deus na humanidade*. Oh, uma religião tão sublime com conseqüências tão belas, tão puras, não me daria tanta *força e poder* como as que têm os católicos, eles que amam a Deus e servem os pobres *visando ser recompensados no céu?* – E vejam! Um padre, um só homem, *confiante em sua fé* se deu por missão construir uma das mais belas igrejas de Paris, São Sulpício. Para atingir seu objetivo, este padre não recuou diante de nenhuma fadiga, nenhuma humilhação; foi de porta em porta *mendigar por sua igreja*, e por meio de *pequenas esmolas*, esta grande e magnífica igreja se elevou majestosamente pelos ares<sup>1</sup>; e eu não poderia, imitando o exemplo deste padre, pedir como ele, de porta em porta, contribuições para imprimir um pequeno livro *útil à instrução da classe mais numerosa!* Ah! Se hesitasse, se recuasse diante desta nobre tarefa, estaria reconhecendo tacitamente a nulidade da religião que professo, seria renegar o Deus que sirvo; em uma palavra, seria confessar que *minha fé é menos poderosa* que a dos católicos!

Oh! Bem-aventurados aqueles que têm fé!

Neste mesmo instante me senti envolvida por um amor tão grande, uma força tão poderosa, que nenhuma fadiga, nenhuma humilhação me assustava mais. – Decidi ir eu mesma implorar de porta em porta até que eu obtivesse os 1.200 francos necessários. – Este projeto entra tão subitamente em meu espírito que parecia que *uma vontade estranha a mim me ordenava a agir*. – Tomar uma folha de papel, escrever no cabeçalho: CHAMADO A TODAS AS PESSOAS DE INTELIGÊNCIA E DEVOÇÃO – pedimos seu apoio para im-

1. Conferir a Biografia de Michaud, a vida de Jean-Baptiste Languet de Gergy, pároco de São Sulpício.

primir o livro a UNIÃO OPERÁRIA; – inscrever meu nome como o primeiro; convidar minha filha a assinar em seguida, minha empregada doméstica, o rapaz que traz água; correr logo aos meus amigos para explicar-lhes minha resolução, tudo isto aconteceu em 24 horas.

Mas atenção, minha tarefa era muito mais difícil do que a do pároco de São Sulpício. No caso dele se tratava da UNIÃO CATÓLICA; portanto ele estava certo de encontrar por todo lado ajuda, simpatia, bom acolhimento, confiança, aprovação e louvor: – ao passo que eu agia *isoladamente* e quase certa de que de que seria em geral *mal recebida*.

Dou estas explicações pensando nos *ensinamentos* que daí se pode deprender, assim que me permitam entrar um pouco mais nos detalhes.

Ao recolher fundos para imprimir um livro destinado a *instruir a classe operária*, era natural que depois de haver me dirigido a meus amigos, eu me voltasse primeiro a todos aqueles que *posam de verdadeiros amigos e ardentes defensores do povo*. Oh! Que decepções cruéis me aguardavam! ... Não vou nomear ninguém aqui, pois a simples ausência de certos nomes na minha lista de assinaturas é suficiente. Quanto aos *amigos do povo*, salvo algumas exceções, muitos me receberam no máximo cortesmente (três ou quatro não quiseram nem mesmo me receber) e se recusaram a participar de minha obra de maneira bastante seca. Assim como o *Editor popular*, com a diferença, entretanto, que o sr. Pagnerre expressou sua recusa com extrema gentileza.

Como explicar isto?

Que cada um interprete como lhe convenha: no momento, limito-me a constatar o fato.

Não vem ao caso contar aqui, o quanto estas recepções frias, secas e totalmente *antifraternas* me causaram dores profundas,

quantas vezes lágrimas de indignação me queimavam o rosto ao sair da casa destes *amigos do povo*, estes que têm sempre na ponta do lápis a grande palavra *fraternidade*.

Pobre povo!... Aqueles que se dizem *amigos se servem de vocês...* Mas, no fundo nenhum deles tem realmente a intenção de *vos servir*.

Também não falarei da coragem que precisei para perseverar no cumprimento da minha tarefa. Em um tempo como o nosso, de egoísmo e de Robert-Macairisme<sup>2</sup>, apresentar-se às pessoas que *não conhecemos* e ousar lhes *pedir dinheiro* para imprimir um livro cujo objetivo é que o *povo aprenda quais são os seus direitos*, seguramente, foi uma façanha e tanto.

Jesus tinha razão quando dizia: – “Tenha fé e removerás montanhas.” – Acabo de experimentar por mim mesma que o que ele dizia é a mais pura verdade. Durante quase um mês, tempo que durou *minha vida apostólica* (em ação), não senti em nenhum momento falta de coragem. – E, no entanto, quantas decepções tive de sofrer, sem contar a repulsa grosseira de alguns burgueses *novos-ricos* que me tomavam simplesmente por *uma pobre escritora pedindo esmola!* – Seria interessante contar todas as cenas estranhas e cômicas que me aconteceram neste sentido. Conto mais tarde como este ato de alta caridade me custou fadigas morais e físicas. – Não é exagero dizer que fiz mais de *duzentas idas e vindas* em todas as direções de Paris (e a pé). Confesso que com relação à fadiga física estou esgotada, até mesmo doente. – Mas me apresso em acrescentar que no meio de tantas penas tive também muitas alegrias. Encontrei

2. Neologismo formado a partir de Robert Macaire, célebre personagem do teatro de *boulevard* que durante a monarquia de julho se tornou símbolo de aventureiro do banco e da indústria. (N. do T.)

peessoas com quem nem contava, com grandes almas generosas, desejando ardentemente poder fazer o bem; – e compreendendo tudo que havia de belo na missão que eu desempenhava, mostravam uma consideração repleta de bondade e respeito. Os poucos instantes de conversa que tive com estas pessoas me recompensaram de todos revezes que os outros me haviam feito passar.

Se o que disse sobre os pretensos *amigos do povo* pode assustar e entristecer algumas pessoas ingênuas o bastante que julgam o coração de um homem pelas belas frases que emprega em seus livros... O que poderia surpreender, no sentido inverso, sobretudo aos operários, é saber que burgueses com modos aristocráticos acolheram a ideia que trago com viva simpatia e importante apoio. Quanto aos artistas, quase todos me receberam muito bem, e somente *três* me recusaram apoio.

Agora, devo dizer, para evitar mal-entendidos, que nenhuma das pessoas que assinaram minha lista, fazendo assim uma doação de bom grado para que o livro UNIÃO OPERÁRIA pudesse existir, *nenhuma delas conhecia meu manuscrito*<sup>3</sup>; portanto ninguém podia ser *solidário* com as ideias que expus.

A fé que me animava quando lhes falava os fez ter *fé em mim*. Ao me ver tão profundamente convencida da bondade de minha obra, *ficavam*, por sua vez, *convencidos que eu não podia fazer mal*; e em geral, sem me pedir maiores explicações me aportavam seu apoio.

Se no meu livro se encontram algumas ideias *muito avançadas* ou expressas de modo a ferir a susceptibilidade de alguns espíritos, rogo às pessoas que me honraram com sua benevolente cooperação de estarem bem seguras, pois jamais pensei em *trair sua confiança*.

3. Algumas delas haviam lido somente os três primeiros capítulos.

– Acredito firmemente que entrego ao público um livro *bom, útil*; e se me desvio, se me equivoco, atesto que *minhas intenções são puras, leais* e que o faço de *boa-fé*.

Falemos então da parte material.

Por meio de doações e assinaturas pude compor, imprimir e fazer a matriz tipográfica do livro a UNIÃO OPERÁRIA. – Este livro constitui uma pequena propriedade. – Se os operários compreendem bem o significado desse livro, um grande número de exemplares será vendido – e o que resulta (o produto) dessa propriedade poderá ser mais ou menos considerável. Comprometo-me de jamais utilizar o resultado desta propriedade *para meus gastos pessoais*. – Minha intenção é fazer com este dinheiro outros pequenos livros com o mesmo intuito: a *instrução das classes operárias*.

Quanto a esta primeira edição (com tiragem de quatro mil exemplares), ela não trará quase nada em termos monetários e aqui está a razão. Primeiro, é necessário dar um grande número de exemplares a todos os doadores: em seguida enviarei *a todas as associações de solidariedade entre operários<sup>4</sup> de toda a França, à sociedade da União* etc. Também é preciso enviá-lo a um grande número de pessoas de todas as condições. Como eu quero que a *ideia* seja conhecida acredito que quase três mil exemplares serão assim distribuídos. De resto, já na segunda edição, saberei exatamente como foram distribuídos os quatro mil exemplares da primeira tiragem e cada doador receberá um novo exemplar.

Apresentarei em seguida ao leitor a lista de assinaturas e contribuições. – Muitas pessoas preferiram o anonimato e sua vontade foi

4. Sociétés de compagnonnage: associação de solidariedade entre operários, parte do antigo sistema de corporações (Dic. Petit Robert). Neste livro estará sempre traduzido como *associação de solidariedade*. (N. do T.)

respeitada. – Outros quiseram apenas as iniciais. Registrei, quando possível, a condição ou a profissão de cada um para mostrar que me dirigi a todas as classes da sociedade. Quanto aos deputados, acreditei ser melhor não publicar o nome de nenhum deles para deixá-los perfeitamente livres para atacar ou apoiar as ideias expressas neste livro.

<b>Nomes dos assinantes</b>	<b>Contribuição em francos (fr. c.)</b>
1 Senhora FLORA TRISTAN	100
2 Srta. ALINE TRISTAN, operária do setor vestuário	5
3 JULES LAURE, pintor	20
4 MARIE MADELEINE, empregada doméstica	1,50
5 ADOLPHY, arquiteto de parques e jardins	10
6 ED. K., vive de rendas	10
7 Dr. E [VRAT], assinatura de vários amigos que se reuniram	100
8 Coronel BORY de SAINT-VINCENT	10
9 LA SUHARDIÈRE	5
10 G[USTAVE] de B[EAUMONT], deputado	30
11 S[CHÜTZENBERGER], deputado	20
12 Um soldado	1,50
13 NOEL TAPHANEL, entregador de água	0,50
14 P.J. de BÉRANGER	10
15 VICTOR CONSIDERANT	10
16 DESROCHES, engenheiro	10
17 L[AMARTINE], deputado	25
18 Viúva AUGENDRE, lavadeira	1
19 MARIE MOURET, empregada doméstica	0,50
20 Um anônimo	0,50
21 Um padre	2
22 ALPHONSE MASSON, pintor	10

23	H. RAIMOND, proprietário	5
24	S. membro da câmara de comuns	15
25	Um anônimo	5
26	CH., comerciante	200
27	L., deputado	5
28	MARTEAU, porteiro	0,50
29	Sra. DUMONTIER	5
30	JULES DELÉCLUSE, comerciante	3
31	DÉCHEVAUX-DUMESNIL, relojoeiro	0,50
32	B. LEVILLAIN, advogado	1
33	G.C.	10
34	GUÉRIN, proprietário	40
35	RENUAD, proprietário	10
36	Dr. VOISIN	20
37	ED[OUARD] DE POMPÉRY	5
38	EUGÈNE SUE	100
39	Sra. J. LORMEAU	1,50
40	GEORGE SAND	40
41	V[ICTOR] SCHOELCHER	40
42	P.E.	10
43	Srta. JOSÉPHINE FOURNIER	50
44	Um anônimo	100
45	Senhora de MARLIANI	10
46	C..., deputado	20
47	O cavaleiro Raba, proprietário	20
48	De B. deputado	10
49	JULES LEFÉVRE, escritor	5
50	[PELLEGRIN-LOUIS] ROSSI	10
51	General JORRY	50

52	EUSTACHE J...	10
53	CHARLES PONCY, pedreiro em Toulon	3
54	PHIQUEPAL D'ARUSMONT	25
55	Senhora HORTENSE ALLART	5
56	ARSENNE, pintor	10
57	A. ETEX, escultor	5
58	Sra. PAULINE ROLAND	5
59	[ADOLHPE] BLANQUI, diretor da Escola de Comércio	15
60	BOCAGE, ator	20
61	FRÉDÉRIK-LEMAITRE, ator	10
62	AGRICOL PERDIGUIER, carpinteiro	3
63	VEZÉ, comerciante	0,50
64	De L., deputado	10
65	Sra. SOPHIE Dona, vive de rendas	5
66	JAQUES LEGRAND, operário confecção de roupas de baixo	1,50
67	H.C., deputado	5
68	M., deputado	5
69	MARTINEZ DE LA ROSA, ex-ministro	5
70	Sra. VIRGINIE ANCELOT, autora de teatro	20
71	Sr. LOUIS BLANC	3
72	Sra. J. BACHELLERY, dona de pensão	5
73	B., deputado	10
74	VICTOR HENNEQUIN, advogado	5
75	F. PONSARD, autor de teatro	3
76	Senhora DESBORDES VALMORE	5
77	Sra. BIBEREL DE SAINT-GERMAIN	5
78	ROSENFELD, tipógrafo	3
79	BLAERE, sapateiro	0,50
80	Um anônimo	2

81	[LOUIS] VINÇARD, operário em pesos e medidas	2
82	Srta. CÉCILE DUFOUR	1
83	Sra. ANAÏS SÉGALAS	5
84	Senhora Baronesa de AURILLAC	5
85	Conde de LAROCHE-LAMBERT	5
86	Um anônimo	3
87	CHAALES, vive de rendas	5
88	Senhora Baronesa ALOYSE DE CARLOWITZ	5
89	Srta. SYDONIE DE CARLOWITZ	3
90	Uma senhora polonesa	10
91	CÉSAR DALY, arquiteto	10
92	C., cabeleireiro	1
93	P. DURAND, carpinteiro em Fontainebleau	3
94	De CHÉNIER, advogado	5
95	ÉMILE SOUVESTRE, autor de teatro	5
96	LOUIS WOLOWSKI, professor de legislação industrial no Conservatório	5
97	De C., deputado	20
98	J. L.	5
99	A. C., deputado	10
100	TISSOT, da Academia Francesa	5
101	PIERRE MOREAU, serralheiro em Auxerre	5
102	Sra. LOUISE COLET	5
103	PAUL RENOUARD, gráfico	5
104	AUGUSTE BARBIER	10
105	FIRMIN DIDOT, irmãos, gráficos	10
106	A., deputado	10
107	LACOUR e MAISTRASSE, gráficos	10
108	C., proprietário	10

109 Sra. EUGÉNIE LEMAITRE	1,50
110 E. BARRAULT	10
111 G. DUPREZ, artista lírico	5
112 Sra. ÉMÉLIE, modista	1
113 CELSE PARETTO, arquiteto	25
114 PAUL DE KOCK	1
115 F. POULTIER, artista lírico	5
116 GUSTAVE BARBA, editor-livreiro	5
117 E. D., promotor	10
118 Um anônimo	5
119 Sra. M., vive de rendas	2
120 Um anônimo	3
121 L. DESNOYERS	5
122 MARIE DORVAL, atriz	5
123 Quatro estudantes	4
Total de entradas	1.548,00
GASTOS - Custos de impressão, do papel, de matriz tipográfica etc.	932

Com todas as despesas pagas, vê-se que ainda me sobram 616 fr. Este dinheiro será gasto com correio e outros.

Todos estes detalhes talvez pudessem parecer um pouco longos; mas se o leitor considera minha situação excepcional, ele compreenderá que eu devia esta explicação.

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que quiseram de bom grado me ajudar com seu apoio e me honrar com sua simpatia.

FLORA TRISTAN  
17 de maio de 1843







## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

O livro a UNIÃO OPERÁRIA foi impresso graças à cooperação de um grande número de pessoas, aliás, devo conforme o prometido, prestar contas exatas de tudo o que foi feito moral e pecuniariamente por esta obra desde a publicação de sua primeira edição.

Os princípios e ideias expressos neste pequeno livro, a UNIÃO OPERÁRIA, produziram na mente de operários *inteligentes* uma impressão muito mais profunda que nem eu mesma podia esperar. – Vou contar simplesmente os fatos deixando que o leitor julgue em seguida os resultados obtidos. Ele verá como os operários, aparentemente mergulhados em um torpor próximo da morte, são, no entanto, susceptíveis de *despertar repentinamente* quando lhes falamos em nome de seus *interesses reais*, de seus *direitos essenciais* e de sua *dignidade de homens livres* como *cidadãos e irmãos*.

Este pequeno livro foi posto à venda em 1º de junho de 1843 e enviado a todas as associações de solidariedade de diversas ocupações e às *sociedades de União*<sup>5</sup>. Eu mesma o distribuí em todas as grandes oficinas de Paris três mil folhetos<sup>6</sup>. – Em 10 de julho, já havia recebido 43 cartas de operários de Paris e do interior; 35 operários de todas as ocupações vieram até mim para *oferecer seus serviços à causa*. – Aceitei sua boa vontade e os encarreguei de vender o pequeno livro *a outros operários*. Todos compreenderam perfeitamente o quão importante é para mim que este pequeno livro chegue direto a seu endereço, quer dizer *dentro dos bonés dos operários*.

Reconheço com satisfação que estes operários difundiram o livro com muito zelo – e devo dizer também que nesta circunstância tiveram de provar grande *dedicação* e, sobretudo, uma *grande*

5. Vejam a carta que lhes dirigi: Srs. Eu vos envio por correio postal um exemplar do pequeno livro a UNIÃO OPERÁRIA e vos convido a lê-lo, discuti-lo e estudar com toda a atenção possível as questões que tratei nesta obra.

Não pertenço a qualquer *grupo político*, de *qualquer personalismo*. Então é somente do ponto de vista do *bem comum* que tratei a questão da *União entre todos os operários*. Para mim não existem nem *gavots*, nem *dévoirants* [diferentes associações de solidariedade entre operários, (N. do T.)], mas somente *homens iguais*, cidadãos que têm os mesmos direitos e os mesmos interesses, irmãos infelizes que devem se amar e se unir para demandar pacificamente seus direitos e defender seus interesses.

Senhores, eu vos suplico que leiam meu pequeno livro com imparcialidade. Não se tornem cegos por um preconceito absurdo e funesto. Que o fato de ser *mulher* não seja para vocês um motivo de repulsa em relação à minha obra. Pensem que o amor, a inteligência, a força *não tem sexo*. Ao ler o livro a UNIÃO OPERÁRIA, preocupem-se somente em estudar o valor das ideias que aí se encontram. Se vocês as consideram *boas, racionais e realizáveis* deixem-me a parte e façam que elas se tornem *suas*. O que eu desejo não é a glória vã de ter feito um livro. Não, graças a Deus! Eu estou acima desta pequenez. *Servir eficazmente à classe a mais numerosa e a mais útil* é o que quero e para que dedico meu trabalho. Isto é tudo o que eu desejo e nada mais.

Vocês verão em meu prefácio que não faço da venda deste livro um *assunto comercial*. O dinheiro que dele resultará será utilizado a *serviço da causa*. É por isto, Senhores, que venho sincera e fraternalmente pedir que me ajudem a colocar este livro *entre os operários*. É *pela causa* e não por mim que peço seu apoio. Se, em um ano conseguirmos que cada operário tenha o livro UNIÃO OPERÁRIA dentro de *seus bonés*, em três anos a *união universal* de operários e operárias será possível e, então, meus irmãos, estaremos salvos.

Recebam, Senhores, cordiais saudações daquela que é *sua irmã na humanidade*,

FLORA TRISTÁN

P.S.: Vejam qual será o número de exemplares que vocês acreditam poder distribuir entre os operários e me escrevam, eu os enviarei por carroça ou diligência de modo a evitar os gastos de correio que são enormes. Quando tudo estiver vendido vocês me repassarão o montante de dinheiro proveniente desta venda.

6. Os folhetos são o resumo do que se encontra à página 154.

*paciência*; pois não é pouca coisa convencer os operários (me refiro à massa), fazê-los *compreender algumas ideias fundamentais* e principalmente conseguir que *leiam um livro sério*.

Em cinco meses foram vendidos *por operários a outros operários* entre 800 e 900 exemplares de UNIÃO OPERÁRIA. Até hoje, 15 de dezembro, recebi de 87 operários ou associações de solidariedade e outros, de Paris e da província, 237 cartas<sup>7</sup>, mais um grande número de visitas de operários, todos vinham me pedir que lhes dissesse como *poderiam servir à causa*.

Todas estas cartas, com exceção de umas poucas, foram redigidas no mesmo espírito e exprimem os mesmos sentimentos. – A bem da verdade, não poderia ser de outra maneira porque só aqueles que simpatizam com minhas ideias me escreveram e vieram até mim. Todos expressaram seu desejo ardente de *se unirem*. “Nós estamos bem convencidos, diziam, que a *união faz a força*, desejamos de todo coração nos unir e estamos decididos a seguir os bons conselhos que a senhora nos dá neste pequeno livro. – A única coisa que nos constrange é o fato de estarmos divididos cada um de um lado.”

Todos desejam se unir a fim de serem *fortes*: hoje *todos* os operários sentem sua *fraqueza* e sofrem com seu *isolamento*.

Agora é preciso dizer toda a verdade: – as profundas e importantes questões de *economia social* tratadas no livro a UNIÃO OPERÁRIA *não foram compreendidas pelos operários* (com exceção de alguns).

7. Não recebi nenhuma carta de uma *operária*. Somente duas jovens lavadeiras vieram me procurar por sua própria iniciativa e me ofereceram cada uma a doação de 2 francos a cada três meses, me implorando usar este dinheiro *a serviço da causa*. – Uma terceira mulher do povo me foi trazida. – Não houve outras manifestações da parte de mulheres operárias. – Com isto temos três mulheres para 87 homens.

O operário francês é um *ser a parte*, não parecendo em nada com operários de *outros países*. – Ele tem dentro si um amor inexplicável pela palavra *liberdade* que o leva à excitação, quase à loucura! – Esta palavra *liberdade* (que até agora não passava de uma *palavra*), implantada em sua mente desde 1789 por uma força misteriosa e sobre-humana, se instala com a tirania da *ideia fixa*. Assim é o *operário francês*: prefere sofrer o desemprego, a miséria, a fome! ... do que *perder* o que chama de – *sua liberdade*. – Então ele rejeita, sem mesmo querer *examinar*, o *direito ao trabalho*, pois vê na realização deste direito uma espécie de *arregimentação*. Não o quer e pronto, rechaça-o com horror. Antes morrer de fome, grita, mas ao menos, morrer *livre*!

Há seis meses que *falo aos operários*, com uma paciência que não me imaginava capaz. Usei de todas as maneiras para lhes demonstrar que a realização do *direito ao trabalho*, como defendia, não os levaria jamais à *arregimentação* que tanto temiam. Mas querer chamar à razão um homem cujo espírito *está possuído* por uma *ideia fixa* é querer que os surdos *escutem* e que cegos *enxerguem*. Quanto mais você procura persuadir esse homem por boas razões, mais seu capricho ocupa seu cérebro e lhe confunde o entendimento. Portanto, o que vejo até o presente é que meus esforços permanecem infrutíferos.

De todos os meios apresentados em meu livro para melhorar o destino da classe operária, somente um tem vivamente atraído a atenção de *todos os operários e operárias*. – O PALÁCIO da UNIÃO OPERÁRIA. – Sobre este ponto, acredito até que *todos estejam de acordo*.

Eis como explico este consenso.

O operário francês, esse *ser a parte*, encontra em sua *força moral* uma coragem que ainda não tem *nome*, mas que mais tarde será chamada de *coragem do proletário*. Armado dessa coragem sem nome, desafia impunemente as fadigas de um trabalho de catorze a dezesseis horas por dia; privações de toda espécie; sofrimentos e dores de toda natureza. É *de ferro* e resiste *a tudo*. – E faz mais, é divertido! ... É um *piadista* que faz graça, ri das suas próprias misérias e canta *para se distrair*. – Mas há na existência do operário francês três desgraças contra as quais sua galhofa e sua filosofia fracassam: – o *centro de caridade*, o *asilo* e o *abrigo para mendigos*.

Ter que inscrever seu nome e seu endereço para receber um *pão* e um *pouco de lenha*... Enviar sua mulher e sua filha para se *extenuar em um asilo* ... E seu velho pai ao *abrigo para mendigos*. Ah! Se o operário é constringido a passar por esta *humilhação*... Pronto! – Sua coragem o abandona completamente, substituída pelo desespero ele chora... Ou mesmo urra! ...

O operário francês pode *sofrer*, mas não pode *mendigar*. Ele tem em si um *orgulho nato* que se opõe a isto. Pode até se curvar sob o peso de uma tarefa enorme que lhe seja imposta, desde que possa manter a *cabeça erguida*. A humilhação o *desmoraliza*, *tira suas forças*, *mata-o*! Para o operário francês há uma espada de Dâmocles ameaçadora e terrível: o *centro de caridade*, o *asilo* e o *abrigo para mendigos*.

Com um cálculo bem simples, demonstrei aos operários que eles *próprios* possuem uma riqueza imensa que podem, *se quiserem se unir*, fazer milhões e mais milhões *com seus centavos*! Quando tomarem posse dessas riquezas poderão construir vastos *palácios-oficinas-fazendas* com um aspecto grandioso e alegre – ao mostrar-

-lhes o *tesouro que possuem*, os libertei da humilhação da esmola e os fiz vislumbrar o paraíso!

Eis o que nos explica esta *unanimidade* com relação ao *Palácio*.

Em todas as cartas dos operários o *Palácio* era a *questão principal*. A ideia de que eles próprios tivessem uma bela habitação, de poder aí educar muito bem suas crianças; de receber os operários acidentados no trabalho e de encontrar eles mesmos uma aposentadoria honrosa quando forem velhos, essa feliz perspectiva os transporta. Todos me falavam disto com emoção e entusiasmo. Escapa-lhes um grito de esperança, um grito de alegria. – Posso então afirmar que todos os operários desejam e estão dispostos a cooperar, cada um conforme suas possibilidades e meios, para a *realização do Palácio da UNIÃO OPERÁRIA*.

Eis o efeito produzido no espírito dos operários por este pequeno livro.

Agora, passemos aos burgueses. – Devo dizer em seu elogio e para *surpresa geral* dos operários que encontrei entre os burgueses *ajuda, simpatia e aprovação*. – Pessoas, homens e *mulheres*, pertencentes à alta burguesia, à nobreza, e até mesmo ao clero, que me escreveram cartas muito bonitas demonstrando seu sincero interesse em relação à classe operária. Vindo a mim, estas pessoas manifestaram seu desejo de serem *úteis à causa dos operários*. Vários me *enviaram contribuições* me pedindo para serem usadas a *serviço da obra*. – Todas estas demonstrações evidentemente não provam que a *parte esclarecida* da burguesia estará disposta a *ajudar* os operários se esses não manifestarem algum esforço para *se unir*.

Vou apresentar aqui algumas passagens de cartas que me foram endereçadas em razão de meu livro. Tornando conhecida a

aprovação dada a minha ideia por homens do mais alto mérito, espero atrair a atenção daquelas pessoas que a lógica de minhas explicações não pôde convencer.

Senhora

Estou emocionado, mais do que consigo vos dizer, sentimentos indulgentes que encontrei expressos em vossa carta e no interessante trabalho que tivestes a bondade de me comunicar. A simpatia profunda que vos anima quanto às misérias sociais que abundam diante de nossos olhos sempre preencheu meu coração; e se realizei de forma bastante imperfeita o que tentei, nada me é mais caro do que reconhecer a sinceridade dos meus esforços por uma pessoa que julga ao mesmo tempo com a alma e com o espírito.

Certamente não cabe a mim dissuadi-la a continuar a nobre e grande empresa que começastes! Já existe gente demais que trata com *ilusão* todo sentimento generoso e de *utopia*, toda reforma social e política. Estou, aliás, bem convencido de que há em vosso projeto um grande fundo de verdade e o princípio de uma instituição nova muito salutar para as classes operárias. As dificuldades de organização são muito grandes: temos de vencer além dos obstáculos inerentes a toda criação, entraves provenientes da autoridade, embaraços legais, dificuldades para recepção de recursos, seu emprego e sua distribuição etc. Não é menos verdade que a criação de um grande asilo, que chamemos *Palácio* ou outro nome, para os inválidos do trabalho e da indústria, é um bonito pensamento; e que a união das classes operárias, todos se cotizando para alcançar este objetivo é o melhor meio. É um pensamento que pode se modificar, se restringir ou expandir, e receber aplicações diversas que pos-

sam ser discutidas; mas repito, em minha opinião, aí está o germe de uma grande instituição a ser criada. Se fordes boa o suficiente, Senhora, para dar algum valor a minha opinião, permita-me de vos oferecer minha sincera e viva concordância.

.....

Permita-me expressar todo meu pensamento. Estou convencido de que veremos crescer a cada dia o número de vozes que se elevarão para defender o grande interesse das classes laboriosas, por tanto tempo abandonadas. Existe aí uma questão de moral e de justiça que uma vez vindo à tona não pode ser negligenciada. É uma causa ganha no momento em que ela é discutida. Mas esteja segura, Senhora, de que os melhores advogados desta nobre causa serão aqueles que a defenderão gratuitamente. Alguns se recusarão a receber um pagamento, por sinal muito legítimo, por seus esforços; e nossa sociedade funciona de tal modo que a voz dos defensores seria menos potente se a percebêssemos pouco interessada. Não devemos nos iludir com o exemplo de O'Connell. *A renda nacional* lhe foi conferida não tanto para que servisse à Irlanda, mas como *recompensa* por já tê-la servido ou ao menos, teve este duplo objetivo. O'Connell prestava à Irlanda já há mais de dez anos os mais imensos serviços que jamais nenhum homem havia prestado a seu país quando o povo irlandês o honrou com um salário nacional. É certo que nada se pode fazer em proveito da melhor causa sem muito dinheiro; mas será somente a associação, quando estiver formada, que deve receber para agir pelo interesse comum. Tem aí matéria de longa deliberação. Para mim, Senhora, que sou engajado em um tipo de trabalho que me absorve por completo, só posso me associar à distância às intenções que reconheço a ex-

celência. De resto estou totalmente convencido que antes de se realizar na prática, as boas ideias contidas em seu livro precisam ser entregues à controvérsia e assim penetrar no sentimento público, e não conheci melhor apóstolo destas ideias do que aquela que as concebeu.

GUSTAVE DE BEAUMONT,  
(Deputado de Sarthe)

Sua ideia tem muita grandeza e força; mas é uma *utopia*; eu o demonstrarei. Não é possível, por razões *internas* e por razões *externas* que esta possa se realizar no atual estado de coisas na França. Mas creio que a *produção* da ideia é boa, com a condição que você a envolva com o manto da alta caridade social e não da revolta. – Vamos nos entender: seja severa, defenda duramente os direitos desconhecidos; mas sem ódio, sem expressão de guerra; – os burgueses também são homens, e é preciso que a emancipação do povo se faça de forma mais inteligente, mais sábia e mais cristã do que como é feito pela burguesia.

Eu não vos aconselho a pôr em prática vossa ideia hoje; deixe-a de lado, volte a ela de tempos em tempos, se ela sorriu aos operários avançados como eu acredito, a Senhora poderá retomá-la para lhes inocular ideias boas e sentimentos elevados.

Acredito que desse modo estareis em excelente posição e que podereis utilizá-la para fazê-lo muito bem. Qualquer que seja a sorte de vosso projeto, vossa obra terá influência sobre os operários; esta é minha maneira de ver.

VICTOR CONSIDERANT  
Redator-chefe de Democracia Pacífica

Prezada Senhora, a leitura de seu pequeno livro foi para mim fonte de alegrias bem vívidas. Concebestes uma obra admirável de caridade e razão e compreendo toda a felicidade que sentistes de tê-la realizado.

...Vosso livro tem um valor *prático* imenso. – Ele não é a pura expressão de teorias e doutrinas cem vezes ensinadas em vão, – é um ato e um ato da mais alta importância. Já discutimos o bastante, hoje é necessário *agir*, se não, ficamos parados no mesmo lugar ou até retrocedemos. A pura especulação jamais realizou um progresso brilhante, uma revolução neste mundo. – Somente a *ação* tem esta força. Alguns pobres pescadores cheios de fé fizeram mais pelo bem da humanidade do que todos os filósofos juntos. Já vos disse, para mim, hoje todo problema consiste em encontrar os meios de aplicação, de ação. – É com alegria que vos vejo entrar por este caminho e, sobretudo, aconselhar meios pacíficos. Os homens que chamaríeis *de razoáveis*, distinguindo-os de *entusiastas e crentes* poderiam muito bem invejar a profunda razão e a habilidade prática de vossas visões e do plano que propões. – Este plano é simples como todas as grandes coisas e traz em si o germe de mil reformas cuja necessidade não é contestada, *em princípio*, por ninguém. É, sobretudo, excelente desde que possa se realizar sem choque violento e sem alarmar os *interesses dominantes*. – Ao contrário com um pouco de reflexão vemos facilmente que todos esses interesses deveriam se aliar para sua aplicação, pois a emancipação gradual e pacífica do trabalho deve necessariamente ser vantajosa, segundo as leis mais simples das ciências econômicas. A Senhora terá a glória de ser a primeira a ter formulado uma ideia fecunda da qual podem dar as mais sérias consequências. –

Qualquer que seja a recepção que tenha, sempre produzirá frutos úteis.

A[UGUSTE] A[UDEMAR]

Advogado da Corte real de [Toulon]

.....

Não discutirei com a Senhora as altas questões de economia política expressas em vosso livro; não estudei estas questões o suficiente e se quiseres que diga todo o meu pensamento, acredito que são prematuras. – Mas um ponto me tocou porque o creio ser realizável, refiro-me ao palácio. Em minha opinião é o ponto mais extraordinário de sua obra. O asilo não convém mais ao nosso século, é uma palavra que se contrapõe a *cidadão*, até mesmo o último dos mendigos, apesar da sua pobreza, é um *cidadão*. – Só a palavra palácio diferente de asilo, de abrigo, ou qualquer outra denominação me parece uma *renovação*. O que diminui o povo é que ele se crê destinado a ser menos. A primeira coisa a fazer seria então elevá-lo a seus próprios olhos. O povo pensa que os ricos o desprezam, ele está errado: eu sou rica, vivo entre os ricos e posso vos afirmar que temos mais estima e respeito por ele mais do que ele próprio demonstra.

#Penso no que as damas da alta sociedade e particularmente da alta nobreza fariam para apressar a construção deste palácio, ao menos tanto quanto (acredito até mais) que fizeram recentemente pelas vítimas do desastre de Guadalupe. É necessário apenas uma ou duas mulheres ativas e bem relacionadas para dar o impulso. – Daí o assunto se tornará moda e em algumas semanas os fundos necessários para um primeiro palácio poderiam ser conseguidos. Veja, cabe à Senhora, criadora da ideia, nos colocar a vosso serviço.

Quanto a mim, sempre me encontrareis pronta a trabalhar pelo bem dos meus irmãos. Logo que vós tereis organizado uma sociedade, um comitê ou qualquer outro meio de ação, apressar-me-ei em colocar a vosso serviço minha boa vontade, minha atividade e alguns recursos pecuniários que fico feliz de poder oferecer a uma tão boa obra.

AMÉLIE DE D..... L.

Senhora,

Permita-me vos dizer como fui tão intensamente tocado pelas ideias de uma só vez grandiosas, práticas e fecundas que distinguem seu eloquente e bonito trabalho sobre a *União operária*.

O admirável exemplo da Irlanda prova a que ascendência às massas pode chegar pela união, sem sair da legalidade. Parece-me que quanto mais as classes laboriosas da sociedade tendem a se aproximar, a unir seus esforços, seus interesses, seus meios de ação, mais peso e autoridade darão às suas legítimas demandas. É neste sentido, Senhora, que vosso projeto relativo à fundação de *PALÁCIOS da União operária* me parece ainda mais excelente pelo fato de ser realizável, imediatamente realizável...

Assim, por meio de uma cotização mínima, os operários poderiam começar hoje mesmo a lançar as bases de um destes edifícios perfeitamente descritos pela Senhora: vastos estabelecimentos onde as crianças encontrarão instrução profissional e os idosos uma aposentadoria honrosa.

Acredito que esta iniciativa tomada pela classe operária teria uma enorme dimensão e posso assegurar-vos, Senhora, que muitos de meus amigos e eu mesmo, ficaríamos orgulhos e felizes de aportar a esta louvável empresa nossas profundas simpatias, nosso ardente

apoio e meios pecuniários para que possamos dispor como subscritores à edificação do *primeiro palácio da União operária*.

Coragem e esperança, Senhora; a causa sagrada a qual vós vos devoteis com tanto coração e abnegação está em progresso. O grito de dor e de miséria dos trabalhadores penetra até as altas esferas da sociedade. Seria blasfemar a humanidade não acreditar que tantas lágrimas serão por fim secas, tanta resignação recompensada, tanto trabalho rude glorificado... Pela *união* as classes operárias podem adiantar este dia feliz... *Ajuda-te... O céu te ajudará...*

EUGÈNE SUE

Eis a passagem de uma carta do Senhor [Adolphe] Blanqui: ele responde a um operário que lhe havia expressado em nome de seus camaradas o desejo que tinham de se cotizar para construir um *palácio* ou um *asilo* para os operários.

...Seu projeto me parece excelente, simples, exequível de todo ponto, é um assunto de ordem e de vontade. Caso conseguirdes, o que creio e espero, construir um asilo para os trabalhadores, com contribuições voluntárias, tereis resolvido um problema imenso. Vós podeis. Será o mais belo abrigo para inválidos de nosso tempo. Basta querer e perseverar. Lembrais-vos que nove décimos do imposto são pagos por cotas anuais inferiores a 10 fr.! Portanto, milhões se fazem com tostões; então vós podeis iniciar algo de sério com pequenas contribuições que não excedem as forças do operário.

Assim sendo, Senhora, não poderia aprovar essa grande experiência que tentais. Estejais certa que quando o momento chegar e que vossa inscrição tiver ganhado o caráter de instituição o país virá em seu auxílio.

Considerando o espírito que reina em todas estas cartas, vemos que se os operários estiverem dispostos a se unir, poderão estar certos de encontrar na burguesia uma cooperação ativa e poderosa.

Encorajada pela simpatia de almas nobres e generosas, vou redobrar os esforços a fim de realizar dignamente a tarefa que me propus; mas devemos compreender que se me deixam portar um fardo tão pesado sozinha, não importa o quão grande seja minha fé e minha caridade, tombarei esgotada sob o fardo.

Venho então *fazer um apelo* às pessoas movidas por uma santa devoção. – Eu lhes peço, em nome da obra, que queiram me ajudar *moral e materialmente*<sup>8</sup>.

É às *mulheres* que me dirijo em particular, porque no estado atual das coisas elas podem servir à causa de *forma mais eficiente que os homens*. Mas é às mulheres inteligentes que amam a Deus e a humanidade que faço este apelo.

Por fim é necessário que paremos de confundir *caridade* com *esmola*<sup>9</sup>. *Há mais de dois mil anos* judeus e cristãos *dão esmola* – e sempre entre judeus e cristãos, há mendigos.

Ah! Se os padres católicos encontram na França *milhares* de mulheres nobres e ricas para fazer delas *senhoras da esmola*, porque então não ter esperança de encontrar nesta mesma França algumas *centenas* de mulheres *inteligentes e devotadas* que considerariam como um *dever*, uma *honra* se fazer *mulher de caridade*?

Examinemos no que difere sua missão: – As *senhoras da esmola* vão às casas ricas pedir *esmolas para os pobres*; – e depois na casa dos po-

8. Eu solicito às pessoas que se interessam pela obra na qual trabalho de entrarem em contato comigo: 89, Rua do Bac, Paris.

9. Caridade – amor de Deus: é a mais perfeita das três virtudes teológicas – O amor, o zelo, a benevolência com o próximo. (Dic.) Esmola – trata-se, sobretudo, de dinheiro: dar esmola, viver de esmola, estar reduzido à esmola (Dic.)

bres para lhes *levar assistência*. Elas também vão às prisões *falar com prostitutas, assaltantes, criminosos*; elas lhes procuram trabalho, lugar para ficar quando saíam da prisão etc. – É certo, há um mérito em cumprir tal missão, mas quais são os resultados? ... – Nenhum! Porque a assistência não pode *extirpar a miséria*, – que tem por *consequências inevitáveis a prostituição, o roubo, o crime*.

As *mulheres de caridade* iriam à casa dos ricos lhes demonstrar que é *seu dever e seu interesse* trabalhar para *extirpar a miséria*, de modo a que não existam mais *nem prostitutas, nem criminosos*; elas lhes demonstrarão que isto é *possível*, se quiserem se comprometer a doar durante dez anos, *de maneira regular*, a soma que davam cada ano a *esmolas diversas*. – Elas lhes provarão, em números, que com todo o montante que a França dá em esmolas e é distribuído em *assistências individuais isoladas em cada sócio*, em menos de três anos, poderíamos criar trabalhos *industriais e agrícolas* em grande escala de maneira a poder assegurar a *todos e todas* que trabalhem, os meios de vida adequados. – Em seguida, iriam às oficinas, à casa dos operários da cidade e do campo para lhes instruir sobre *seus direitos, seus deveres e seus interesses*. Aquelas que tenham talento poderiam instruir *coletivamente*. Aquelas que tenham fortuna poderiam pagar a *sindicalistas zelosos, inteligentes e ativos* cuja tarefa seria ir a toda parte que conhecem para fazer *propaganda*.

Eis o que considero uma missão santa e sublime, digna de uma mulher *realmente caridosa, realmente religiosa*. É em nome do amor a Deus e à *humanidade* que convido e rogo às mulheres inteligentes de fundar a *ordem das mulheres de caridade*<sup>10</sup>.

10. Nós lemos em *Democracia pacífica* de 26 de novembro de 1843: “Eis um exemplo que merece ser mostrado aos clérigos da França e da Europa. Eis uma prova viva do progresso intelectual que se opera no seio da hierarquia

Passemos agora à parte material.

Foram vendidos 1.500 exemplares do livro, a maior parte a 25 ou 30 centavos (por causa dos descontos que foi preciso fazer).

500 fr.

Os demais foram entregues *em boas mãos*.

Restava-me das primeiras contribuições 616 fr.

Gastei em despesas de correio, cartazes, folhetos (12.000) etc.

120 fr.

.....

620fr.

Recebi novas contribuições 1.104,50 fr.

Total 1.724,50

Acabo de imprimir a segunda edição com dez mil exemplares, o que custou, tudo incluído, 2.200 francos.

católica, Honra ao Senhor Bispo cardeal de Malines que pensa que a caridade cristã não deve se limitar a dar esmola, mas que ela deve sobretudo se ocupar a dar trabalho..."

"Senhores padres,

Em sua carta de 16 de setembro último, o Senhor Ministro da Justiça me informou que para remediar o mal-estar das classes operárias, o governo [belga] chamou atenção das autoridades provinciais sobre as vantagens que resultariam para os pobres a organização de oficinas de aprendizagem de profissões ou escolas-manufaturas, bem como o estabelecimento de comitês de assistência destinados a encontrar matérias primas e trabalho aos operários necessitados. O Senhor Ministro acrescenta que seria desejável que nas localidades totalmente agrícolas, os centros de assistência social se ponham de acordo com as administrações comunais para substituir a assistência gratuita por salário de trabalho ocupando os operários pobres na abertura de terras para cultivo ou na reparação de estradas vicinais e comunais, a fim de manter entre eles o hábito do trabalho e ao mesmo tempo lhes assegurar os meios de subsistência.

.....

Vós sabeis, senhores padres, que mesmo que a saúde da alma seja o objetivo de nosso santo ministério, devemos também amar contribuir com o bem estar corporal de nosso próximo e aliviar suas necessidades temporais, além do que este é um meio muito eficaz de fazê-los amar a religião."

.....

ENGELBERT, Cardeal arcebispo de Malines.

"Esta carta é extraordinária seja pela razão seja pelo espírito cristão. Encontramos nela dois princípios eminentemente religiosos e em total conformidade com os dados da ciência.

O primeiro destes princípios é o de que a esmola deve ser transformada. A caridade deve prevenir a miséria mais do que aliviá-la. No processo social, a esmola não pode ser considerada mais do que um acessório; para as classes pobres o principal é o uso de seus braços no trabalho. A organização do trabalho é essencial, fundamental; a organização da assistência não é mais que provisória, subsidiária.

O segundo princípio é a religião cristã, mesmo que ela se ocupe principalmente da saúde das almas, ela deve também contribuir com o bem estar material do povo."

Na terceira edição, prestarei contas destes dez mil exemplares.

Paris, 20 de janeiro de 1844

### NOVA LISTA DE APOIADORES

<b>Senhor/Senhora</b>	<b>Contribuição em francos (fr. c.)</b>
1 Srta. ALINE TRISTAN	20
2 MARIE-MADELEINE, doméstica	1
3 JULES LAURE, pintor	20
4 Cinco operários coureiros	10
5 PIERRE VANDERVOORT, comerciante	20
6 Três atrizes	18
7 Sra. A. ARNAUD, escritora	5
8 [PETER] HAWKE, pintor	10
9 CONSTANT BERRIER, autor de teatro	5
10 CANTAGREL, jornalista	10
11 Um artista	5
12 L., empresário	10
13 EUGÈNE C.	5
14 VICTOR STOUVENEL	5
15 V.B.	10
16 Sra. MARIE de S.	10
17 Marquês de L.	20
18 [MARC-ANTOINE] JULLIEN, de Paris	5
19 Dr. R.	10
20 F.	5
21 GANNEAU	1
22 O. N., deputado	10
23 Dr. [ADRIEN] RECURT	5

24	Um refugiado italiano	5
25	PRUDHOMME, livreiro	5
26	LÉPAULLE, pintor	5
27	DELLOYE, editor	5
28	Pelas mãos de M. MICHEL, operário	12
29	AUGUSTIN, empregado	5
30	Um anônimo	5
31	Duas operárias lavadeiras	4
32	Um comerciante	5
33	MOYSÉS, comerciante	2
34	Vários operários reunidos	30
35	Sra. PAULINE ROLAND	5
36	SURBLED	5
37	Um oficial	2
38	BENOIT, corretor	3
39	Dois sindicalistas	10
40	DESROCHES, engenheiro de minas	10
41	Um anônimo	40
42	SAIVE, operário chapeleiro	0,50
43	De S[CHONEN], membro da Câmara dos Pares	10
44	AUGUSTE AUDEMAR, advogado	20
45	DUVERGER, mestre gráfico	5
46	VICTOR BRISSON	5
47	F.	5
48	BOURRIN, doméstica	5
49	Senhora princesa CHRISTINE BELGIOJOSO	20
50	R. CELSE PARETO, arquiteto	10
51	JOSEPH CORNERO, advogado	10

52	Dr. B.	10
53	MORICEAU, advogado	5
54	Coronel BORY de SAINT-VINCENT	15
55	CÉSAR DALY, arquiteto	10
56	C[ONSTANTIN] PECQUEUR	2
57	L., proprietário	300
58	PHILIPPE BENOIST, pintor	5
59	A. BAYOT, pintor	5
60	T. H., proprietário	7
61	EDME, operário mecânico	2
62	Sra. SOPHIE C.D.	5
63	DUBOIS, operário tipógrafo	2
64	[ELIAS] SCHILLER, mestre gráfico	1
65	EUGÈNE SUE	20
66	GÉRARD SÉGUIN, pintor	10
67	Srta. ERNEST GÉRARD, professora de canto	5
68	Um oficial	5
69	L.	5
70	J. C.	3
71	Pelas mãos do sr. LEGALLOIS	25
72	CHARLES F., estudante	5
73	Um oficial	3
74	VICTOR HENNEKIN, advogado	5
75	Um padre	3
76	Um anônimo	5
77	ADOLPHE LEGRAND	10
78	CHARLES COUBAULT	5
79	FRODET, professor	3

80	A. LATOUR, professor	2
81	LÉON	5
82	Operários falansterianos	5
83	J., M., J., operários	20
84	REYNIER, operário tecelão de seda	2
85	MARC FOUGER, operário serralheiro	2
86	L. V. ISORE filho, operário pedreiro	2
87	JULIEN GROS MEN, operário coureiro	2
88	Uma senhora polonesa	5
89	Um anônimo	5
90	DE LA SUHARDIÈRE	5
91	Senhora HORTENSE de MÉRITENS, escritora	5
92	HORS, gráfico	10
93	ESCALÈRE, pai, comerciante	10
94	GUSTAVE JOURDAIN, estudante	3
95	F., escultor	3
96	DELOIN	1
97	DE T., deputado	20
98	JULES LOVY	10
99	A. THYS	10
100	ED[OUARD] de POMPÉRY	5
101	[ADOLPHE] BLANQUI, diretor da Escola de Comércio	15
102	Sra. MAXIME, artista de teatro	10
		1.104,50





## PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

(TIRAGEM DE DEZ MIL EXEMPLARES)

○ povo costuma manifestar sua opinião por meio *de fatos*. –  
Fala pouco, não escreve, age.

O *fato*, – eis o SEU *argumento*.

Inútil então usar *belas frases* sobre o *entusiasmo* dos trabalhadores de Lyon com relação ao *pequeno livro* a UNIÃO OPERÁRIA. – Vamos nos limitar simplesmente a contar os *fatos*.

Julgando *útil* que o *pequeno livro* chegasse a um grande número de integrantes da classe operária, muitos operários tiveram a ideia de fazer uma terceira edição impressa em Lyon, e é preciso dizer, *a expensas dos trabalhadores lioneses*.

O pequeno e *zeloso* grupo que veio me fazer esta proposta juntou o fato à palavra contribuindo, imediatamente, com quatro mil exemplares a 25 centavos (mil francos). Outros grupos se formaram e contribuiram cada um com certo montante.

Vejam que deste modo a *individualidade desaparece*. – Desta vez, na lista de contribuições não há mais *nomes próprios* – mas nomes de *grupos* e somente *grupos*.

Operários! Esse é um pensamento altivo e belo que tiveram; – *se agrupar é se UNIR*.

Esse fato por si só *prova* que vocês *compreenderam* o pensamento do *pequeno livro* – a UNIÃO.

Companheiros, vocês não poderiam me dar uma melhor demonstração de gratidão e que me fosse mais preciosa! – Estou profundamente sensibilizada.

Encorajada por tamanha recompensa, não temo mais *fracquejar*; – não, sei agora que vocês *compreenderam*.

Se as rivalidades e os ódios já diminuem, se há *acordo e fraternidade* o bastante entre todos e todas para que *grupos possam se formar*, o que devemos esperar do futuro! – Companheiros! Vamos todos e todas repetir em voz unânime: a união faz a força! *Somente a união* pode nos SALVAR!

FLORA TRISTAN

Lyon, 7 de junho de 1844

## LISTA DE CONTRIBUIÇÕES

	<b>Contribuição em francos (fr. c.)</b>
Um grupo de operários e de operárias devotos à causa	1.000 fr
Um grupo de mulheres operárias	50 fr.
Um grupo de operários que trabalham com veludo	100 fr.
Um grupo de operários comunistas	100fr.
Um grupo de operários falansterianos	50 fr.
Um grupo de burgueses simpáticos à causa	200 fr
	1500 fr.

## AOS HOMENS E ÀS MULHERESQUE SE SENTIRÃO COM: FÉ-AMOR-INTELIGÊNCIA-FORÇA-ATIVIDADE

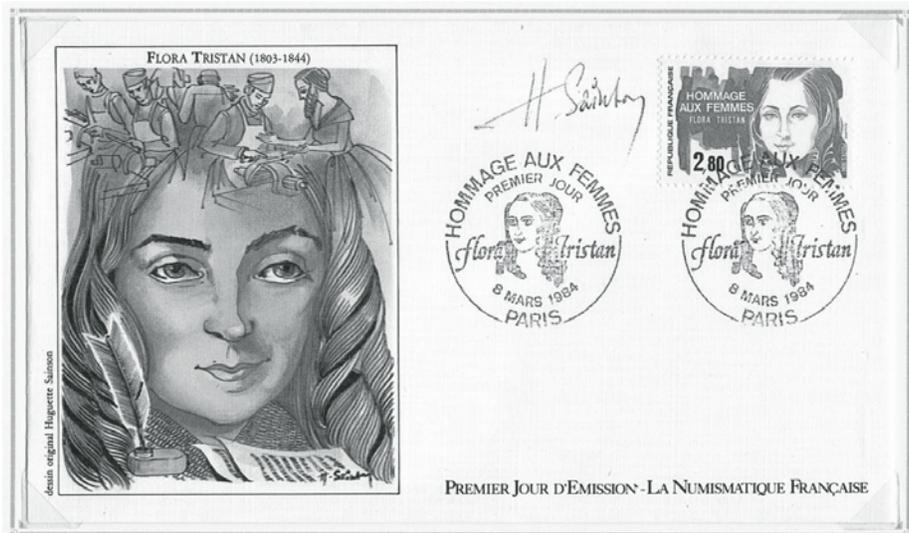
Gostaria de começar este pequeno livro com um *canto* que resumisse minha ideia: – a UNIÃO, – e tivesse por refrão: – “Irmãos, unamo-nos! Irmãs, unamo-nos!” – O canto produz sobre os operários reunidos em massa um efeito extraordinário carregado de *magnetismo*. Com a ajuda de um canto podemos, conforme nossa vontade, fazer heróis prontos para a guerra ou homens religiosos prontos para a paz.

Fui ter diretamente com Béranger, o poeta de *todos* e lhe pedir o canto da UNIÃO. – O grande homem e magnífico poeta me recebeu fraternalmente e me disse com uma inocência digna do bom La Fontaine: – “Vosso título é bonito, muito bonito! Mas fazer um canto que responda a este título vai ser difícil e não faço cantos quando e como gostaria. – Para isto é preciso que eu espere a *inspiração*..., e estou velho, doente e neste estado, a inspiração se faz esperar. – Enfim, se o *canto* me vier, eu o oferecerei aos operários como expressão da minha afetuosa simpatia.”

Em seguida, escrevi ao sr. Lamartine; ele me respondeu – que uma *Marselhesa da paz* apresentava muitas dificuldades. Terminou a carta me prometendo que pensaria no assunto e que se conseguisse fazer alguma coisa satisfatória, enviaria para o pequeno livro a UNIÃO OPERÁRIA.

Escrevi sobre este assunto a vários *operários poetas*. – Esperemos que respondam ao meu apelo, que este grande e belo pensamento de fraternidade humana os inspire e que cantem a UNIÃO.







# AOS OPERÁRIOS E ÀS OPERÁRIAS

## OPERÁRIOS E OPERÁRIAS

uçam! – Há 25 anos os homens mais inteligentes e mais devotados consagraram sua vida à defesa de sua santa causa<sup>11</sup>; eles, por meio de escritos, discursos, relatórios, memórias, pesquisas, estatísticas, assinalaram, constataram e demonstraram ao governo e aos ricos que a classe operária está, no estado atual das coisas, material e moralmente em situação de intolerável miséria e dor; – Esses homens demonstraram que desse estado de abandono e de sofrimento resulta necessariamente que a maior parte dos operários, amargurados pela tristeza, embrutecidos pela ignorância e por

---

11. Saint-Simon, Owen, Fourier e suas escolas; Parent-Duchâtelet, Eugene Buret, Villermé, Pierre Leroux, Louis Blanc, Gustave de Beaumont, Proudhon, Cabet; – e entre os operários, Adolphe Boyer, Agricol Perdiguier, Pierre Moureau etc.

um trabalho que excede suas forças, acabam se tornando seres perigosos para a sociedade; – e ainda provaram ao governo e aos ricos que não é somente a justiça e a humanidade que impõem o dever de socorrer as classes operárias por meio de uma lei sobre a organização do trabalho, mas que é o interesse e a segurança geral que esta medida reclama imperiosamente. – E então! Faz 25 anos que tantas vozes eloquentes vêm se expressando e ainda não conseguiram despertar a solicitude do governo quanto aos perigos que a sociedade corre frente a sete ou oito milhões de operários exasperados pelo sofrimento e pelo desespero, dos quais um grande número se encontra entre o suicídio... Ou o roubo! ...

Operários, o que se pode dizer agora em defesa de vossa causa? ... Por 25 anos já não foi dito tudo, de todas as formas até a sociedade? Não há mais nada a ser dito, a ser escrito, porque vossa infeliz condição é conhecida por *todos*. Só resta uma coisa a ser feita: *agir em consonância com os direitos inscritos na Constituição*.

É chegado o dia, é preciso agir e cabe a vocês, somente a vocês agir no interesse de vossa própria causa. – Assim está posto a vida... ou a morte! Esta morte terrível que mata a cada instante: a *miséria* e a *fome*!

Operários, chega de esperar a intervenção que reivindicamos por vocês há 25 anos. A experiência e os fatos dizem o suficiente: o governo *não pode* ou *não quer* se ocupar da sua sorte buscando melhorias. – Se quiserem firmemente, só depende de vocês sair do círculo de misérias, de sofrimentos e de humilhações onde vocês definham. Querem garantir a seus filhos e a vocês mesmos o benefício de uma boa educação profissional, a certeza do repouso na velhice? Vocês podem.

Sua ação não é a revolta à mão armada, a sublevação em praça pública, o incêndio ou o saque. Não, pois a destruição em vez de remediar seus males só os fará piorar. As revoltas de Lyon e Paris estão aí para atestar. – Vocês têm somente uma ação que pode ser confessada diante de Deus e dos homens: – É a UNIÃO UNIVERSAL DOS OPERÁRIOS E DAS OPERÁRIAS.

Operários, sua condição na sociedade atual é miserável, dolorosa: em boa saúde, vocês não têm *direito ao trabalho*; – doentes, enfermos, acidentados ou idosos, não têm nem mesmo *direito ao hospital*; pobres, carentes de tudo, vocês *não têm direito à esmola*, porque a mendicância é proibida por lei. – Esta situação precária os mergulha em um estado selvagem em que o homem, morador das florestas, é obrigado a cada manhã a pensar no mínimo com a comida daquele dia. – Tal existência é um verdadeiro suplício. A sina do animal que ruma no estábulo é mil vezes preferível à sua, pois ele tem a certeza de que vai *comer no dia seguinte*. Seu dono guarda para ele no celeiro palha e feno para o inverno. A sina da abelha em um buraco no tronco da árvore é mil vezes preferível à sua. A sina da formiga que trabalha no verão para viver tranquila no inverno é mil vezes preferível à sua. Operários, vocês são infelizes, sim, não há dúvida; mas de onde vem a principal causa de seus males? ... Se uma abelha e uma formiga, em vez de trabalhar em acordo com outras abelhas e formigas para abastecer a morada comum para o inverno, decidissem se separar e trabalhar sozinhas, elas morreriam de frio e de fome em seu canto solitário. Então, por que vocês querem continuar no isolamento? ... – Isolados, vocês são frágeis e terminam sufocados sob o peso de misérrimas de toda sorte! Então! Saiam de seu isolamento: unam-se! *A união faz a força*. Vocês têm a seu favor o número, e o número é muita coisa.

Proponho a vocês uma *união geral* entre os operários e as operárias, sem distinção de profissões, habitando o mesmo reino: união que teria por objetivo CONSTITUIR A CLASSE OPERÁRIA e construir vários estabelecimentos (Palácios da UNIÃO OPERÁRIA) distribuídos igualmente por toda a França. Lá, seriam educadas as crianças dos dois sexos, dos seis aos dezoito anos, ali ainda receberíamos os operários doentes ou acidentados e os idosos<sup>12</sup>. Vejam os números e terão uma ideia do que se pode fazer com UNIÃO.

Existem na França cerca de cinco milhões de operários e dois milhões de operárias<sup>13</sup>. Que estes sete milhões de operários se unam pelo pensamento e pela ação, visando uma grande obra comum em proveito de *todos e de todas*: que cada um doe para isto dois francos por ano e ao final de um ano a UNIÃO OPERÁRIA possuirá a enorme soma de *catorze milhões*.

Vocês me dirão: – Mas como nos *unir* por esta grande obra? Por posição e por rivalidade de ofícios, estamos todos dispersos, somos com frequência inimigos e estamos em guerra uns contra os outros. – Afinal, dois francos de cotização anual é muito para os pobres que recebem por dia!

A essas duas objeções, responderei: Que se *unir* para a realização de uma grande obra não é o mesmo que associar-se. Os soldados e os marinheiros com uma retenção em seu salário contribuem cada um, em partes iguais para um fundo comum que serve para manter três mil soldados e marinheiros no Abrigo dos Inválidos, para isto

12. Ver o capítulo IV sobre como procederemos às admissões.

13. Para conhecer estes dados com exatidão ver as obras de estatísticos e o trabalho marcante de M. Pierre Leroux, *De la Ploutocracie*.

eles não estão associados entre eles. Eles nem têm a necessidade de se conhecer, nem de simpatizar com as opiniões, gostos ou caráter uns dos outros. Basta que saibam que todos os militares por toda França contribuem com a mesma cotização: assegurando aos feridos, doentes ou idosos o *direito* à entrada no Abrigo dos Inválidos.

Quanto ao montante, vos pergunto, quem dentre os operários, mesmo dentre os mais pobres, não poderia, economizando um pouco, conseguir no curso de um ano dois francos de cotização que lhe assegure uma aposentadoria para seus dias futuros (isto não é mais do que dezessete centavos por mês) – Ah! Seus vizinhos, os pobres irlandeses, *o povo mais pobre de toda a terra*, o povo que *só come batatas*, e que *só come a cada dois dias*<sup>14</sup>! Este povo (eles não contam mais que sete milhões de almas) encontraram os meios de remunerar um homem com *quase dois milhões*. O’Connell<sup>15</sup>, seu defensor é verdade, mas enfim *a um só homem* e por *doze anos*! E vocês, povo francês, *o mais rico de toda a terra*, vocês não encontrariam os meios para construir vastos palácios salubres e cômodos, para receber seus filhos, seus doentes e seus idosos? – Oh! Seria uma verdadeira vergonha, uma vergonha eterna mostrando seu egoísmo, sua imprudência e sua falta de inteligência! Sim, sim, se os operários irlandeses com os pés descalços e *os ventres vazios* deram, *durante doze anos, dois milhões em honorários* ao seu defensor

14. O irlandês só come carne uma vez ao ano, no natal. “Todos sendo muito pobres só têm para comer o alimento mais barato do país, as batatas, mas nem todos consomem a mesma quantidade: uns, os privilegiados, comem três vezes ao dia; outros menos felizes, duas vezes; aqueles em estado de indigência somente uma vez; e há aqueles ainda mais desprovidos que passam um dia, ou mesmo dois, sem comer nada.” *Irlanda social, política e religiosa*, de M. G. de Beaumont, primeira parte, cap. I – Para mais detalhes ver a continuação do capítulo.

15. O’Connell respondeu ao lorde Shrewsbury que o tinha repreendido pela subvenção anual e voluntária de 75 mil libras esterlinas (1.875.000 fr.) paga pela Irlanda. Sua resposta é muito bonita e termina com estas palavras: “Tenho orgulho de proclamar que sou um servidor assalariado da Irlanda e me orgulho de portar este título.” (Sessão da Câmara dos Comuns, outubro de 1842).

O’Connell, vocês poderiam muito bem, operários franceses, dar catorze milhões por ano para abrigar e alimentar seus *bravos veteranos do trabalho e educar os novatos*.

Dois francos por ano! ... Quem dentre vocês não paga para suas *pequenas associações particulares de solidariedade*, de ajuda mútua e outras, ou mesmo para *seus pequenos maus hábitos* como tabaco, café, aguardente etc., dez e mesmo vinte vezes esta soma? Percebam que dois francos cada um é pouco para se conseguir<sup>16</sup> e cada um doando *pouca coisa* totalizará ao final *catorze milhões*? ... Vocês percebem a riqueza que possuem somente *em razão de seu número*? Mas para se beneficiar desta riqueza é necessário que este número *se reúna*, forme *um todo, uma unidade*.

Operários, deixem de lado todas as suas pequenas rivalidades de ofício e formem para além de suas associações particulares uma UNIÃO compacta, sólida, indissolúvel. Para que amanhã se eleve espontaneamente de todos os corações um mesmo e único pensamento: – a UNIÃO! Que esse grito *de união* ecoe por toda a França e em um ano, se vocês assim o quiserem firmemente, a UNIÃO OPERÁRIA SERÁ CONSTITUÍDA e em dois anos vocês terão em caixa, para vocês e somente para vocês, catorze milhões para que construam um palácio digno do grande povo trabalhador.

Na fachada logo acima da entrada vocês escreverão em letras de bronze:

#### PALÁCIO DA UNIÃO OPERÁRIA

Construído e mantido graças a uma cotização anual de dois francos doada pelos operários e operárias para honrar o trabalho como ele

16. Pode-se mesmo dar a cotização em duas parcelas.

merece ser e recompensar os trabalhadores que nutrem a nação, enriquecem-na e constituem sua verdadeira força.

HONRA AO TRABALHO!  
RESPEITO E GRATIDÃO AOS BRAVOS VETERANOS  
DO TRABALHO!

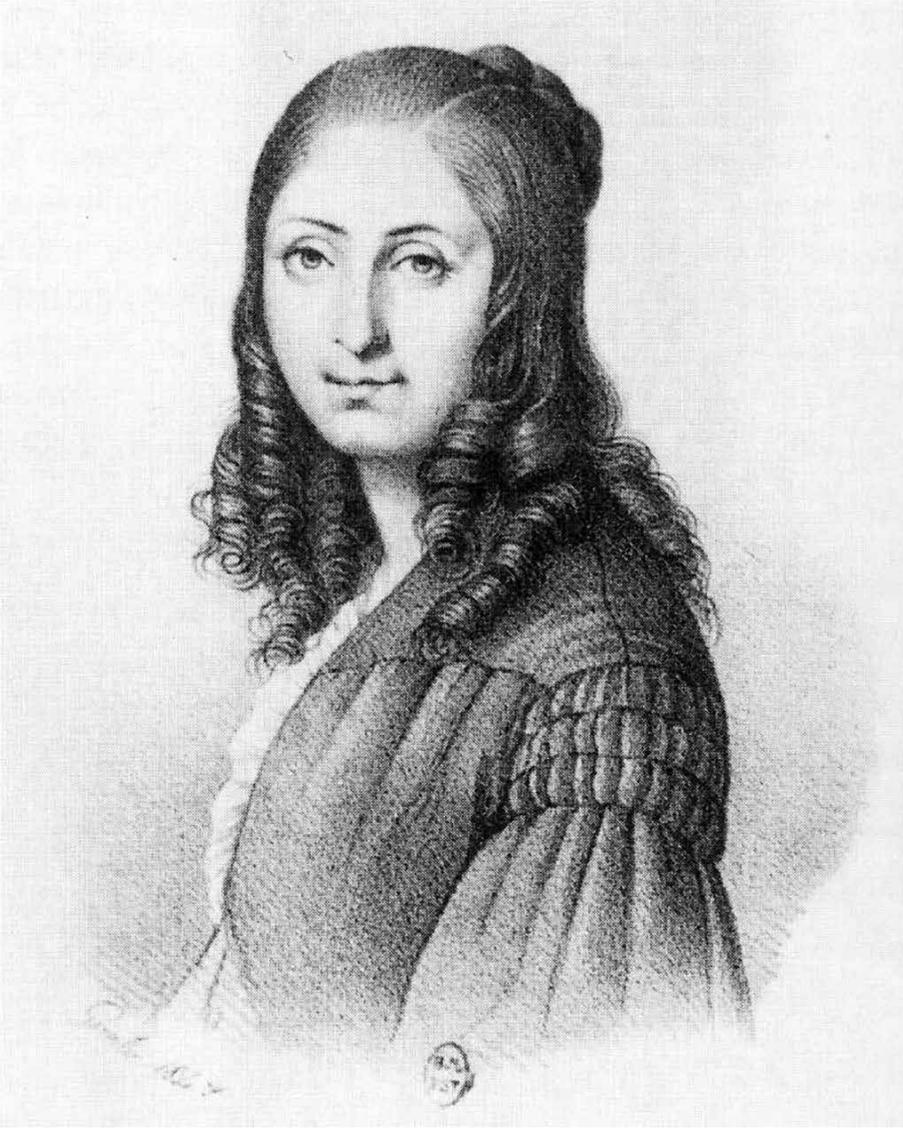
Sim, cabe a vocês, campeões do trabalho, elevar as primeiras vozes para honrar *a única coisa verdadeiramente honorável*, o Trabalho. Cabe a vocês produtores, desprezados até agora por aqueles que os exploram, cabe a vocês serem os primeiros a construir um PALÁCIO para a aposentadoria dos velhos trabalhadores. – Cabe a vocês operários – que constroem palácios de ricos, templos de Deus, casas e asilos onde a humanidade se abriga – construírem enfim um asilo onde possam morrer em paz, vocês que só terão onde descansar suas cabeças se *houver lugar* no abrigo. – Vamos à obra! À obra!

Operários, reflitam bem sobre o esforço que estou tentando fazer junto a vocês para arrancá-los da miséria. Oh! Se vocês não responderem a este APELO A UNIÃO, se por egoísmo, por imprudência, vocês se recusarem a se UNIR... Que poderemos fazer então para salvá-los?

Irmãos, um pensamento desolador vem bater no coração de todos aqueles que escrevem para o povo, que este pobre povo é tão abandonado, tão sobrecarregado de trabalho desde tão jovens, que três quartos deles *não sabem ler* e o outro um quarto *não tem tempo de ler*. – Então, escrever um livro para o povo é como lançar uma gota d'água no oceano. Por isto, entendi que se me limitasse a colocar meu projeto de UNIÃO UNIVERSAL no papel, por

mais magnífico que fosse este projeto, seria letra morta, como já aconteceu com tantos outros planos já propostos. Compreendi que publicado meu livro, eu teria outra tarefa a cumprir, ir eu mesma, meu projeto de união em mãos, de cidade em cidade, de um lado a outro da França falar aos operários *que não sabem ler* e àqueles *que não têm tempo de ler*. – Eu disse a mim mesma que chegou o momento de agir; e para aqueles que realmente amam os operários, que querem se devotar de corpo e alma à sua causa, temos uma bela missão a cumprir. É preciso seguir o exemplo dado pelos primeiros apóstolos de Cristo. – Aqueles homens enfrentando a perseguição e o cansaço, com uma bolsa e um bastão indo de país em país pregando uma NOVA LEI: *a fraternidade em Deus, a união em Deus*. – E então! Porque eu, uma mulher que sente fé e força, não faria o mesmo que os apóstolos, indo de cidade em cidade anunciando aos operários a BOA NOVA e pregando a eles a *fraternidade na humanidade, a união na humanidade*.

Na tribuna das Câmaras, no púlpito cristão, nas assembleias do mundo, nos teatros e especialmente nos tribunais fala-se muito dos operários, mas ninguém ainda tentou falar aos operários. – É uma tentativa que deve ser feita. Deus me diz que conseguirei. – É por isto que abro confiante este novo caminho. – Sim, irei encontrá-los em suas oficinas, em seus sótãos e até mesmo em seus cabarés se for necessário, e então lá, diante de sua miséria irei enternecê-los quanto a sua própria sina e os forçarei, *apesar de sua resistência*, a sair desta horrível miséria que os degrada e mata.





## SOBRE A INSUFICIÊNCIA DAS SOCIEDADES DE AJUDA MÚTUA E ASSOCIAÇÕES DE SOLIDARIEDADE

**A**o ler o *Livro das Associações de Solidariedade* do sr. Agricol Perdiguier, operário carpinteiro, – a pequena brochura do sr. Pierre Moureau, operário serralheiro<sup>17</sup> – o *Projeto de regeneração da associação de solidariedade*, do sr. Gosset, pai dos ferreiros, meu espírito foi tocado, iluminado por esta grande ideia da UNIÃO UNIVERSAL DOS OPERÁRIOS E DAS OPERÁRIAS.

Nestas três pequenas obras muito importantes que acabo de citar vemos a questão dos operários tratada por operários, homens inteligentes e conscientes, que conhecem perfeitamente o assunto que estão tratando. Estas são três obras pensadas e escritas de boa-fé: em cada página encontramos um amor ardente e sincero pela humanidade, qualidades preciosas que nem sempre se encontram em obras acadêmicas escritas por nossos célebres economistas.

---

17. Quando escrevi este capítulo a última obra do Sr. P. Moureau ainda não tinha sido publicada

Depois de nos mostrar como a associação de solidariedade funciona hoje, os três *operários escritores*, cada um segundo seu caráter e sua maneira de ver, propõem reformas notáveis em diversas associações (sr. P. Moreau, sobretudo). – Sem dúvida alguma, essas reformas poderiam melhorar *a conduta dos operários*, mas devo dizer-lhes que o que chamou minha atenção, foi ver que dentre as melhorias propostas do srs. Perdiguier, de Moreau e do *pai dos ferreiros*, não havia nenhuma de natureza a trazer uma *melhoria verdadeira e positiva na situação material e moral da classe operária*. – De fato, supondo que todas essas reformas possam ser realizadas, supondo ainda que de acordo com os desejos do sr. Perdiguier, os companheiros *não disputariam mais entre si*; – e que segundo os desejos do sr. Moreau, toda distinção de ofícios terá desaparecido e as associações formariam somente uma *União geral*; – e ainda de acordo com os desejos do *pai dos ferreiros*, os companheiros não seriam mais explorados pelos donos de cabarés (*mães*): – certamente, esses seriam belos resultados! E então, lhes pergunto em que estas reformas mudariam a condição precária e miserável na qual se encontra mergulhada a classe operária? – Em nada, ou ao menos, em muito pouca coisa.

Não sei como me explicar porque estes três operários escritores, que deram provas de tanta inteligência quando se trata de assinalar *pequenas reformas particulares*, não sonharam em propor um plano de *união geral*, com o objetivo de colocar a classe operária em uma posição social que lhe permita ter o poder de reclamar seu *direito ao trabalho*, seu *direito à instrução* e seu *direito à representação frente ao país*; pois é bem claro que daí decorrem naturalmente todas as outras melhorias. Esta mesma *lacuna* tão importante nos três

escritos designados provocou em mim uma impressão profunda, e foi assim então que meu espírito foi iluminado por este grande e belo pensamento da UNIÃO UNIVERSAL DOS OPERÁRIOS E DAS OPERÁRIAS.

Refletindo sobre as causas que produzem toda sorte de abusos e de males que foram destacados pelos operários escritores, vi de onde partia o mal e compreendi logo qual remédio podemos aplicar. – *A causa verdadeira, a causa única* de todos os males que afligem a classe operária não é a MISÉRIA?

Sim, é a MISÉRIA: – pois pela miséria a classe operária é condenada *de forma perpétua* a estagnar na ignorância; – e pela ignorância a classe operária é condenada *de forma perpétua* a estagnar no embrutecimento e na escravidão! – É então contra a miséria que ela deve lutar; aí está seu inimigo mais perigoso! ...

Propor um meio que, por sua execução simples e fácil, busque para a classe operária a possibilidade de sair gradualmente e sem choques violentos do estado precário em que está mergulhada é, para mim, o único objetivo que devem propor todos os que desejam sinceramente uma verdadeira e eficaz melhoria da classe mais *numerosa* e mais *útil*<sup>18</sup>. – É este meio, fácil de realizar e eficaz pelos resultados importantes que garante, que venho propor aqui.

Operários, devo preveni-los, não vou exalta-los em demasia, detesto bajulação; – minha linguagem será franca, severa; por vezes podem achar mesmo um pouco rude. Creio que é útil, urgente, indispensável que seja dito franca e diretamente quais são seus defeitos, sem receio de ferir seu amor próprio. Quando queremos

18. Eu não sei por que os sansimonistas dizem: – “a classe mais *numerosa* e mais *pobre*”. – A *pobreza* não é uma *qualidade*, longe disso! Substituí a palavra *pobre* pela palavra – *útil*, porque é mais *exata* – e a *utilidade* sendo uma *qualidade preciosa* torna-se para a classe trabalhadora um *título* incontestável.

curar uma ferida a expomos para melhor percebê-la, quanto mais se chega à carne viva mais ela se curará.

Se me dirijo a vocês com esta franqueza com a qual vocês não estão acostumados, em vez de me rejeitar, ouçam-me com mais atenção e tenham sempre em mente que aqueles que vos bajulam têm por objetivo se *servir* de vocês e não *servir* a vocês.

“Digo estas verdades quanto a seus defeitos, dizia Jesus, porque amo vocês; – aqueles que vos bajulam não amam vocês.”

# FLORA TRISTAN

PÉRÉGRINATIONS  
D'UNE PARIA

écriture et récit : catherine gaillard  
conseil artistique : laurence benedetti  
création lumière : danièle milovic  
scénographie : natacha jaquerod



du 4 au 15 novembre 2008  
Maison de Quartier de la Jonction

représentations du mardi au samedi à 20h30  
relâche les dimanches et lundis

réervations au +41 (0)22 708 11 70



## MODOS DE CONSTITUIR A CLASSE OPERÁRIA

**É** muito importante que os operários compreendam bem a diferença entre a UNIÃO OPERÁRIA, cuja ideia concebi, e o que existe hoje sob o título de *Associação de solidariedade, União, Ajuda mútua etc.*

O objetivo de todas essas diversas associações particulares é simplesmente de se ajudar, de socorrer *aos membros de uma mesma sociedade*, mútua e individualmente. – Assim estas sociedades se estabeleceram como prevenção em caso de *doença, de acidentes e de longos períodos de desemprego.*

No estado atual de isolamento, de abandono e miséria em que se encontra a classe operária, este tipo de sociedade é muito útil porque seu objetivo é ajudar mediante pequenos apoios os mais necessitados, e diminuir assim os sofrimentos pessoais que, em geral, vão além das forças e da coragem daqueles que são vítimas.

Portanto, apoio firmemente estas sociedades e convido os operários a multiplicá-las e, ao mesmo tempo, depurá-las dos abusos que possam conter. – Mas *aliviar a miséria não é destruí-la, diminuir o mal não é extirpá-lo*. Se por fim decidimos atacar o mal pela raiz, é necessária, evidentemente, outra coisa, diferente das *sociedades particulares* que têm por único objetivo *aliviar os sofrimentos individuais*.

Examinemos o que acontece nestas diferentes sociedades particulares e vejamos se seu modo de agir pode realmente melhorar o destino da classe operária.

Em cada sociedade, empregamos o montante das cotizações (50 centavos, 75 centavos, 1,50 franco, 2 francos) a serem dadas diariamente aos doentes e, em alguns casos, aos que não encontram trabalho durante certo tempo. Se acontecerem casos fortuitos, como por exemplo, alguém que vá para a prisão, tem-se o direito ao seguro até o julgamento. Nas associações de solidariedade, um ajuda o outro de maneira mais eficaz: os associados procuram trabalho para aqueles que chegam à cidade e assumem *seus albergues*, e, até certo limite, as despesas que estes recém-chegados possam ter enquanto esperam encontrar um trabalho. – Isto quanto à parte material. No que diz respeito à parte moral, ela consiste em que cada associado *deve* visitar tanto os associados que estão doentes, em sua casa ou no hospital, quanto os prisioneiros. E repito, no estado atual das coisas, este tipo de sociedades, que denotam ao menos uma grande simpatia, são muito úteis, pois colocam os operários em relação entre si, moralizam-nos pelo coração, tornam seus modos mais ternos e aliviam seus cruéis sofrimentos. – Seria isto suficiente? Não! Claro que não! Porque em definitivo este tipo de sociedade não pode (e nem mesmo tem esta pretensão) mudar em nada, nem melhorar a

*condição material e moral da classe operária.* – O pai, membro de uma destas sociedades, vive na miséria, sofre e não tem nem mesmo o consolo da esperança de pensar que seus filhos viverão melhor que ele; estes por sua vez, membros da mesma sociedade, viverão como seus pais, miseráveis, sem nenhuma esperança que seus filhos estarão melhor que eles. Reparemos bem, toda sociedade que age em nome da individualidade e se propõe como objetivo o *alívio temporário ao indivíduo*, invariavelmente tem o mesmo caráter. – Apesar de todos seus esforços, ela não poderá *criar nada que seja grande, bom e capaz de um resultado notável*<sup>19</sup>. – Assim, com suas sociedades particulares da maneira como estão estabelecidas desde o rei Salomão até hoje, em cinquenta séculos a situação material e moral da classe operária não terá mudado: ao operário caberá sempre a MISÉRIA, a IGNORÂNCIA e a ESCRAVIDÃO, mesmo que varie a forma ou mude o nome com que se chamam os escravos.

Onde está o mal então? – O mal está nessa organização bastarda, mesquinha, egoísta, absurda que divide a classe operária em muitas pequenas sociedades particulares; os grandes impérios<sup>20</sup> que vemos hoje tão fortes, tão ricos, tão potentes eram na Idade Média divididos em *pequenas províncias* e essas pequenas províncias divididas em *pequenos burgos* gozando de seus *direitos e concessões*. E que direitos! Isto é, pequenas províncias e pequenos burgos em guerra contínua uns contra os outros (e hoje a guerra é a concorrência) eram

19. Desde o estabelecimento do cristianismo sempre houve, nos países cristãos, milhares de sociedades ditas de *caridade*, cujo objetivo é *aliviar os sofrimentos individuais da classe pobre*. – E então! Apesar das *boas intenções* destas sociedades, *a classe pobre continua desde sempre pobre*. Na Inglaterra, onde a classe pobre literalmente *morre de fome*, existe, no entanto, um número infinito de sociedades de caridade. Além do mais a caridade é forçosa, a *taxa de pobres* aumenta de dois a trezentos mil por ano, sem considerar a Escócia, nem a Irlanda (Inglaterra tem doze milhões de habitantes). – Todos os anos esta taxa de pobres aumenta; pois bem, a *pobreza da classe operária aumenta em uma escala muito maior...*

20. França, Inglaterra, Rússia, Áustria e Estados Unidos os únicos que ainda se constituem em unidades.

pobres, fracos, e por *todo direito* podiam gemer sob o peso de sua miséria, isolamento e de calamidades assustadoras como resultado inevitável dessa divisão.

Portanto, sem receio de ser repetitiva, insisto, o vício radical, este que é preciso atacar em todos os pontos, é o sistema de fragmentação que dizima os operários, sistema que só engendra o mal.

Acredito que esta curta análise do que acontece seja suficiente para esclarecer os operários sobre a verdadeira causa de seus males: – *a divisão*.

Operários, é preciso, então, sair logo desse caminho de divisão e de isolamento em que se encontram, e caminhar corajosa e fraternalmente no único caminho que convém: – *a união*. O projeto de união que concebi se assenta em uma base ampla e seu espírito é capaz de satisfazer plenamente as exigências morais e materiais de um grande povo.

Qual é o objetivo e qual será o resultado da *união universal de operários e operárias*?

Ela tem por objetivo:

1º – CONSTITUIR A UNIDADE compacta, indissolúvel da CLASSE OPERÁRIA;

2º – conferir à UNIÃO OPERÁRIA um enorme capital por meio de uma cotização voluntária de cada operário;

3º – adquirir por meio deste capital uma força real, vinda do dinheiro;

4º – por meio desta força, prevenir a miséria e extirpar o mal pela raiz dando às crianças da classe operária uma educação sólida, racional, capaz de fazer deles homens e mulheres instruídos, sensatos, inteligentes e hábeis em sua profissão;

5º – recompensar o trabalho como deve ser, ampla e dignamente.

Isto é tão bonito! Irão gritar. É tão bonito: então *é impossível*.

Leitores, antes de paralisar o ímpeto de vosso coração e de vossa imaginação por esta expressão glacial, *é impossível*, tenham sempre presente em vosso espírito que a França possui de sete a oito milhões de operários; e com dois francos de cotização, teremos ao cabo de um ano, quatorze milhões; com quatro francos, 28 milhões, com oito francos, 56 milhões. – Este resultado não é de forma alguma uma quimera. Entre os operários existem aqueles que estão em melhor situação e, sobretudo, há muitos que têm uma alma generosa: alguns doarão dois francos, outros quatro, oito, dez ou vinte francos. – E pensem, quantos são vocês, sete milhões<sup>21</sup>!

Agora examinemos quais os resultados possíveis desta UNIÃO OPERÁRIA.

Acabo de demonstrar que não é de forma alguma impossível que sete milhões de operários unidos pelo pensamento *servam sua causa e seus próprios interesses*, e possam recolher por uma cotização voluntária quinze, vinte, trinta, quarenta ou cinquenta milhões por ano. Aplicados à engrenagem de uma grande máquina como a do governo, vinte, trinta ou cinquenta milhões não significa quase

21. A UNIÃO OPERÁRIA como a concebi teria por objetivo, 1º *constituir a classe operária propriamente dita*, e por objetivo subsequente reunir em um mesmo pensamento os 25 milhões de trabalhadores *não proprietários* de todas as condições que contamos na França a fim de defender seus interesses e reclamar seus direitos. – A classe operária não é a única que sofre com os privilégios da propriedade: os artistas, os professores, os empregados, os pequenos comerciantes e uma multidão de outras pessoas, mesmo aqueles *que vivem de uma pequena renda*, que não possuem nenhuma propriedade como terras, casas, capitais sofrem com as leis feitas pelos proprietários com assento no Legislativo. – Assim, nós não podemos duvidar quando a classe *realmente superior*, aquela que domina por seus talentos (mesmo que os proprietários recusem sua entrada no legislativo), compreenda a importância que tem para ela estar ligada em interesses e simpatia com a classe operária; é evidente que os 25 milhões de não proprietários reunirão seus esforços para neutralizar os efeitos dos privilégios. – E, portanto, todos darão suas cotizações mais ou menos volumosas segundo o que eles compreendam que são os resultados da existência da UNIÃO OPERÁRIA. – Então em vez da quantia de quatorze, 28, 56 milhões aqui citados proveniente de sete a oito milhões de operários na hipótese de cooperação dos 25 milhões de *não proprietários*, o montante das cotizações poderia alcançar 100 milhões por ano ou mais.

nada; mas aplicado a um objeto especial e empregados com ordem, economia e inteligência, vinte, trinta ou cinquenta milhões representam uma enorme riqueza. Já disse que com este capital a UNIÃO OPERÁRIA poderia adquirir uma força real, aquela dada pelo dinheiro. Vejamos como:

Por exemplo, o povo irlandês pôde estabelecer e manter o que chamamos a ASSOCIAÇÃO<sup>22</sup> – além disso, ele pôde confiar uma cotização voluntária<sup>23</sup>, uma fortuna colossal a um homem de coração e de talento, O’Connell. – Acompanhem com atenção e vejam quais podem ser os resultados de uma união. O’Connell foi constituído o defensor da Irlanda. Amplamente retribuído pelo povo que lhe investiu nesse mandato, ele pôde estender sobre uma ampla escala seus meios de ataque e de defesa. – Julgando oportuna a publicação de dez, vinte, trinta escritos para serem distribuídos aos milhares em toda a Irlanda – tendo dinheiro a sua disposição, ele os publicava e seus agentes os distribuíam em todas as cidades. Julgando importante fazer chegar à Câmara dos Comuns seu filho, seu genro ou um amigo no qual confia, ele repartiu por meio de seus agentes guinés<sup>24</sup> em massa entre os eleitores, e o deputado da associação entrou na Câmara para defender os interesses da Irlanda.

22. O nome da associação irlandesa mudou com frequência: – cada vez que era dissolvida pelo governo, ela se relançava rapidamente sob um novo nome. – Chamava-se *Irlandeses Unidos*. – *Associação católica*. – *Associação geral da Irlanda*. – *Sociedade dos precursores*. O’Connell assegura que em breve se chamará *Associação nacional*. – Mas sob essas várias denominações é sempre o mesmo espírito que a conduz. – Eis o que diz sobre isto o sr. Beaumont: “É uma das características particulares da associação não somente supervisionar o governo, mas de governar ela própria; ela não se limita a controlar o poder, ela o exerce. Ela funda suas escolas, estabelecimentos de caridade, mobiliza recursos para seu apoio, protege o comércio, ajuda a indústria e faz mil outras coisas; pois como a definição de seus poderes não se encontra em parte alguma, os limites não estão demarcados. Para dizer a verdade, a associação é um governo dentro do governo: – autoridade jovem e robusta; nascida no seio de uma autoridade velha, moribunda e decrepita; força nacional centralizada que esmaga e reduz a pó todos os pequenos poderes de uma aristocracia nacional dispersos aqui e ali” (t. II, p. 21).

23. Recebemos desde um sous [Vigésima parte do antigo franco ou cinco centavos, (N.do T.)] até ...

24. Moeda britânica cunhada em ouro e equivalente a 21 xelins. (N. do T.)

Se sempre cito a Irlanda como exemplo, é porque a Irlanda é ainda o *único país* que compreendeu que o povo, se quiser sair da escravidão, deve começar formando uma ampla UNIÃO, compacta, sólida e indissolúvel, pois a *união faz a força*; e para reclamar seus direitos, para atrair a atenção geral sobre a justiça de uma reivindicação é preciso antes de tudo se colocar em posição de poder falar com autoridade suficiente para se fazer escutar.

Não se pode comparar a situação da classe operária na França à cruel condição do povo irlandês. País conquistado, mas cujo espírito independente não pode se resignar ao jugo da opressão, a Irlanda reivindica junto a seus senhores e conquistadores direitos religiosos, políticos e civis. – Só o enunciado desta reivindicação já prova que este povo infeliz é tratado como escravo, pois não gozam de nenhum direito. – Em nosso país, ao menos em princípio, e isso já é muito, não há mais escravos perante a lei pelo menos entre a população masculina.

Qual é hoje a condição social da classe operária na França e que direitos restam ainda reivindicar?

Em princípio, a lei orgânica que rege a sociedade francesa desde a declaração dos direitos do homem de 1791 é a mais alta expressão de justiça e de igualdade, pois esta lei é o reconhecimento solene que legitima a santidade do princípio da igualdade absoluta, e não somente da igualdade frente a Deus demandada por Jesus, mas esta igualdade viva praticada em nome do espírito e em nome da carne frente à humanidade.

Operários, vocês querem saber quais são seus direitos *em princípio*? Abram o livro da lei que rege a sociedade francesa e vocês verão:

Art. 1º Os franceses são iguais perante a lei quaisquer que sejam seu título e sua posição.

Art. 2º. Contribuem indistintamente na proporção de sua fortuna aos encargos do Estado.

Art. 3º. São todos igualmente admissíveis aos empregos civis e militares.

Art. 4º. Sua liberdade individual é igualmente garantida, ninguém pode ser perseguido ou preso a não ser nos casos previstos em lei e na forma que ela prescreve.

.....

Art. 8º. Todas as propriedades são invioláveis sem qualquer exceção daquelas que chamamos *nacionais*, a lei não fazendo nenhuma diferença entre elas.

Certamente, segundo o espírito e a letra dos artigos da Constituição com relação à dignidade do homem e do cidadão, o operário francês não tem do que reclamar. A julgar do ponto de vista da Constituição, sua posição social é tão bela quanto se possa desejá-la. – Em virtude do princípio reconhecido, ele goza de *igualdade absoluta*, de inteira liberdade de opinião e de consciência; a segurança de sua pessoa e de suas propriedades lhe são garantidas: – que se pode pedir mais? Digamos logo, gozar da igualdade e da liberdade *em princípio* é vivê-lo *em espírito*, e se aquele que veio trazer ao mundo a lei do espírito sabiamente disse: “O homem não vive somente de pão” – creio que seja sábio dizer também: “O homem não vive somente de espírito”.

Lendo a Constituição de 1830, percebemos uma grave omissão. – Nossos legisladores constitucionais esqueceram que antes do

direito do homem e do cidadão, existe um direito imperioso, imprescritível que prima sob todos os outros: o *direito de viver*. – Ora, para o pobre operário que não possui terras, casas, nem capital, e não tem nada mais que *seus braços*. Os direitos do homem e do cidadão não tem nenhum valor (e neste caso torna-se mesmo uma amarga zombaria) se previamente não lhe for reconhecido o *direito de viver*, e para o operário o direito de viver é o *direito ao trabalho*, o único que pode lhe dar a possibilidade de *comer* e consequentemente de viver.

O primeiro dos direitos que um ser traz em si quando nasce é justamente aquele que nos *esquecemos* de inscrever na Constituição. – É, portanto o *primeiro dos direitos* que falta ser proclamado<sup>25</sup>.

Hoje a classe operária deve se ocupar de apenas uma reivindicação, porque essa se funda na mais estrita igualdade e não há outro modo de fazê-lo, quer dizer, consentir a essa demanda sem anular os *direitos do ser*. De fato o que há para reivindicar?

## O DIREITO AO TRABALHO

A única propriedade que a classe operária pode possuir são *seus braços*. Sim, seus braços! Eis seu patrimônio, sua única riqueza! – Seus braços são os *únicos instrumentos de trabalho* em sua posseção. – Estes constituem, portanto, *sua propriedade* e, penso, não podemos contestar nem sua *legitimidade*, nem, sobretudo, sua *utilidade* porque se a terra produz é graças ao *trabalho dos braços*.

25. A Convenção Nacional tinha *quase* reconhecido o *direito ao trabalho* ou ao menos à *assistência pública*. A Constituição não faz nenhuma referência. "21. A assistência pública é uma dívida sagrada. A sociedade deve a subsistência aos seus cidadãos infelizes, seja lhes procurando trabalho, seja assegurando àqueles que não têm condições de trabalhar os meios para existir." (*Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, 24 de junho de 1793).

Negar a *propriedade dos braços* é não querer compreender o *espírito* do art. 8º da Constituição. Além do mais, a propriedade dos braços é incontestável e no dia em que for posta em discussão só haverá uma voz nesta questão. – Mas para a classe operária gozar com *segurança* e com *garantia* de sua propriedade (como propõe o art. 8º), é necessário que reconheçamos *em princípio* (e também em realidade) o *livre gozo* e garantia de sua propriedade. Ora, o exercício deste livre gozo da propriedade constituiria em poder *utilizar seus braços* quando e como quiser, e para isto é preciso que tenha *direito ao trabalho*. – Quanto à garantia da propriedade, esta consiste em uma sábia e igualitária ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.

A classe operária tem, portanto, duas importantes reivindicações a fazer: 1º DIREITO AO TRABALHO; 2º ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.

Mas haverá quem diga que o que demandamos para a classe operária é *impossível* – Direito ao trabalho! Ela não o obterá. Esta reivindicação por mais justa e legal que seja, será considerada como um ataque à propriedade (terras, casas e capitais) e a organização do trabalho será considerada como um ataque aos direitos da livre concorrência: ora, como aqueles que manejam a máquina governamental são proprietários de terras e de capitais é evidente que eles jamais consentirão tais direitos à classe operária.

Sejamos claros: – Se, no estado de divisão e isolamento em que se encontram os operários, eles planejarem reivindicar o direito ao trabalho e à organização do trabalho, os proprietários sequer se darão ao trabalho de considerar sua reivindicação como um ataque: eles a ignorarão. Um operário de mérito (Adolphe Boyer) fez um pequeno livro no qual ele reivindica um e outro: ninguém leu seu livro. O in-

feliz, por desgosto e miséria, e talvez também por pensar que seu fim trágico faria com que seu livro fosse lido, *se matou*. Por um momento a imprensa se comoveu, durante quatro dias, talvez oito; depois, o suicídio e o pequeno livro de Adolphe Boyer foram completamente esquecidos. – A obra de Boyer era perfeita? Quem a teria lido? Quem a defenderia? Que resultado teria alcançado?... Nenhum. – Boyer era um pobre trabalhador que escrevia sozinho no seu canto, defendia a causa de seus irmãos infelizes, isto é verdade, mas não estava vinculado em pensamento com eles, nem sequer de coração ou de interesse: ele também se matou porque faltava 200 fr. para pagar os custos de seu pequeno livro. – Vocês acreditam que as coisas teriam se passado desta maneira se Boyer fizesse parte de uma ampla união? Não, sem dúvida. Primeiro, a União teria pago os custos do livro; em seguida o livro teria sido lido e o valor de suas propostas teria sido discutido. – Boyer, vendo que seu trabalho era apreciado e que suas ideias podiam ser úteis, teria sentido uma grande satisfação e, se vendo encorajado por seus irmãos, em vez de se suicidar por desespero, teria continuado a trabalhar a serviço da causa. – Vejam que diferença de resultado! – No estado de divisão, Boyer, homem de coração, de inteligência e talento, foi *forçado a se matar* porque fez um livro. – Em um estado de união, este mesmo homem teria vivido honrado, satisfeito e *trabalhando com coragem*, justamente por ter feito este mesmo livro.

Operários – se querem se salvar não há outro caminho, é preciso se UNIR.

Se eu vos prego UNIÃO é porque conheço a força e a potência que vocês encontrarão nela. – Abram os olhos, olhem ao seu redor e vejam as vantagens que gozam aqueles que formaram a UNIÃO com o objetivo de servir à mesma causa e aos mesmos interesses.

Percebam como procederam todos os homens inteligentes, por exemplo, os fundadores de religiões. A primeira coisa com a qual se ocuparam foi constituir a UNIÃO. – Moisés uniu seu povo e com laços tão fortes que nem mesmo o tempo pode romper. Jerusalém cai, o Templo é arrasado, a nação judaica é destruída; o povo de Moisés erra em aventuras, disperso pela Terra. Que importa! Cada judeu, no fundo do coração, se sente *unido* pelo pensamento a seus irmãos. Vejam também que a nacionalidade judaica *não morre* e depois de dois mil anos de perseguições e misérias sem par, o povo judeu ainda está de pé! Que fez Jesus antes de sua morte? Reuniu seus doze apóstolos e os UNIU em *seu nome e pela comunhão*. O mestre morreu. – Que importa? A UNIÃO ESTAVA CONSTITUÍDA; desde então o espírito do mestre *vive em união*, e durante o calvário Jesus, o homem formidável cujos protestos enérgicos assustaram o poder dos Césares, esvai-se na cruz ... Em Jerusalém e em todas as cidades da Judeia, Jesus Cristo *vive em seus apóstolos* e tem *uma vida eterna*, pois depois de João nascerá Pedro e depois de Pedro, Paulo e assim sucessivamente até o final dos tempos.

Estes doze homens UNIDOS estabeleceram a *Igreja católica*<sup>26</sup>, essa vasta união que se tornou tão poderosa que podemos dizer que há dois mil anos é ela quem governa quase toda a terra.

Vejam, em menores dimensões, o mesmo princípio de força se reproduzir: Lutero, Calvino, e todos os dissidentes católicos. – Ao formar a UNIÃO eles se tornam poderosos.

Agora, em outra ordem dos fatos. A Revolução de 1789 eclode. – Como uma torrente que devasta tudo em sua passagem, ela perturba, exila e mata. – Mas a UNIÃO REALISTA *foi constituí-*

26. A palavra Igreja católica significa *Associação universal*.

*da*. Ela é subjugada pelo número, mas é tão forte que sobrevive à destruição de 1793, e vinte anos depois retorna à França com seu *rei à frente!* – E em vista de tais resultados vocês obstinados em se manter no isolamento! Não, não, vocês não podem mais fazer este ato de insanidade.

Em 1789 a classe burguesa conquistou sua independência. Sua carta data da tomada da Bastilha. – Durante mais de duzentos anos, os burgueses combateram com coragem e fúria contra os privilégios da nobreza e pelo triunfo de *seus direitos*<sup>27</sup>. Mas tendo chegado o dia da vitória mesmo reconhecendo a igualdade de direitos *de fato* a todos, tomaram *somente para si* os benefícios e as vantagens desta conquista.

Desde 1789 a classe burguesa ESTÁ CONSTITUÍDA. – Operários, reparem a força que pode ter um corpo unido pelos mesmos interesses. Desde o instante em que esta classe SE CONSTITUIU, ela se tornou tão poderosa que ocupou todos os poderes do país. – Enfim em 1830 seu poder chega ao apogeu e sem se preocupar com as consequências, declara a *queda do último rei da França*; – ela escolheu seu rei, procedeu a sua eleição sem ouvir o resto da nação e, enfim, estando de fato *soberana*, se coloca à frente dos negócios e governa o país à sua maneira.

Esta classe burguesa-proprietária *representa a si mesma* na Câmara e frente à nação, não para ali defender seus interesses, porque ninguém a ameaça, mas para *impor* suas condições aos 25 milhões de proletários, seus subordinados. – Em uma palavra ela se faz *juiz e parte* exatamente da mesma forma que faziam os senhores feudais que

27. A verdade é que se os burgueses eram a *cabeça*, eles tinham como *braços* o povo. Dos quais eles sabiam se servir com habilidade. – Quanto a vocês proletários, vocês não têm ninguém para ajudá-los, – É preciso então que vocês sejam de uma só vez a *cabeça* e os *braços*.

ela mesma derrubou. — Proprietária do solo, ela faz as leis em função dos *gêneros que ela tem para vender* e regulamenta assim, *a seu bel prazer*, o preço do vinho, da carne e mesmo do *pão* que o povo come.

Vejam, a *classe burguesa* se sucede à *classe da nobreza* já muito *mais numerosa e útil*, resta agora CONSTITUIR A CLASSE OPERÁRIA. É preciso então que os operários, a parte vivaz da nação, formem, por sua vez, uma vasta UNIÃO e SE CONSTITUA EM UNIDADE! Oh! Então a classe operária será forte; e poderá reclamar junto aos senhores burgueses SEU DIREITO AO TRABALHO e À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO; e serão escutados.

A vantagem que gozam todos os grandes corpos constituídos é poder contar com algo dentro do Estado e assim se *fazer representar*. Hoje a UNIÃO REALISTA tem seu representante na Câmara, seu delegado frente à nação para ali representar seus interesses; e esse defensor é o homem mais eloquente da França: sr. Berryer. A UNIÃO COLONIALISTA tem seus representantes na Câmara, seus delegados frente à pátria-mãe para defender seus interesses. Pois bem! Por que então a classe operária, uma vez CONSTITUÍDA EM CORPO, não teria também um representante na Câmara, um delegado frente à nação para ali *defender seus interesses*? Ela que certamente por seu número e, sobretudo, por sua importância vale tanto quanto o corpo realista e o corpo dos proprietários coloniais.

Operários pensem bem nisso, a primeira coisa com a qual teriam de se preocupar é de serem *representados frente à nação*.

Disse mais acima que a UNIÃO OPERÁRIA gozará de um poder real, aquele que o dinheiro confere. De fato será fácil, contando com vinte ou trinta milhões, destinar 500.000 francos por ano para pagar bem um defensor digno de servir a sua causa!

Não podemos duvidar, seguramente se encontrará em nossa bela França tão generosa e cavalheiresca homens com a devoção e o talento de O'Connell.

Quando a UNIÃO OPERÁRIA compreender bem sua posição, entender bem seus verdadeiros interesses, o primeiro ato que dela partirá deve ser um APELO solene dirigido aos homens que sentem bastante amor, força, coragem e talento para ousar encarregar-se da defesa da mais santa das causas, – a dos trabalhadores?

Oh! Quem sabe a França ainda possui corações generosos, homens capazes! Quem poderá prever o efeito que produzirá o chamado em nome de sete milhões de operários reivindicando o DIREITO AO TRABALHO?

Pobres operários! Isolados, a nação não vos leva em conta, mas tão logo esteja a UNIÃO OPERÁRIA CONSTITUÍDA, a classe operária se tornará um corpo poderoso e respeitável; e homens do mais alto mérito disputarão a honra de serem escolhidos para defender a UNIÃO OPERÁRIA.

No caso da UNIÃO ser formada em breve, veremos quais homens darão provas de simpatia para a classe operária, e vejamos quais serão os mais capazes de servir a causa santa.

Nossa posição é humanitária e, por procurarmos somente homens de amor e inteligência, vamos abstrair suas opiniões religiosas e políticas. Além disso, o mandatário da UNIÃO não irá se ocupar nem de questões políticas nem de questões religiosas. Sua missão se limitará a chamar a atenção de todos sobre duas questões: – O DIREITO AO TRABALHO, *para todo indivíduo e com vistas ao bem estar de todos e todas*, e a ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.

Desde o advento de Napoleão a França teve generais ilustres, intelectuais dignos de nota, artistas de mérito; mas  *muito poucos* homens devotados ao povo e com inteligência necessária para servi-lo de forma eficaz. Hoje alguns poucos nomes se apresentam.

Sr. Gustave de Beaumont: – escrevendo sua bela obra sobre a Irlanda, deu provas de um grande amor pela classe pobre. É preciso uma grande coragem para tocar em feridas tão vivas e repulsivas. – Dotado de uma grande inteligência, sr. Beaumont reconheceu logo onde estava a causa do mal, e quando indica o remédio a ser aplicado ele diz: – É preciso que seja conferido aos pobres o *direito ao trabalho* ou a *caridade* e enfim que sonhemos em *organizar o trabalho*.

Sr. Louis Blanc: – não demanda diretamente o direito ao trabalho *para todos*, mas muito certamente considera justa esta demanda. – Além do mais, acredita ter encontrado um meio de organizar o trabalho. – Não discutiremos aqui o valor de seu plano, é uma ideia dele que permanecerá fora da missão que temos a cumprir. Aqui estão os seus títulos: sr. Louis Blanc se dedicou desde a juventude à defesa dos interesses do povo; em seus trabalhos encontramos o homem que demanda com entusiasmo, amor pela felicidade da humanidade, e com paixão, direitos para a classe mais numerosa e mais *útil*; – enfim sua obra sobre a *organização do trabalho* mostrou com ousadia os sofrimentos do povo e como remédio também indicou a absoluta necessidade da organização do trabalho.

Sr. Infantin: – este nome inspira uma grande antipatia em muita gente. – Entretanto é preciso fazer justiça a cada um e saber a parte *boa e má* de cada homem. – Educador, o que fez o sr. Enfan-

tin? Certamente, cometeu faltas graves, até podemos dizer que foi ele o primeiro discípulo de Saint-Simon que *destruiu e aniquilou* para sempre esta escola sansimonista na qual se alinhavam homens notáveis com pontos de vista avançados sobre todas as questões sociais. – Mas ao lado destas faltas realmente desastrosas e irreparáveis, devemos reconhecer que ele deu um grande exemplo. – Sr. Infantin, primeiro, tentou a realização do preceito de Saint-Simon e também proclamou como lei fundamental da doutrina sansimonista a *reabilitação e a santidade do trabalho manual*. Esta reabilitação por si só implica *numa mudança radical da sociedade*.

Em todos os tempos o trabalho manual foi e ainda é *desprezado*. Aquele que trabalha com as mãos se vê relegado ao desdém por todo lado; este é um preconceito infiltrado nos modos de todos os povos que encontramos, até na linguagem. Neste sentido a única opinião é de considerar o trabalho manual como degradante, vergonhoso e quase desonroso para aquele que o exerce<sup>28</sup>. Isto tanto

28. Para que os operários não pensem que eu aqui estou fazendo *poesia* ou *imaginação*, vou reproduzir trechos de um processo bem curioso que eles poderão ler integralmente na *Gazeta dos Tribunais* de 7 de julho de 1841. Eles verão como em nossos dias o *trabalho manual* é considerado, e isto em pleno tribunal.

TRIBUNAL CIVIL DE SEINE (4ª seção) (Presidência do Sr. Michelin)

*Audiências de 27 de junho e 6 de julho*

DOCTRINAS DE ROBERT OWEN – NEW HARMONY – EDUCAÇÃO UTILITÁRIA

Sr. Durant-Saint-Amand, advogado do sr. Phiquepal d'Arusmont, expõe assim os fatos desta causa singular:

"Sr. Barão de Beauséjour, deputado, amigo do general Lafayette, com quem compartilha opiniões avançadas, tinha um sobrinho do qual era tutor e ao qual queria muito dar uma educação sólida. Ele o confiou aos cuidados do Sr. Phiquepal d'Arusmont e se comprometeu a lhe pagar uma pensão anual de 1.200fr.

Sr. Phiquepal, que há muitos anos se dedicava à instrução, aceitou com entusiasmo e o sr. de Beauséjour conhecia as doutrinas do célebre reformador escocês Robert Owen.

Robert Owen havia fundado em New-Lanark um estabelecimento agrícola consagrado à juventude que teve um grande desenvolvimento e deu a ele uma justa notoriedade. Este filósofo sonhava em ampliar o seu sistema; e resolveu desenvolvê-lo num terreno mais amplo. Dirigiu, então, sua atenção a um país da América. Expôs seu plano diante do Congresso nacional, os meios foram recebidos, aplaudidos, encorajados e ele obteve uma concessão de terras em *New-Harmony* onde ele fundou uma nova instituição com o nome de *Sociedade cooperativa*.

Convencido das mesmas ideias, Sr. Phiquepal havia formado para a França um projeto parecido; mas as inúmeras dificuldades que encontrou no caminho pararam seus passos, especialmente da parte da Universidade que não permite que se liberte seu monopólio inflexível. Volta-se então para a América assim que obteve a aprovação dos pais de seus alunos, parte com eles para o Novo Continente. Após uma feliz travessia, sr.

Phiquepal e seus alunos chegam a New-Harmony, situada no distrito de Indiana às margens do Wabashm um desses rios poderosos que regam a América do Norte. Robert Owen havia adquirido 30 mil hectares de terra, das quais em uma parte estava uma Comunidade que podia alojar duas mil almas; ele prosseguiu com ardor uma bela experiência à qual consagrou sua vida e sua fortuna de muitos milhões. No topo do edifício principal lia-se a seguinte inscrição, talvez um pouco pomposa: *Hall of Sciences, Palácio das Ciências*. Owen difundia suas doutrinas por meio de um jornal intitulado: *Free Enquirer, A Livre investigação* que redigia com a contribuição de seus alunos.

Assim era o lugar para onde o sr. Phiquepal transportou seus alunos, assim eram os mestres sob a direção dos quais o jovem Dufour foi chamado a receber uma educação que, por em nada parecer com a que lhe seria dada na Europa, não era menos própria a fazer dele um homem, como testemunhava em sua correspondência ao sr. barão de Beauséjour.”

Aqui o advogado analisa a correspondência do sr. de Beauséjour e seu pupilo, da qual se induz que ele estava perfeitamente instruído do que se passava em New-Harmony e o tipo de estudos ao qual seu sobrinho era submetido, sem nunca ter expressado descontentamento.

“Entretanto, o Sr. Phiquepal, julgando sua presença na França necessária, parte momentaneamente de New-Harmony deixando seus alunos aos cuidados do filho de Owen. Ele traz a sra. Frances Wright com quem havia decidido se casar e eles desembarcam no continente no final de 1830. A união planejada foi consagrada na presença do general Lafayette.

Nesta época as ideias do sr. barão de Beauséjour começam a mudar de direção. Ele gostaria de ter seu sobrinho perto de si e o chama de volta em julho de 1831. Ele, por sinal, acolheu muito favoravelmente o sr. e a sra. Phiquepal e lhes entregou uma obrigação de 7.200 francos, que saldava a retribuição devida ao instrutor.

De volta à França o jovem Dufour foi colocado no instituto comercial do sr. Blanqui e concluiu sua educação. Hoje ele ocupa uma posição na gráfica Everat que lhe assegura um pagamento anual de 6.000 fr. Entretanto, no momento de pagar a obrigação que ele havia contratado, o sr. barão de Beauséjour se recusa a quitá-la, nem mesmo as várias tentativas e poderosos intermediários puderam vencer sua recusa. O sr. Phiquepal encontrou-se então na desagradável obrigação de acioná-lo juridicamente, assim como a seu sobrinho. Este não apenas se contentou em rejeitar a demanda principal como ainda formalizou contra o sr. Phiquepal uma demanda reconvenicional de 25 mil francos de indenização fundada no *vício e na insuficiência de sua educação*. Será curioso, sem dúvida, escutar como ele procurará justificar essa pretensão.”

O advogado, abordando a discussão, sustenta que o sr. de Beauséjour sabia perfeitamente que a instrução dada a seu sobrinho era sobretudo agrícola; que ele conhecia o tipo de exercícios aos quais eles se dedicavam; que lhe haviam dito que seu sobrinho se dava melhor construindo uma cabana ou dirigindo um barco que dissertando em grego ou em latim, e que estando informado de todos estes fatos ele pagou a obrigação de 7.200 fr. e que não podia hoje recusar o pagamento.

Quanto à demanda reconvenicional de Amédée Dufour, ela se recusava pela posição que ele ocupa atualmente. Se ele é capaz de ocupá-la, ele deve em grande parte à educação que recebeu na colônia de New-Harmony.

Sr. Flandin, em defesa do sr. barão de Beauséjour, combate a demanda principal. Em uma rápida discussão, estabeleceu que o sr. Phiquepal não correspondeu de modo algum ao mandato que lhe foi dado. Em vez de alimentar o espírito de seu aluno de letras e ciências, fez dele um selvagem, um verdadeiro Huron. O sr. de Beauséjour não acredita dever agradecê-lo por isto, muito pelo contrário.

“Quanto à obrigação de 7.200 francos, quando a pagou provisoriamente, o sr. de Beauséjour não havia ainda reencontrado seu sobrinho; e ignorava tudo o que havia se passado em New-Harmony. Vendo Amédée envolvido em uma viagem que poderia, se bem dirigida, ser muito proveitosa, ele estava longe de acreditar que o transportariam a 900 milhas de distância ao seio de uma colônia bárbara. Seu sustento, considerando os recursos e os hábitos do país, deve ter custado bem pouco. Isto poderia, em todo caso, reduzir substantivamente as pretensões do sr. Phiquepal.”

Sr. Sudre toma a palavra pelo jovem Dufour e assim se expressa:

“Desde que os alunos foram instalados, sr. Phiquepal retoma a educação, mas muda completamente de objeto: ele os submete aos trabalhos mais grosseiros. Suas ocupações consistiam em lavar a terra, serralheria, trabalho de pedreiro, confecção de suas roupas e preparação de sua comida, todo o resto foi negligenciado, abandonado. Quanto aos alimentos, eles eram leves, um pouco de milho cozido na água e reduzido em uma massa compunha o habitual ao qual no domingo se juntava alguma caça quando havia boa caça.”

é verdade que o trabalhador *esconde* o quanto pode sua condição de operário porque ele próprio se sente *humilhado*. – Pois bem! É preciso considerar diante de tal estado das coisas que o sr. Enfantin deu provas de uma grande força e de superioridade moral ensinando seus discípulos a *honrar o trabalho manual*. Depois de haver proposto a lei, quis que esta fosse viva, e com sua autoridade *superior*, que lhe dava o título de *chefe religioso*, *obrigou seus discípulos a trabalhar com as mãos, a se misturar com os operários, a trabalhar com*

---

“Dois anos mais tarde uma nova ocupação foi adicionada e ocupava o tempo dos alunos do sr. Piquépal durante sua estadia na colônia. Owen filho redigia um jornal da nova doutrina; este jornal intitulado Gazeta de New-Harmony era confiado ao tipógrafo que foi substituído pelos alunos do sr. Piquépal, ao deixar a colônia.”

Vejam um parágrafo de uma carta de Amédée Dufour que mostra que antes de ter reencontrado seu tio, ele sabia apreciar a educação que recebia do sr. Piquépal:

“Nós estamos agora em Nova York às margens de um belo rio, a cinco milhas de distância da cidade, na mesma casa em que estão o sr. Owen e a sra. Wright; você deve conhecê-los, ao menos sua reputação; eles redigem um jornal muito apreciado que imprimimos, meus camaradas e eu. Começo a conhecer bem todas as partes desta bela arte. Escrevo em inglês, digamos, sem cometer muitos erros. Espero aprender a fazê-lo também em francês, pois teremos, no próximo verão, a ocasião de imprimir neste idioma. De resto, aprendemos também pequenas coisas que podem, acredito, contribuir a nos tornarmos independentes em qualquer situação que nos encontremos. Não encontrarei em dificuldade para fazer meus sapatos, minhas roupas, meu pão, minha comida, meu sabão, minha manteiga, minha vela, minha escova, e tudo que pode contribuir com minha vida doméstica. Ou cultivar meu jardim, minha fazenda, construir minha cabana, meu barco e me salvar nadando se for preciso; e isto foi bem útil em uma ocasião que nosso barco virou com um golpe de vento e pudemos sem muita dificuldade salvar ao sr. Piquépal e a nós mesmos.”

“Desde que o sr. Beauséjour foi informado de todas estas circunstâncias, tentou esclarecer a in experiência de seu sobrinho sobre o tipo de educação que estava recebendo e o chamou de volta a França.”

“Mas a presença do jovem Dufour dissipou rapidamente as ilusões que seu tio tinha. A instrução propriamente dita, o estudo das línguas antigas e modernas, das ciências foram praticamente esquecidos; foi preciso colocar o rapaz na escola do sr. Blanqui onde ele passou três anos para aprender as coisas essenciais e verdadeiramente úteis para a carreira que seu tio queria posicioná-lo.”

“Entendemos então porque o sr. Beauséjour recusa hoje o pagamento de 7.200 fr.; compreendemos porque Amédée Dufour tem razão em *reclamar uma indenização que será sempre inferior ao prejuízo que lhe causou a direção viciada de sua educação.*”

“Sr. Sudre, advogado do jovem Dufour, sustenta que o sr. Piquépal faltou totalmente com as obrigações que lhe eram impostas; que seus estudantes em vez de estarem sob seus cuidados, lhes prestaram inúmeros serviços que lhes deram lucros durante cinco anos de trabalhos gratuitos. Ele procura justificar por fatos e pela correspondência a indenização reclamada, e termina insistindo sobre a necessidade de clamar uma *condenação severa aos instrutores considerando a extensão de seus deveres e a santidade de seus compromissos.*”

O sr. substituto Bourgoïn analisa os fatos da causa e os meios das partes. Ele compara o mandato confiado ao sr. Piquépal com a educação que seus alunos receberam e conclui que a instituição se distanciou completamente do objetivo de sua missão.

“Sr. barão de Beauséjour, diz o sr. advogado do rei, confiou seu sobrinho ao sr. Piquépal para fazer dele um homem. Isto não era pedir muito! *Em vez de fazer dele um homem, fez dele um sapateiro, um lavrador, um pedreiro* como se ele pertencesse a estas classes, em que a espátula, a plaina, a fresa são *hereditárias*, e negligenciou o estudo tão *essencial* das artes, ciências, letras, das línguas vivas e das *línguas mortas*, se é que podemos chamar assim as línguas que imortalizaram tantos personagens ilustres!”

Assim, eis aqui o advogado do rei, isto é, o homem que representa a sociedade, que declara que *um sapateiro, um lavrador, um pedreiro, NÃO SÃO HOMENS...*

*eles em seus ofícios mais rudes e repugnantes.* – Parece que atos desta importância revelam ao menos que o sr. Enfantin tem um caráter de grande energia e que chama a atenção sobre ele<sup>29</sup>.

Ainda há outro homem que reclama em voz alta o *direito ao trabalho* e a *organização do trabalho*: este não fala em nome da caridade cristã, como o sr. Beaumont, ou em nome da liberdade e da igualdade republicana como o sr. Louis Blanc. – Não: ele se apoia, como ele próprio diz, sobre uma base mais sólida, a ciência. Sim, é em nome da ciência, e de uma ciência dita *exata* (a matemática) que o sr. Victor Considerant, primeiro discípulo de Fourier, chefe da escola societária, redator em chefe do Jornal *Phalange*, escritor distinto, demanda, e demanda como sendo *a única possibilidade de salvação que a sociedade tem*: o DIREITO AO TRABALHO e a ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.

29. Enquanto escrevia esta passagem sobre o sr. Enfantin, não sabia ainda que ele tinha publicado um livro sobre a nova questão da *organização do trabalho*. – A opinião expressa aqui sobre o sr. Enfantin se refere *unicamente* ao que ele professou *publicamente* e o fez a *seus discípulos* em 1830, 1831 e 1832. Desde então ele não falou mais, nem escreveu. – Hoje o sr. Enfantin *reaparece* e se apresenta como *economista, organizador e fundador*. Necessariamente eu devia ter conhecimento de sua nova obra a fim de me assegurar se depois de doze anos o antigo *chefe sansimonista* permanecia como o *defensor da classe mais numerosa* (os proletários) e a *classe mais oprimida* (as mulheres). Concluo a leitura do livro que o sr. Enfantin acaba de publicar (*Colonização da Argélia*); e minha surpresa, devo confessar, foi grande, minha dor profunda ao ver como em 1843, doze anos após as reuniões na Rua Monsigny, o sr. Enfantin compreende a organização do trabalho. Podemos acreditar? Hoje, para o sr. Enfantin a organização do trabalho consiste simplesmente em *arregimentar operários* de maneira *regular*. – No espírito do sr. Enfantin, a expressão *organização do trabalho* tem o mesmo significado que: *organização do exército*. Tal maneira de ver é verdadeiramente absurda! Deus proteja a vocês, operários, de tal organização! Oh! Que a classe *mais numerosa* pereça na miséria e na fome é melhor que se deixar *arregimentar*, isto é, trocar sua *liberdade* pela *segurança da razão*! As teorias apresentadas pelo sr. Enfantin se querem servir como base à *constituição de uma nova ordem social* são muito *alarmantes quanto à manutenção de nossas liberdades* tão duramente conquistadas; mas o que nos tranquiliza é saber que as doutrinas do sr. Enfantin sobre *arregimentação* são de um anacronismo de dois mil anos! Depois da vinda de Jesus Cristo não é possível a encarnação de um despotismo que estabeleça uma dominação absoluta, que exija uma obediência passiva, enfim que atente de maneira permanente à liberdade dos homens. – Reis, imperadores, todos estes que o tentaram, fracassaram. – Jesus foi o *primeiro* que proclamou os direitos do homem! E em [17]91 a Assembleia Nacional ratificou esta santa proclamação! Em verdade, não concebemos como hoje em dia ainda existam pessoas que venham propor *arregimentar* homens, *mulheres e crianças* a sangue frio e seriamente. – Este tipo de proposta é de uma execução tão impossível que é necessariamente absurda e só pode sair de cérebros consumidos pela monomania. – Depois da publicação de tal obra é evidente que não podemos mais contar com o sr. Enfantin para defender os direitos e liberdades da classe operária.

O sr. Victor Considerant tem uma ciência na qual ele acredita poder organizar *harmonicamente todo nosso globo* – e para chegar a tal belo resultado, reparem bem, ele declara que é preciso *começar por organizar o trabalho e assegurar a cada um o direito ao trabalho*<sup>30</sup>. – Assim vejam o chefe da escola societária, um homem da mais alta inteligência, é quem demanda como o *único modo de regenerar a sociedade* a organização do trabalho! – Então, está tudo aí. Os títulos do sr. Victor Considerant são diferentes dos homens anteriormente citados. – O homem de ciência procede com sua ciência não com seu coração. – Entretanto, ele poderia oferecer grandes vantagens. Sr. Considerant é ativo, fala com entusiasmo e com grande convicção científica; também escreve. Soma-se a isto, estar à frente de uma escola que reúne homens de mérito e sobre os quais ele tem influência. Além do mais, ele soube se colocar de modo a ser ouvido pelos homens do governo. Se o sr. Considerant fosse escolhido pela UNIÃO, teria uma grande importância o que lhe colocaria em posição poderosa para servir os interesses da santa causa<sup>31</sup>.

Abordaremos agora uma questão bastante delicada: – o valor dos honorários que a UNIÃO OPERÁRIA deverá dedicar a seu defensor.

Creio que devido à importância do objetivo, é de interesse que se entenda bem que UNIÃO OPERÁRIA pague generosamente seu defensor: por exemplo, duzentos mil francos, trezentos mil francos, talvez até mesmo quinhentos mil por ano.

30. Vejam os *Destinos sociais, a Democracia Pacífica*, – obras de Fourier e da escola societária.

31. Independente dos homens que acabo de citar há ainda outros que já deram provas de uma grande simpatia pela classe operária, por exemplo: Sr. Pierre Leroux, Jean Reynaud, Olinde Rodrigues, Pecqueur de Lamartine, Hyppolite Carnot, Schutzenberger, Cormenin, de Lamennais, Ledru-Rollin etc.

Mas, dirão alguns, você crê que exista na França um homem que ouse aceitar uma soma tão elevada que provenha de pequenas cotizações voluntárias dadas por pobres operários? Ele não teme ser acusado, como é O'Connell, de fazer *ofício* e mercadoria de sua dedicação ao povo?

Que os inimigos políticos de O'Connell o ataquem com reprovações, injúrias, calúnias em relação ao salário que ele recebe da Irlanda, esta tática é compreensível. Animada pelo ódio de partido, a aristocracia inglesa gostaria que O'Connell se perdesse no espírito do povo irlandês de modo a que a Irlanda *não tenha mais um defensor*. – Entretanto a conduta de O'Connell é totalmente leal, legal e de acordo com as regras estabelecidas por uma moral saudável.

Operários, vocês que ganham seu sustento com o suor, vocês compreendem que todo trabalho merece um salário? E então! Por que O'Connell que trabalha para fazer com que a Irlanda saia da escravidão, não receberia um salário devido por seus trabalhos? – E que trabalho este, de um homem que dedica toda sua vida à defesa da causa popular! Para ele não há descanso: o espírito sempre ocupado procurando formas de defesa, de dia, de noite, a todo momento, ele trabalha. Que podemos dizer dos dois milhões que recebe o Senhor O'Connell? ... É possível pagar a vida de coração, alma, espírito com ouro?

É chegado o tempo de retribuir os serviços de acordo com sua *utilidade*.

Operários, vocês sabem por que caluniam o sr. O'Connell e por que também irão caluniar o seu defensor? – Direi a vocês: a *aristocracia* que governa não quer que a *classe operária* forme uma

UNIÃO compacta, sólida, indissolúvel; – ela não quer que homens de mérito se tornem defensores *dedicados* e *assalariados* da classe operária. – E é por esta razão que esta aristocracia, que dá mostras de habilidade quando se trata de garantir a manutenção de seus privilégios, acusa os homens que ousam abraçar esta nobre defesa de serem *gananciosos* e *indelicados*.

O receio de se passar por *charlatão* dedicado não impedirá, é certo, um homem realmente superior que sentira em si força e fé. Além disso, a posição de representante da UNIÃO OPERÁRIA será bem diferente da do sr. O’Connell. – Ele *ofereceu* seus serviços à Irlanda, ao passo que será a UNIÃO OPERÁRIA quem fará um *chamado* ao país para encontrar seu defensor: ela o escolherá e fixará o montante de seus honorários. A ele caberá apenas aceitar e cumprir dignamente seu mandato.

Quanto vocês destinam a seu defensor! – alguns dirão. – Vocês acreditam que um homem que ame de verdade a causa dos operários não a defenderá o bastante bem recebendo 25 ou 30 mil francos de remuneração?

Operários, reparem bem que a posição de seu defensor será excepcional. A defesa de sua causa, por mais santa que seja, não é uma coisa fácil. Não se enganem: para obter o *direito ao trabalho* e em seguida à *organização do trabalho* será preciso lutar com afinco e por um longo tempo.

Se vocês querem que seu defensor seja ouvido, para começar coloquem-no em uma posição que lhe permita adquirir um grande poder. Ora, para ter poder em nossos dias é preciso publicidade, e a publicidade em todas suas formas demanda dinheiro, muito dinheiro.

Se derem 25 mil a seu defensor, aonde ele chegará? Ele terá as mãos atadas, como se diz, e não poderá agir da forma que julga necessário. – Imaginem que ele tenha que recorrer a todos os meios de publicidade com seus escritos (despesas de impressão), escritos de outros (despesas de colaboração), imprensa (despesas de anúncios), viagens em todas as cidades da França (despesas de viagem), artes (despesas com desenhos, gravuras, litografias etc. etc.), para frequentar a sociedade (despesas de manutenção da casa), enfim divulgação por todos os meios: ou seja, despesas de todo tipo<sup>32</sup>.

Imaginem que seu defensor, além de todas suas outras qualidades, deve ser o que chamamos um *homem hábil*. Deve manejar com tato todos os meios para conseguir auxiliares e para poder agir com inteligência e em grande escala, ele precisa de muito dinheiro. A fim de colocar sua probidade acima de qualquer suspeita, o defensor, ao fim de cada ano, prestará contas ao comitê central do uso dos recursos que recebeu e se este perceber que os fundos foram utilizados para *seus interesses particulares*, seu mandato será retirado.

32. No momento em que se expressa uma ideia ou proposição nova, a multidão, essencialmente habituada à rotina, se manifesta contra. – Na Inglaterra, onde O'Connell cumpre há quinze anos a missão de defensor do povo, começa-se a compreender que é *justo*, e mesmo *indispensável* que o homem que consagra todo seu tempo, todas suas faculdades, *toda sua vida na defesa do povo*, receba deste mesmo povo o necessário para viver materialmente assim como a sua família; proponho para a França apenas o que já existe em nosso vizinho. Disse que era preciso dar quinhentos mil francos ao defensor do povo como subvenção para as despesas indispensáveis ao cumprimento de sua missão. – Sem dúvida o comitê central poderia se reservar a faculdade de destinar os fundos que o defensor venha a julgar necessários. Mas como poderia recusar, isto faria com que o defensor não fosse mais responsável pelo movimento dado à causa, e estaria no direito de remeter ao comitê central a falta de impulso que esta causa sofreria; e devemos compreender que é da maior importância que toda responsabilidade repouse *somente sobre a cabeça do defensor*. Além do mais, ao pagar um salário ao seu defensor, é a própria união operária que se constitui, pois apenas pelo fato da classe operária *eleger e pagar* um defensor, ela se dá a conhecer a todos que se *constitui como um corpo* e que este corpo é poderoso e rico o bastante para investir seu *mandato* em um homem honrado.

Após ter dito tudo isso neste texto, esta longa nota seria para três quartos de nossos leitores *completamente inútil*; mas como é preciso lutar contra os *preconceitos*, as *desconfianças* de uns e os *escrúpulos* de outros, nunca é demais dar muitas explicações.

Se insisto tanto sobre a questão do defensor, é porque desejo que os operários compreendam bem a importância que a UNIÃO OPERÁRIA deve dar ao começar a se fazer representar frente a todo o país.

Quanto aos outros resultados que a UNIÃO OPERÁRIA deverá ter, não os enumero aqui porque vão encontrar seu lugar natural no capítulo IV.







## PORQUE EU MENCIONO AS MULHERES

Operários, meus irmãos, trabalho para vocês com amor porque vocês representam a parte mais *vivaz*, mais *numerosa* e mais *útil* da humanidade e assim me satisfaço em servir sua causa; peço a vocês que se disponham a ler com a maior atenção este capítulo, pois é importante que eu possa vos persuadir; considerem seus *interesses materiais* e vocês compreenderão porque sempre menciono as mulheres designando-as por: *operárias* ou *todas*.

Para aquele cuja inteligência é iluminada pelos raios do amor divino, do amor à humanidade, será fácil compreender o encadeamento lógico das relações que existem entre as causas e os efeitos. – Para estes, toda a filosofia, toda a religião se resumem nestas duas questões: – primeira: como *podemos* e *devemos* amar e servir a Deus *visando o bem-estar universal de todos e todas na humanidade?* A se-

gunda: como podemos e devemos amar e tratar *a mulher, visando o bem-estar universal de todos e de todas na humanidade?*

De meu ponto de vista, estas duas questões assim colocadas são a base sobre a qual deve se sustentar tudo o que se produz no mundo moral e no mundo material (um decorre do outro) como uma ordem natural.

Não creio que aqui seja o lugar para responder a estas duas questões. Mais tarde, se os operários desejarem, tratarei com eles de muito boa vontade, metafísica e filosoficamente destas questões de ordem mais elevada. Mas, por enquanto, basta apresentar estas duas questões *como sendo uma declaração formal de um princípio absoluto*.

Sem ir diretamente às causas, limitemo-nos a examinar os efeitos.

Até o momento a mulher não contou para nada nas sociedades humanas. – Do que isto resulta? Que o padre, o legislador, o filósofo a trataram como uma verdadeira pária. A mulher (é a metade da humanidade) foi colocada fora da Igreja, fora da lei, fora da sociedade<sup>33</sup>. Para ela nada de representação frente à lei,

33. Aristóteles, menos suave do que Platão, apresentava esta questão sem resolvê-la: As mulheres têm alma? Questão que foi dissecada a seu favor no concílio de Macón com *uma maioria de três vozes*. (A *Phalange*, 21 de agosto de 1842). Assim, *três vozes a menos* e a mulher seria reconhecida como pertencente ao reino dos *animais selvagens*, e, portanto, o homem, o mestre, o senhor teria sido *obrigado a coabitar com o animal selvagem!* Esta ideia o faz estremeecer e enregelar-se de horror!... Além disso, do modo como são as coisas, isto deve ser profundamente doloroso para os *sábios dos sábios*, pensar que eles descendem da *raça mulher*. – Pois, se eles realmente estão convencidos que a mulher *é tão estúpida* quanto eles pensam, que vergonha para eles de terem sido concebidos nas entranhas de tal criatura, de terem sugado seu leite e de terem estado sob sua tutela uma grande parte de sua vida! – Oh! É bem provável que estes sábios pudessem colocar a mulher *fora da natureza*, como a colocaram fora da Igreja, fora da lei e fora da sociedade, seriam assim poupados da *vergonha* de descender de uma mulher. – Mas felizmente acima da sabedoria dos sábios existe a lei de Deus. Todos os profetas, exceto Jesus, trataram a mulher com uma iniquidade, um desprezo e uma dureza inexplicáveis.

Moisés disse a seu Deus:

“Deus disse à mulher: “Eu vos afligirei com muitos sofrimentos durante a gravidez; pararáis na dor; vós estareis sob o poder de vosso marido e ele vos dominará”. (Gênesis, 3:16).

O autor dos *Eclesiastes* aumentou o orgulho do sexo ao ponto de dizer: “Mais vale um homem imoral do que uma mulher virtuosa”.

Maomé disse em nome de seu Deus:

nada de funções no Estado. O padre lhe disse: – “Mulher, tu és a tentação, o pecado, o mal; representas a carne – isto é, a corrupção, a podridão. – Chores por tua condição, jogues cinza na sua cabeça, te encerres no claustro, e lá maceres teu coração que é feito para o amor, e tuas entranhas de mulher feitas para a maternidade; e quando tiveres assim mutilado teu coração e teu corpo, ofereça-os sangrando e ressecados a teu Deus pela remissão do *pecado original* cometido por tua mãe Eva”. Em seguida o legislador lhe diz: – “Mulher, por ti própria tu não és nada como membro ativo da humanidade, não podes esperar encontrar lugar no banquete social. – É preciso, se quiseres viver, que sirvas de *anexo* a teu senhor e mestre, o homem. Portanto, moça obedecerás a teu pai; – casada, obedecerás a teu marido; viúva e anciã, ninguém mais fará caso de ti”. Em seguida, o filósofo erudito lhe diz: – “Mulher, foi constatado pela ciência que por tua organização, tu és inferior ao homem<sup>34</sup>”. Ou seja, não tens inteligência, não tens compreensão suficiente para as questões elevadas, não dás continuidade às

“Os homens são superiores às mulheres porque Deus lhes outorgou primazia sobre elas e porque os homens usam seus bens para pagar-lhe o dote.”

“Vós deveis repreender aquelas que temeis a desobediência, deixai-las a sós em seus leitos, batam nelas; mas logo que elas vos obedecem não procure mais desavença.” (Alcorão, cap. IV, 38)

O Código de Manu diz:

“Durante a infância, uma mulher deve depender de seu pai; durante a juventude, depende do seu marido; quando falece seu marido, de seu filho, de parentes próximos de seu marido, ou na falta destes, de seu pai; se não tem parentes paternos, do soberano: uma mulher não deve jamais conduzir-se por si própria!”

E vejam o mais curioso: “Ela deve sempre estar de bom humor”

“215. A mulher não pode fazer demandas judiciais sem autorização de seu marido, mesmo que seja comerciante ou não, ou que seja casada em separação ou comunhão de bens”.

37. Os “testemunhos realizados nos atos civis só poderão ser do sexo masculino” (Código Civil)

“Um (o homem) deve ser ativo e forte, o outro (a mulher) *passiva* e fraca” (J.J. Rousseau, *Émile*)

Esta fórmula se encontra reproduzida no Código:

“213. O marido deve proteção à sua mulher, a mulher, obediência a seu marido.”

34. A maioria dos estudiosos, naturalistas, médicos ou filósofos, concluiu mais ou menos explicitamente a inferioridade intelectual das mulheres.

ideias, nenhuma capacidade para as ciências exatas, sem aptidão para os trabalhos sérios; enfim és um ser fraco de corpo e de espírito, pusilânime, supersticioso; em uma palavra, não és nada mais que uma criança caprichosa, voluntariosa, frívola; durante 10 ou 15 anos da vida és uma gentil *bonequinha*, mas cheia de defeitos e vícios. – E por isto mulher, é preciso que o homem seja *teu mestre* e tenha toda autoridade sobre ti<sup>35</sup>. Vejam, há seis mil anos desde que o mundo existe, como os sábios dos sábios julgaram a *raça mulher*.

Tal terrível condenação, repetida por seis mil anos, naturalmente sensibiliza as massas, porque a sanção do tempo tem muita autoridade sobre as massas. – Entretanto, o que nos dá esperança para que possamos questionar este julgamento, é que também durante seis mil anos os sábios dos sábios emitiram um juízo não menos terrível sobre outra raça da humanidade: os PROLETÁRIOS. – Antes de 1789, o que era o proletário na sociedade francesa? Um *vilão*, um *aldeão* considerado uma *besta de carga* que podia ser controlado e posto a trabalhar. – Depois, vem a revolução de 1789 e de uma hora para outra os sábios dos sábios proclamam que a *plebe* agora se chama *povo*, que os *vilões e aldeões* se chamam *cidadãos*. – Por fim, proclamam em plena assembleia nacional os *direitos do homem*<sup>36</sup>.

35. A mulher é feita para o homem. (São Paulo).

36. "O povo francês convencido de que o esquecimento e o desprezo dos direitos naturais do homem são as únicas causas das desgraças do mundo, resolveu expor em uma declaração solene estes direitos sagrados e inalienáveis a fim de que todos os cidadãos possam, sempre, comparar os atos do governo com o objetivo de toda e qualquer instituição social, não se deixando oprimir jamais, nem se degradar pela tirania; para que o povo tenha sempre frente a seus olhos as bases de sua liberdade e de sua felicidade; o magistrado regulamenta seus deveres; o legislador o objeto de sua missão. – Em consequência ele proclama em presença do Ser Supremo, a seguinte declaração do homem e do cidadão. 1. O objetivo da sociedade é o bem comum. O governo é instituído para garantir ao homem o gozo de seus direitos naturais e imprescritíveis. 2. Estes direitos são igualdade, liberdade, segurança, propriedade.

3. Todos os homens são iguais por natureza e frente à lei.

4. "A lei é expressão livre e solene da vontade geral." (Convenção nacional, 24 de junho de 1793).

O proletário, este pobre operário visto até então como um bruto, ficou bem surpreso ao descobrir que foi *o esquecimento e o desprezo de seus direitos que causaram as misérias do mundo*. – Oh! Ele ficou bastante surpreso em saber que ele iria gozar de direitos civis, políticos e sociais, e que por fim tornava-se igual a seu antigo senhor e mestre. – Sua surpresa aumentou quando soube que possuía um cérebro com absolutamente a *mesma qualidade* que o do príncipe herdeiro real. – Que mudança! – Entretanto não demorou a perceber que este *segundo* julgamento dado à *raça proletária* era bem mais exato do que o primeiro, porque mal foi proclamado que os proletários estavam *aptos* a toda espécie de funções civis, militares e sociais que de seu meio vimos sair generais como Carlos Magno, que nem Henrique IV nem Louis XIV jamais puderam recrutar no seio de sua orgulhosa e brilhante nobreza<sup>37</sup>. Depois, como por encanto, surgiu dos meios proletários uma multidão de sábios, artistas, poetas, escritores, estadistas, financistas que deram à França um brilho que ela jamais havia conhecido. – Então a glória militar veio recobri-la como uma auréola; as descobertas científicas a enriqueceram; as artes a embelezaram; seu comércio se estendeu amplamente e em menos de trinta anos a riqueza do país *triplicou*. – A demonstração se dá pelos fatos e sem réplica. – Assim, hoje, todo mundo está de acordo que os homens nascem indistintamente com faculdades praticamente iguais, e que a única coisa com que deveríamos nos preocupar seria buscar *desenvolver todas as faculdades do indivíduo com vistas ao bem-estar geral*.

37. Todos os famosos generais do Império vieram da classe operária. Antes de 1789 somente os nobres eram oficiais.

O que aconteceu com os proletários, e preciso convir, é de bom augúrio para as mulheres quando seu 89 houver soado. – Considerando um cálculo bem simples, é evidente que a riqueza crescerá indefinidamente no dia em que chamarmos as mulheres (a metade do gênero humano) a aportar para a atividade social sua contribuição em inteligência, força e capacidade. – Isto é tão fácil de compreender quanto que *dois é o dobro de um*. Mas que triste! Nós ainda não estamos lá e enquanto esperamos este feliz 89, constatemos o que se passa em 1843.

A Igreja dizia que a mulher era *o pecado*; o legislador, que *por ela mesma ela não era nada, que não devia gozar nenhum direito*; o filósofo erudito que por sua *organização ela não tinha inteligência*, concluímos que ela era um pobre ser deserdado de Deus e assim os homens e a sociedade a tratavam.

Não conheço nada de mais poderoso como a lógica forçada, inevitável que decorre de um *princípio* posto ou da hipótese que o representa. – A inferioridade da mulher uma vez proclamada e posta como um princípio: vejam que consequências desastrosas resultam para o *bem-estar universal de todos e todas na humanidade*.

Acreditando que à mulher, por sua organização, faltava força, inteligência e capacidade e que era imprópria para trabalhos sérios e úteis, se conclui logicamente que seria perda de tempo lhe proporcionar uma educação racional, sólida, severa, capaz de fazer dela um membro útil para a sociedade. Então ela é educada para ser uma *bonequinha boazinha* e uma escrava destinada a *distrair seu mestre e o servir*. – Em verdade, de tempos em tempos alguns homens dotados de inteligência e sensibilidade, sofrendo por suas mães, mulheres, filhas, se manifestaram contra a barbárie e o ab-

surdo de tal ordem de coisas e protestaram energicamente contra uma condenação tão iníqua<sup>38</sup>. – Muitas vezes por um momento a sociedade se emocionou, mas coagida pela lógica, respondeu: “Ora! Consideremos que as mulheres não sejam aquilo que os sábios acreditavam; podemos até supor que elas tenham uma grande força moral e muita inteligência: bem! neste caso, de que serviria desenvolver suas faculdades já que elas não encontrarão maneira de *empregá-las de forma útil* na sociedade em que se encontram.” Que suplício pavoroso este de sentir em si a força e a potência de agir e se ver condenada à inação!

Este raciocínio é uma verdade irrefutável. Todos repetem: É verdade, as mulheres sofreriam muito se desenvolvêssemos nelas as belas faculdades dotadas por Deus se, desde sua infância, fossem criadas de modo a que elas compreendam bem sua dignidade como ser e que tenham consciência de seu valor como membros da sociedade; jamais elas poderiam suportar a condição humilhante que a Igreja, a lei, e os preconceitos lhes colocam. “É melhor tratá-las como crianças e deixá-las na ignorância sobre elas mesmas, sofreriam menos”.

Acompanhem com atenção e verão que agitação assustadora decorre apenas da aceitação de um *falso princípio*.

Não quero distanciar-me de meu tema, se bem que aqui havia uma boa ocasião para falar do ponto de vista geral, volto ao meu tema, à classe operária.

---

38. Vejam, entre outras coisas, o que diz Fourier: “Encontrei durante minhas pesquisas sobre o regime da sociedade muito mais inteligência entre as mulheres do que entre os homens; pois muito mais vezes elas me deram ideias novas que me valeram soluções de problemas imprevistos”. Devo muito às mulheres da classe chamada espontânea as soluções preciosas às questões que torturavam meu espírito. As mulheres têm espírito que compreende rapidamente o que se passa, e apresentam suas ideias novas com precisão e sem intermediários, os homens nunca me deram semelhante alívio.

Na vida dos operários a mulher é tudo. – Ela é a única providência. – Se ela lhe falta, lhe falta tudo. Assim dizem: “É a mulher que faz ou desfaz uma casa” e isto é a mais pura verdade: por isto é que existe este provérbio. – No entanto, que educação, que instrução, que direção, que desenvolvimento moral ou físico recebe a mulher do povo? Nenhum. – Quando criança, é deixada aos cuidados de uma mãe ou de uma avó que também não receberam nenhuma educação: – a mãe, de acordo com sua natureza, será brutal e malvada, vai bater ou maltratá-la sem motivo; – a avó será fraca, despreocupada e vai deixar que faça todas suas vontades. (Nisto, como nos demais assuntos que me adianto, falo no geral; bem entendido, deve haver numerosas exceções). A pobre criança crescerá no meio de contradições as mais chocantes, – um dia irritada pelos golpes e pelos tratamentos injustos, – noutro amolecida, mimada por *mimos* não menos perniciosos.

Em vez de ser enviada à escola<sup>39</sup>, será mantida em casa ao contrário de seus irmãos, porque se aproveita mais dela no trabalho da casa: fazer os menores dormirem, levar recados, tomar conta da sopa etc. – Com 12 anos, é levada trabalhar como aprendiz: lá continua a ser explorada e geralmente tão maltratada pela patroa quanto era na casa de seus pais.

Nada como um sofrimento contínuo, fruto de um tratamento injusto e brutal vivido por uma criança para amargar o caráter, endurecer o coração e tornar o espírito embrutecido. Primeiro, a in-

39.Soube por uma pessoa que fez os exames para cuidar de uma sala de orfanato, que por ordens superiores recebidas, os professores deste tipo de escolas deviam se ocupar em desenvolver a *inteligência dos meninos mais do que das meninas*. Geralmente todos os professores de escolas de pequenas comunidades agem da mesma maneira em relação às crianças que eles instruem. Vários me confessaram que eles receberam mesmo esta ordem. Isto é ainda uma consequência lógica da posição desigual que homem e mulher ocupam na sociedade. Neste assunto tem um ditado bastante conhecido: “Ah! *Para uma mulher*, ela sempre sabe que *é o bastante!*”.

justiça nos machuca, nos aflige, nos desespera; depois, quando ela se prolonga, nos irrita, nos exaspera, e passamos a sonhar unicamente com a vingança, acabamos nos tornando duros, injustos, maldosos. – Este é o estado que se espera de uma pobre garota aos vinte anos. – Então ela se casará, sem amor, unicamente porque é preciso se casar se quiser fugir da tirania dos pais. Que acontecerá com ela? Suponho que terá filhos; – e por sua vez, será totalmente incapaz de educar de forma conveniente seus filhos e filhas: ela se mostrará com relação a eles tão rude quanto sua mãe e sua avó foram com ela<sup>40</sup>.

Mulheres da classe operária observem bem, peço a vocês que ao tratar aqui de como é tocante sua ignorância e sua incapacidade de educar suas crianças, não tenho nenhuma intenção de fazer acusações contra vocês ou à sua natureza. Não, eu acuso a sociedade por mantê-las tão incultas, vocês mulheres; vocês mães, que ao contrário têm que ser instruídas e desenvolvidas a fim de poder instruir e desenvolver homens e crianças confiadas a seus cuidados.

As mulheres do povo em geral são rudes, bravas e até mesmo brutas. – É verdade; mas de onde provém este estado de coisas se não está em acordo com a natureza doce, boa, sensível e generosa das mulheres?

Pobres operárias! Elas têm tantos motivos para se irritar! Primeiro o marido. (Convenhamos, há bem poucos lares de operários que sejam felizes). – O marido tendo recebido mais instrução, é o *chefe por lei* e também *graças ao dinheiro* que traz para casa<sup>41</sup>, ele se

40. As mulheres do povo se mostram mães muito ternas com suas crianças pequenas até que eles cheguem à idade de dois a três anos. – Seu instinto feminino as faz entender que a criança, nos seus dois primeiros anos, necessita de uma presença e de uma solicitude contínua. Mas passada esta idade, elas as brutalizam (salvo exceções).

41. É preciso considerar que em todas as profissões exercidas por homens e mulheres a jornada da operária é paga com a metade da jornada do operário, ou se ela trabalha por tarefa, seu pagamento será ainda menor. Não podendo suportar uma injustiça tão flagrante o primeiro pensamento que nos vem à mente é: em razão de sua força muscular o homem faz sem dúvida o dobro do trabalho da mulher. Mas não! É justamente o contrário que acontece. – Em todas as profissões em que é preciso destreza e agilidade os dedos das mulheres fazem exatamente o dobro do trabalho dos homens. – Por exemplo, na gráfica, para compor os tipos (é verdade que elas cometem muitos erros, mas isto

acha (e ele de fato é) superior à mulher, pois ela só aporta o pequeno salário de sua jornada e na casa não passa de uma humilde serva.

Assim, o marido trata sua mulher com muito desprezo. – A pobre mulher que se sente humilhada a cada palavra, a cada olhar que o marido lhe dirige, se revolta aberta ou secretamente, segundo seu caráter; daí decorrem cenas violentas, dolorosas, que terminam por criar entre o *mestre* e a *serva* (podemos mesmo dizer escrava, pois a mulher é por assim dizer *propriedade* do marido) um estado de constante irritação. – Este estado torna-se tão dramático que o marido, em vez de ficar em casa e conversar com sua mulher, se apressa em fugir, e como não há outro lugar para ir, vai ao cabaré beber *vinho barato* com *outros maridos* tão infelizes quanto ele na esperança de se embriagar<sup>42</sup>.

é resultado de sua falta de instrução); na fição do algodão, ou seda, para ligar os fios; em uma palavra, em todas as ocupações em que é necessária certa leveza nas mãos as mulheres são excelentes. Um gráfico me disse um dia com uma ingenuidade característica: – Pagamos a elas a metade porque é justo, elas são mais rápidas que os homens, elas ganhariam muito se pagássemos a elas o mesmo preço. “Sim, não pagamos a elas em função do trabalho que elas realizam, mas em função das poucas despesas que têm, devido às privações que são impostas a elas”. – Operários, vocês não veem que consequências desastrosas resultarão para vocês mesmos de tal injustiça cometida em detrimento de suas mães, irmãs, mulheres e filhas. – O que acontecerá? Que os industriais, vendo as operárias trabalharem mais rápido e pela metade do preço vão demitir a cada dia os operários de suas oficinas para substituí-los por operárias. – O homem cruza os braços e morre de fome sobre o chão! – Assim procederam os chefes de manufaturas na Inglaterra. – Uma vez começado este caminho, as mulheres serão demitidas para serem substituídas por crianças de doze anos. Economia da metade do salário! E por fim termina-se empregando somente crianças de sete ou oito anos. Deixe passar uma injustiça, e pode estar certo que ela engendrará muitas outras.

42. Por que os operários frequentam o cabaré? O egoísmo já consumiu totalmente as classes altas, aquelas que governam. Não compreendem que sua fortuna, sua felicidade e sua *segurança* dependem da melhoria moral, intelectual e material da classe operária. Abandonam o operário à miséria, ignorância, pensando segundo a antiga máxima que quanto mais o povo é bruto mais fácil é moldá-lo. Isto funcionava *antes da declaração dos direitos do homem*; depois é como um anacronismo grosseiro, uma falta grave. – De resto, é preciso ser ao menos consequente: se acreditamos que é *uma política boa e sábia* deixar a classe operária como *brutos*, então por que recriminar todo o tempo seus vícios? Os ricos acusam os operários de serem preguiçosos, depravados, bêbados; e para apoiar suas acusações eles gritam: – “Se os operários são miseráveis, é por *sua própria culpa*. – Vão aos cassinos, entrem nos cabarés, vocês os encontrarão cheios de *operários* que estão lá a beber e perder seu tempo”. Eu creio que se os operários em vez de irem ao cabaré, *se reunissem em sete* (número que as leis de setembro permitem), *em um quarto, para se instruir coletivamente sobre seus direitos e buscar formas de fazê-los valer legalmente*, os ricos estariam menos descontentes ao ver os cabarés cheios. No estado atual das coisas, o cabaré é o TEMPLO do operário; é o *único lugar* onde pode ir. Na Igreja ele não acredita nenhum pouco; no teatro, não compreende nada. Vejam porque os cabarés estão *sempre cheios*. Em Paris, três quartos dos operários não têm nem mesmo domicílio; eles dormem amontoados em *dormitórios*; e aqueles que têm um lar vivem em sótãos onde falta lugar e ar; portanto eles são forçados a sair se querem exercitar um pouco os membros e reavi-

Esta forma de distração agrava o mal. – A mulher que espera o pagamento no domingo para alimentar a família durante a semana se desespera ao ver o marido gastar boa parte deste no cabaré. Então sua irritação chega ao ponto máximo, sua brutalidade e sua maldade redobram. É preciso ter visto de perto estes lares operários (sobretudo os maus) para se ter uma ideia da infelicidade que sente o marido e do sofrimento que sente a mulher. – Das reprovações, das injúrias se passa às agressões físicas, em seguida às lágrimas, ao desânimo e ao desespero<sup>43</sup>.

---

var seus pulmões. Vocês não querem instruir o povo, vocês os proíbem de se reunir com medo que eles próprios se instruíam, que falem de política ou de doutrinas sociais; vocês não querem que eles leiam, que escrevam, que ocupem seu pensamento, por medo que se revoltem!... Mas o que querem então que façam? Se vocês o impedem de aceder a tudo o que alimenta o espírito, é óbvio que como único recurso só lhe reste o cabaré. – Pobres operários! Destruídos pela miséria, por decepções de todo o tipo seja em casa, ou pelo patrão, ou por causa dos trabalhos repugnantes e forçados que são condenados a fazer, irrita tanto seu sistema nervoso, que às vezes parecem loucos. Neste estado, para escapar a seus sofrimentos só lhes resta como refúgio o cabaré. Eles vão até lá para beber vinho barato, que remédio execrável! Mas que tem a virtude de inebriá-lo. Considerando tais fatos, encontra-se no mundo pessoas ditas virtuosas, ditas religiosas, que confortavelmente estabelecidas em suas casas bebem a cada refeição e em abundância um bom vinho de Bordeaux, um velho Chablis, excelente Champagne – e estas pessoas fazem belos discursos morais contra o alcoolismo, devassidão e intemperança da classe operária! ...

Durante os estudos que tenho feito sobre os operários (há dez anos me ocupo deles), jamais encontrei um bêbado, um verdadeiro depravado entre os operários felizes em casa e que desfrutam de certa condição. Enquanto que entre aqueles que são infelizes em casa e mergulhados em uma extrema miséria encontrei bêbados incorrigíveis.

O cabaré então, não é causa do mal, mas simplesmente o efeito. A causa do mal está unicamente na ignorância, na miséria, no embrutecimento em que está mergulhada a classe operária. – Instruam o povo e em vinte anos os fornecedores de vinho barato, que mantém os cabarés, fecharão seus estabelecimentos por falta de consumidores. Na Inglaterra, onde a classe operária é muito mais ignorante e infeliz que na França, os operários e as operárias chegam à loucura pelo vício do alcoolismo. (Vejam sobre este assunto o que diz Eug. Buret).

43. Citarei em seguida como justificativa do que acabo de dizer sobre a brutalidade das mulheres do povo, mas também sobre a excelência de sua natureza, um fato que aconteceu em Bordeaux em 1827 durante minha estadia nesta cidade. Entre as vendedoras de legumes que têm sua banca ao ar livre na praça do mercado, havia uma temida por todas de tanto que era insolente, rude e brutal. – O marido desta mulher recolhia lama das ruas da cidade. – Uma noite ele chegou em casa e a sopa não estava pronta. Uma briga começou entre marido e mulher. Das injúrias o marido chegou às vias de fato e deu um tapa em sua mulher. Esta, que naquele momento preparava a sopa cortando legumes com uma grande faca de cozinha, exasperada pela cólera, enfiou a faca em seu marido e atravessou seu coração. Este caiu morto. A mulher foi presa. Ao ver seu marido morto, esta mulher tão bruta, tão rude foi tomada por uma grande dor, um grande arrependimento que, apesar de seu crime, inspirou em todo mundo não somente compaixão, mas também respeito. – Foi fácil mostrar que o marido a tinha provocado; que o assassinato foi cometido em um momento de cólera, sem nenhuma premeditação. – Sua dor era tanta que temiam por sua vida, e como ela amamentava um bebê de quatro meses, o juiz de instrução acreditando acalmá-la disse que ela poderia ficar tranquila, que ela seria liberada. – Mas qual foi a surpresa de todos os que assistiam quando a mulher ao ouvir estas palavras gritou: “Eu, livre! Ah, senhor juiz, o que ousa me dizer? Se liberarem um miserável como eu não haverá mais nenhuma justiça sobre a terra”.

Depois das amargas decepções causadas pelo marido se seguem as gravidezes, as doenças, a falta de emprego e a miséria que está sempre à porta como a cabeça da Medusa. – Acrescente a isto, essa irritação incessante causada por quatro ou cinco crianças barulhentas, turbulentas, irritantes que correm em volta da mãe em um pequeno quarto de operário onde não há lugar para se mexer. Oh! É preciso ser um anjo que desceu à terra para não se irritar, não se tornar bruta e rude em tal situação. Enquanto isto, vivendo nestas famílias, o que as crianças se tornam? Elas só veem o pai à noite e aos domingos. Este pai sempre irritado e bêbado, só fala com eles irado e dele só recebem injúrias e agressões; escutando a mãe queixar-se continuamente, olham para pai com ódio e desprezo. Quanto a sua mãe, eles a temem, obedecem, mas não a amam; porque o homem é feito assim, ele não pode amar aqueles que o maltratam. E já é uma enorme tristeza para um filho não poder amar sua mãe! Se ele tem uma decepção, no colo de quem vai chorar? Se por descuido, comete uma falta grave no treinamento a quem ele pode confessar? Não tendo nenhum atrativo para ficar perto de sua mãe, a criança vai procurar qualquer pretexto para se distanciar da casa

---

Todos os argumentos foram utilizados para que ela compreendesse que não era nenhum um pouco *criminoso*, pois ela não havia *pensado* em cometer um assassinato. "Ah! que importa o pensamento? Ela repetia, se existe dentro de mim uma brutalidade que me leva tanto a bater em um dos meus filhos, quanto a matar meu marido? – Não sou um ser perigoso, incapaz de viver em sociedade?" Por fim, quando estava convencida que seria liberada, esta mulher brutal, sem nenhuma educação, tomou uma resolução digna dos homens mais fortes da República romana. – Ela declarou que faria justiça por si mesma e que ela se *deixaria morrer de fome*... E com que força, que dignidade ela executara esta terrível sentença de morte pronunciada por ela mesma! Sua mãe, sua família, seus sete filhos vieram suplicar em lágrimas para que ela vivesse por eles. – Entregou à sua mãe seu pequeno bebê e lhe disse: – "Ensine a meus filhos que devem se felicitar por haver perdido uma mãe como eu, pois em um momento de brutalidade eu poderia matá-los como matei o pai deles". Os juízes, os padres, as mulheres do mercado e muitas pessoas da cidade vieram junto a ela para falar *em seu favor*. Ela permaneceu firme. – Então eles tentaram outro jeito: colocaram em seu quarto doces, frutas, laticínios, vinho, carnes; chegaram mesmo a assar um frango que lhe trouxeram ainda quente para que o aroma a excitasse a comer. "Tudo que vocês fazem é inútil, repetia com muito sangue frio e dignidade; sou uma mulher bruta capaz de assassinar o pai de seus sete filhos devo morrer, e morrerei". Ela sofreu horríveis torturas sem se queixar e no sétimo dia ela expirou.

materna. As más companhias são muito fáceis de se arranjar, tanto para as meninas quanto para os meninos. Da vadiagem passamos a vagabundagem e da vagabundagem ao roubo.

Entre as infelizes que enchem as casas de prostituição... E os infelizes que gemem na prisão, quantos não poderiam dizer: “Se tivéssemos tido uma mãe *capaz de nos educar*, seguro que não estaríamos aqui”.

Repito, a mulher é tudo na vida de um operário: como mãe tem influência sobre ele durante a infância; é dela e unicamente dela que ele adquire as primeiras noções desta ciência importante a adquirir, a ciência da vida, esta que nos ensina a viver de forma conveniente para nós e para os outros de acordo com o meio em que o acaso nos colocou<sup>44</sup>. – Como amante ela tem influência sobre ele durante toda a juventude, e que ação poderosa poderia exercer

44. Vejam como *La Phalange* de 11 de setembro de 1842 se exprime em relação a um artigo notável de *La Presse*: “*La Presse* tomou a sábia decisão de ignorar as querelas vãs sobre a pequena sessão, sobre o caráter dos votos da enquete, e da lei de regência sobre a conversão do Sr. Thiers e se pôs a estudar as questões que serão submetidas aos conselhos gerais... Hoje muitas crianças ainda estão privadas de instrução e 4.196 comunidades não têm escolas. Para evitar os pretextos dos pais, para superar toda despreocupação e falta de vontade dos conselhos municipais, o jornalista de *La Presse* propõe suprimir a retribuição mensal paga pelos alunos e pede que o estabelecimento e manutenção de todas as escolas não estejam mais a cargo das comunas e de agora em diante sejam inscritas no orçamento do Estado. Sempre dissemos que a sociedade deve educação a todos os seus membros e é totalmente deplorável que o governo de um país esclarecido não assegure rigorosamente que a infância esteja cercada de todos os cuidados necessários a seu desenvolvimento. Citamos o fim do artigo de *La Presse*; as reflexões deste jornal sobre a instrução das mulheres são justas e o fazem por merecer. Nós protestamos em todos os momentos contra este odioso e estúpido abandono de *todo um sexo* do qual é culpada nossa sociedade dita *civilizada* e realmente *bárbara* em muitos aspectos. “Ao lado desta importante reforma, há outra, talvez mais urgente, que os conselhos gerais deveriam igualmente recomendar à administração e às câmaras, nos referimos à organização das escolas primárias para as meninas. Não é estranho que um país como a França, que se vê como a vanguarda da civilização, que procura prová-lo espalhando em todas as classes de cidadãos luzes de instrução, que abre por todo lado escolas para as crianças e escolas para seus professores, negligencie completamente a instrução das mulheres, as primeiras instrutoras da infância? Este esquecimento não é somente uma injustiça e uma imprudência, é um erro. O que resulta da ignorância da maior parte das mães de família? Que quando aos cinco anos seus filhos chegam à escola, eles trazem péssimas inclinações, crenças absurdas, ideias falsas que eles sugaram com o seu leite; e o professor tem muito mais dificuldade a lhes fazer esquecer, a destruí-los em seu espírito; do que lhes ensinar a ler. E, no entanto, *custa mais tempo e dinheiro* consumir uma injustiça e ter maus alunos do que dar instrução às mulheres, e formar assim operários mais hábeis, donas de casa mais úteis e auxiliares naturais e gratuitas das lições da escola”.

uma jovem bela e amada! – Como esposa, tem influência sobre ele por três quartos de sua vida. – E por fim, como filha tem influência sobre ele durante a velhice. – Reparem que a condição do operário não é de modo algum a de um inativo. – Se o filho de um rico tem uma mãe incapaz de educá-lo, este é colocado em um colégio interno ou terá uma preceptora. Se o jovem rico não tem uma amante, ele pode ocupar seu coração e sua imaginação no estudo das belas artes ou da ciência. Se o homem rico não tem esposa não lhe faltam distrações no mundo. Se o velho rico não tem filha terá alguns velhos amigos ou sobrinhos que aceitarão de muito boa vontade entretê-lo, enquanto que o operário, a quem todos estes prazeres são proibidos, só tem como toda alegria, todo consolo, a sociedade das mulheres de sua família, suas companheiras de infortúnio. Resulta desta situação que será da maior importância, visando à melhoria intelectual, moral e material da classe operária, que as mulheres do povo recebam desde a infância uma educação racional, sólida, própria a desenvolver todas boas inclinações que estão nela, a fim de que possam se tornar operárias hábeis em sua profissão, boas mães de família capazes de educar e dirigir seus filhos e ser para eles, como disse *La Presse*, auxiliares naturais e gratuitas das lições da escola, e a fim de que elas possam também servir como agentes morais para os homens sobre os quais elas têm uma influência desde o nascimento até a morte.

Vocês começam a compreender, vocês, homens que reagem de maneira escandalosa antes mesmo de examinar a questão, por que eu reclamo *direitos para a mulher?* – Por que gostaria que ela estivesse na sociedade em pé de *igualdade absoluta* com o homem e que ela gozasse desta igualdade em virtude do *direito legal que todo ser possui quando nasce?*

Reclamo direitos para a mulher porque estou convencida de que *todas as desgraças do mundo são resultado deste esquecimento e desprezo* que existe até agora *dos direitos naturais e imprescritíveis do ser mulher*. – Reclamo direitos para a mulher porque esta é a *única forma de nos ocuparmos de sua educação* e da educação da mulher depende a do homem em geral e *particularmente a do homem do povo*. – Reclamo direitos para a mulher porque este é o único meio de conseguir sua reabilitação frente à Igreja, à lei e à sociedade, e esta reabilitação prévia é necessária para que todos os *operários sejam eles próprios reabilitados*. – Todos os males da classe operária se resumem nestas duas palavras: miséria e ignorância, ignorância e miséria. Então, para sair deste labirinto só vejo uma maneira: *começar por instruir as mulheres porque as mulheres são encarregadas de instruir meninos e meninas*.

Operários, vocês sabem o que se passa em seus lares no estado atual das coisas. Vocês, homens, *mestres que têm direitos* sobre sua mulher, vocês convivem com elas satisfeitos de coração? Digam: vocês são felizes?

Não, não: é muito fácil ver que apesar deste direito, vocês não estão nem *contentes*, nem *felizes*.

Entre o mestre e o escravo, não há nada mais que o cansaço do peso da corrente que liga um ao outro. – Lá, onde não há liberdade, a felicidade não poderá existir.

Os homens reclamam sem parar do humor raivoso, do caráter ardiloso e secretamente maldoso que a mulher manifesta em quase todas as suas relações. – Oh! Eu também teria uma má opinião sobre a *raça mulher* se, no estado de degradação que as leis e os costumes as colocaram, as mulheres se submetessem ao jugo que

pesa sobre elas sem proferir um murmúrio. — Graças a Deus, não é assim que se passa! Seu protesto, desde o começo dos tempos, tem sido constante.

— Mas desde a *declaração dos direitos do homem*, ato solene que proclamou o *esquecimento e o desprezo que os homens novos faziam delas*, seu protesto tomou uma forma enérgica e violenta que prova que a exasperação da escrava chegou a seu ponto máximo<sup>45</sup>.

Operários, vocês que têm bom senso e com os quais podemos argumentar porque não têm, como disse Fourier, o espírito tomado por estes sistemas, vocês poderiam supor por um momento que a mulher tem *direitos iguais ao homem*? E então! Qual seria o resultado?

1º Desde o instante em que não precisássemos mais temer as conseqüências perigosas que o estado atual de sua servidão leva necessariamente ao desenvolvimento moral e físico das faculdades da mulher, iríamos instruí-la com muito cuidado a fim de *tirar o melhor partido possível de sua inteligência e de seu trabalho*; 2º vocês homens do povo, teriam como mães, operárias hábeis, com um bom salário, instruídas, bem educadas e muito capazes de vos educar bem, operários, como convêm a homens livres; 3º vocês teriam como irmãs, amantes, esposas, amigas, mulheres instruídas, bem educadas e com as quais a troca do cotidiano seria para vocês muito mais agradável: pois nada é mais doce, mais suave para o coração de um homem do que o diálogo com as mulheres quando são instruídas, boas, e conversam com bom senso e indulgência.

Olhemos rapidamente sobre o que se passa hoje em dia nos lares operários; examinemos agora o que se passaria nestes mesmos lares se a mulher fosse *igual* ao homem.

45. Leiam a *Gazette des Tribunaux*. É em face destes fatos, que é preciso estudar o estado de exasperação que as mulheres hoje manifestam.

O marido, sabendo que sua mulher tem *direitos iguais aos seus* não a trataria mais com desdém com o desprezo que se dirige aos inferiores; ao contrário, ele iria tratá-la com o respeito e a deferência que dirigimos *aos iguais*. Então não haveria mais motivo de irritação para a mulher, e uma vez destruída a causa de sua irritação, ela não se mostraria mais rude, nem arditosa, nem briguenta, nem colérica, nem exasperada, nem maldosa. – Não sendo mais vista em casa como *serva do marido*, mas sim como *associada, amiga, companheira* do homem, naturalmente ela se interessará pela associação e fará tudo o que puder para frutificar o pequeno lar. – Tendo conhecimentos teóricos e práticos, a mulher utilizará toda sua inteligência para conduzir sua casa com ordem, economia e entendimento. – Instruída e conhecendo a utilidade da instrução, ela colocará toda sua ambição em educar bem seus filhos, e em instruí-los com amor, e supervisionar seus trabalhos de escola, ela os colocará para o trabalho de aprendiz em bons patrões; enfim ela o dirigirá em todas as coisas com solicitude, ternura e discernimento. – Qual seria então o contentamento no coração, a segurança de espírito, a felicidade de alma do homem, do marido, do operário que possuirá tal mulher! – Encontrando em sua mulher inteligência, bom senso, visões elevadas, o homem poderá conversar com ela assuntos sérios, comunicar-lhe seus projetos e trabalhar em formas para melhorar ainda mais sua posição. – Lisonjeada pela confiança, a mulher ajudará em seus empreendimentos e negócios, seja por seus bons conselhos, seja por sua atividade. – O operário sendo ele próprio instruído e bem-educado, vai adorar instruir e desenvolver seus jovens filhos. – Os operários em geral, têm muito bom coração e amam muito seus filhos. Com que coragem este homem

trabalhará toda a semana quando souber que deve passar o domingo na companhia de sua mulher que ama, com suas duas filhinhas divertidas, carinhosas, alegres e com seus dois filhos já instruídos podendo conversar com seu pai sobre assuntos sérios! Com que ânimo este pai trabalhará para ganhar algum dinheiro a mais do que seu pagamento ordinário para dar de presente um chapeuzinho para suas filhas, e para seus filhos, um livro, uma gravura ou qualquer outra coisa que lhes dará prazer! E com que grande alegria estes pequenos presentes serão recebidos! E que alegria para a mãe ao ver este amor recíproco entre o pai e as crianças! É claro que, neste caso, a vida no lar, a vida em família seria para o operário o que haveria de mais desejável. – Se sentindo bem, feliz e satisfeito em casa, na companhia de sua boa e velha mãe, de sua jovem mulher e de seus filhos, o operário nem pensaria em sair de casa para ir se *distrair* no cabaré, lugar de perdição onde ele perde seu tempo, dinheiro, saúde e ainda embrutece sua inteligência. – Com metade do que um bêbado gasta no cabaré, toda uma família de operários vivendo unidos poderia, no verão ir almoçar no campo. É preciso tão pouco para que as pessoas saibam viver sobriamente. – Lá as crianças respirando ar puro, estariam contentes em correr com o pai e a mãe que brincariam como crianças para alegrá-los; e a noite, a família, com o coração feliz, descontraídos do trabalho da semana, voltaria para a casa, todos muito satisfeitos com seu passeio. – No inverno a família iria ao espetáculo. – Estes divertimentos oferecem uma dupla vantagem: instruem as crianças ao mesmo tempo que as divertem. Em um dia passado no campo, uma noite no teatro, que temas de estudo uma mãe inteligente poderá encontrar para instruir seus filhos!

Nas condições que acabo de traçar, um lar, em vez de ser motivo de ruína para o operário, seria motivo de bem-estar. Quem não sabe o quanto o amor e o contentamento do coração triplica, quadruplica as forças do homem? Já vimos isso em alguns raros exemplos. Aconteceu de um operário, adorando sua família e buscando de todos os modos assegurar a educação de seus filhos, fez o trabalho que três homens *solteiros* não podiam fazer, para conseguir este nobre objetivo. Depois, o capítulo das privações. Os solteiros gastam muito; eles não recusam nada. – O que nos importa, dizem, afinal podemos beber e viver despreocupadamente, porque não temos *ninguém para sustentar*. Enquanto que o homem casado que ama sua família fica feliz de se privar por ela e vive com uma frugalidade exemplar.

Operários, este quadro aqui esboçado sobre a situação que gozaria a classe operária se a mulher fosse reconhecida *igual ao homem* lhes permite refletir sobre *o mal que existe e sobre o bem que poderia ser*. Isto poderia lhes dar uma grande determinação.

Operários, vocês não têm o poder de revogar antigas leis e fazer novas – não, sem dúvida – mas vocês têm o poder de protestar contra a iniquidade e o absurdo das leis que entravam o progresso da humanidade e fazem vocês sofrerem, particularmente *vocês*. Vocês podem, é até mesmo um *dever sagrado*, protestar energicamente em pensamentos, palavras, escritos contra todas as leis que oprimem a vocês. – Então, compreendam bem que: a lei que *submete a mulher* e a *priva de instrução* oprime a vocês, *homens proletários*.

Para educar, instruir e lhe ensinar a ciência do mundo, o filho do rico tem *governantas e professoras sábias, preceptoras hábeis* e por fim *belas marquesas*, mulheres elegantes, espirituosas, cujas funções

na alta sociedade consistem em se encarregar de educar os filhos de família que saem do colégio. – É uma função muito útil para o bem-estar dos senhores da alta nobreza. – Estas senhoras lhes ensinam a ser polido, ter tato, ser fino, ter leveza de espírito e boas maneiras; em uma palavra elas fazem deles homens que *sabem viver*, homens *como devem ser*. – Por menos que um jovem tenha capacidade, se tiver a felicidade de estar sob a *proteção* de uma destas mulheres amáveis, *sua sorte está ganha*. Aos 35 anos seguramente será embaixador ou ministro. – Enquanto que vocês, pobres operários, para educá-los, instruí-los, só têm *sua mãe*; para fazer de vocês homens que *sabem viver*, só tem mulheres de *sua classe*, suas companheiras de ignorância e de miséria<sup>46</sup>.

Não é, portanto, em nome da *superioridade da mulher* (como não faltará quem me acuse) que reclamo direitos para a mulher; com certeza não. Logo, antes de discutir *sobre sua superioridade*, é

46. Acabo de demonstrar que a ignorância das mulheres do povo tem conseqüências das mais funestas. Sustento que a emancipação dos operários é *impossível* enquanto as mulheres permanecerem neste estado de embrutecimento. – Elas paralisam todo processo. Por vezes fui *testemunha* de cenas violentas entre marido e mulher. – Muitas vezes fui a vítima, recebendo as mais grosseiras injúrias. – Estas pobres criaturas não viam mais longe do que *a ponta do seu nariz*, como se diz, e ficavam furiosas com seu marido ou *comigo*, porque o operário perdia *algumas horas de seu tempo* ocupando-se de *ideias políticas ou sociais*. – Por que você precisa se ocupar de coisas que não tem *nada a ver com você?* Gritam, pense em *ganhar o que é preciso para comer* e deixe o mundo ir como ele quiser. É muito cruel dizer isto, mas eu *conheço* operários infelizes, homens de coração, inteligência e bem querer que gostariam de consagrar seu domingo e sua pequena poupança a *serviço da causa* e que, para *ter paz em casa*, *escondem* de sua mulher e de sua mãe que *vieram me ver ou me escreveram*. Estas mesmas mulheres me execram, *dizem horrores de mim* e, sem medo da *prisão*, algumas chegariam ao *cúmulo* de vir me *agredir* em minha casa e me *bater*, tudo isto porque cometo o grande crime, dizem, de colocar na cabeça de *seus homens ideias* que os obrigam a *ler, escrever, falar entre eles*, todas estas coisas inúteis que os fazem perder tempo. – Isto é deplorável! – Entretanto encontrei *alguns* capazes de compreender as questões sociais e que se mostraram devotados.

preciso que sua *individualidade social seja reconhecida*. Eu me apoio sobre uma base mais sólida. Homens, é em nome de *seu próprio interesse, de seu aprimoramento*, por fim é em nome do *bem-estar universal de todos e todas* que vos convido a reclamar direitos para a mulher e, espero, que os *reconheçam* ao menos em *princípio*.

É então a vocês, operários, que são as *vítimas da desigualdade de fato* e da injustiça, é a vocês que cabe estabelecer enfim sobre a terra o reino da justiça e da *igualdade absoluta* entre a mulher e o homem.

Cabe a vocês dar um grande exemplo ao mundo, exemplo que provará a seus opressores que é pelo *direito* que vocês triunfarão e não pela força brutal, vocês são sete, dez, quinze milhões de proletários e poderiam, portanto, dispor desta força brutal!

Provem que são justos e igualitários reivindicando justiça; homens fortes, homens *com os braços nus*, proclamem que vocês reconhecem a mulher como *seu igual* e que por esta razão vocês reconhecem que ela tem *igual direito* aos benefícios da UNIÃO UNIVERSAL DOS OPERÁRIOS E DAS OPERÁRIAS.

Operários, talvez em três ou quatro anos vocês já tenham seu primeiro palácio pronto para receber seiscentos idosos e seiscentas crianças. Pois bem! Proclamem pelos estatutos que se tornarão SUA CONSTITUIÇÃO, proclamem os *direitos da mulher à igualdade*. Que esteja escrito em SUA CONSTITUIÇÃO que serão admitidos no palácio da UNIÃO OPERÁRIA o *mesmo número* de MENINAS e MENINOS para aí receber a educação intelectual e profissional.

Operários, em 1791 seus pais proclamaram a imortal declaração dos DIREITOS DO HOMEM, e é graças a esta solene declaração que vocês são hoje *homens livres e iguais* em direitos *perante*

*a lei.* – Honra a teus pais por esta grande obra! – Mas, proletários, resta a vocês, homens de 1843, uma grande obra não menor a ser cumprida. Por sua vez, *libertem os últimos escravos* que ainda existem na sociedade francesa, proclamem os DIREITOS DA MULHER e *nos mesmos termos* que seus pais proclamaram os seus, digam:

“Nós, proletários franceses, depois de 53 anos de experiência, reconhecemos estar devidamente esclarecidos e convencidos que *o esquecimento e o desprezo que se fez dos direitos naturais da mulher são as únicas causas das desgraças do mundo e decidimos expor em uma declaração solene inscrita em nossa constituição seus direitos sagrados e inalienáveis. Queremos que as mulheres conheçam nossa declaração para que elas não se deixem mais oprimir e se degradar pela injustiça e tirania do homem, e que os homens respeitem nas mulheres, suas mães, a liberdade e a igualdade da qual eles usufruem.*”

1º – *O objetivo da sociedade deve ser a felicidade conjunta do homem e da mulher, a UNIÃO OPERÁRIA garante ao homem e à mulher o gozo de seus direitos de operários e operárias.*

2º – *Estes direitos são: igualdade na admissão no PALÁCIO da UNIÃO OPERÁRIA para a criança, o doente ou o idoso.*

3º – *Para nós, sendo a mulher igual ao homem, fica entendido que as meninas receberão, mesmo que diversa, uma instrução tão racional, sólida e extensa em ciência moral e profissional quanto os meninos.*

4º – *Quanto aos doentes e idosos, o tratamento será o mesmo em tudo como para as mulheres e os homens.*

Operários, estejam certos, se vocês são *equânimes e justos* o bastante para inscrever em sua Constituição as poucas linhas que acabo de redigir, esta *declaração dos direitos da mulher* logo se transformará

em atitudes; de atitudes à lei; e em menos de 25 anos se verá no cabeçalho do livro da lei que regerá a sociedade francesa: – IGUALDADE ABSOLUTA *entre o homem e a mulher*.

Então, meus irmãos, e somente então, a UNIDADE HUMANA estará CONSTITUÍDA.

Filhos de 89, esta é a obra que seus pais delegaram a vocês!



# FLORA TRISTAN



1803 - 2003  
Bicentenaire de la Naissance  
d' une Féministe



## PLANO DA UNIÃO UNIVERSAL DE OPERÁRIOS E OPERÁRIAS

**A**presento em seguida uma rápida visão do caminho que seria conveniente seguir se quisermos constituir imediatamente e sobre bases sólidas a UNIÃO OPERÁRIA.

Que fique claro desde já que não tenho a pretensão de traçar aqui nenhum plano definitivo do qual não se pode distanciar-se nenhum um pouco. Muito ao contrário, não acredito que um plano traçado de *antemão* possa se realizar totalmente. É quando estamos com as mãos na obra, e só então, que é possível perceber o melhor caminho para se fazer uma iniciativa dar certo. Cortar, recortar, afirmar em teoria é, para mim, dar provas de uma grande ignorância das dificuldades para pôr um plano em prática.

Entretanto, como é natural à pessoa que concebeu uma ideia em toda sua extensão e compreende todos os desenvolvimentos que ela pode comportar, a fim de diminuir muitas dificuldades,

creio dever assentar algumas bases que poderão servir para fundar a organização da UNIÃO OPERÁRIA.

Para que se encontre facilmente os parágrafos a serem consultados, resolvi numerá-los. Este formato pode parecer um pouco bizarro, porque não tenho a intenção de escrever estatutos; mas ao fazê-lo, como o fiz ao longo deste trabalho, peço ao leitor que não se esqueça de que eu deveria me ocupar dos *fundamentos*, como de fato o fiz. Percebi que para tratar de tais questões era preciso me limitar a ser *clara, lacônica*, não me perder nos detalhes e me preocupando pouco com o estilo e com a elegância das formas literárias, pois isto poderia atrapalhar meu tema. Querendo ser *convincente*, eu devia usar a *lógica*; ora, a lógica é inimiga das formas *ditas poéticas*. Eis a razão pela qual evitei cuidadosamente de me servir desta forma que *agrada*, porém *não prova nada* de fato, deixa o leitor *encantado*, mas não *convencido*.

Quero deixar minha ideia ainda mais clara, para tanto divido o esboço deste plano em partes, começando com um sumário no qual podemos compreender, numa rápida olhada, os pontos principais.

SUMÁRIO. – I. Como os operários devem proceder para constituir a UNIÃO OPERÁRIA. – II. Como a UNIÃO OPERÁRIA deve proceder do ponto de vista material. – III. Do ponto de vista intelectual. – IV. Utilização dos fundos. – V. Construção dos palácios. – VI. Condições de admissão nos palácios para os idosos, doentes e crianças. – VII. Organização do trabalho nos palácios. – VIII. Educação moral, intelectual e profissional que será dada as crianças. – IX. Resultados que esta educação necessariamente deverá obter.

## I. COMO OS OPERÁRIOS DEVEM PROCEDER PARA CONSTITUIR A UNIÃO OPERÁRIA

1. Os operários devem começar formando um ou vários comitês, (dependendo do número de associados) compostos de sete membros (cinco homens e duas mulheres)<sup>47</sup> escolhidos entre os *mais capazes* em suas respectivas *associações de solidariedade, de ajuda mútua* etc.<sup>48</sup>.

2. Estes comitês não poderão receber nenhuma cotização; sua função se limitará provisoriamente a inscrever em um *grande livro de registro* o nome, idade, sexo, moradia e profissão de todos aqueles que se tornam membros da UNIÃO OPERÁRIA bem como o montante da cotização que cada um vai querer aportar.

3. Para ter o direito de colocar seu nome no livro, será preciso *provar* que se é efetivamente um *operário ou operária*<sup>49</sup>. E entendemos por operário e operária todo indivíduo que *trabalha com suas mãos, não importa como. Assim, empregados domésticos, porteiros, mensageiros, lavradores e toda gente pobre* serão considerados operários. Devemos excetuar somente os *militares e mari-*

47. Se não considero nos comitês um número igual de mulheres e homens, é porque está constatado que atualmente as mulheres operárias são muito menos instruídas e desenvolvidas intelectualmente que os homens operários. Mas entenda-se bem que esta desigualdade será apenas transitória.

48. As associações de Paris e arredores são em número de 236, compreendendo 15.840 associados e tendo em caixa aproximadamente três milhões (Durand. *Da condição dos operários em Paris de 1780 a 1841*[Paris, 1841], p. 254).

49. A UNIÃO OPERÁRIA procedendo em nome da UNIDADE UNIVERSAL, não deve fazer nenhuma distinção entre os operários e operárias nacionais ou pertencentes a qualquer nação da terra. – Assim, para todo indivíduo dito estrangeiro, os benefícios da UNIÃO serão exatamente os mesmos que para os franceses. A UNIÃO OPERÁRIA deverá estabelecer nas principais cidades da Inglaterra, Alemanha, Itália, em suma em todas as capitais da Europa comitês de correspondência – a fim de que todos os operários e operárias de qualquer nação europeia possam se inscrever nos registros da UNIÃO OPERÁRIA como membros da UNIÃO. – Devemos, no caso dos comitês de correspondência, tomar as mesmas precauções para os da França. O montante destas cotizações será enviado ao comitê central e cada membro da UNIÃO terá direito à sua admissão ou de seus filhos quando lhes corresponder à vez.

*nheiros*. – Eis a causa desta exceção: 1º o Estado auxilia militares e marinheiros por meio da *caixa dos inválidos*; 2º os militares só sabem fazer um *trabalho destrutivo* e os marinheiros um *trabalho no mar*, nem um nem outro poderia *se ocupar de forma útil* nos palácios da UNIÃO OPERÁRIA.

4. Entretanto, como os soldados e os marinheiros pertencem à classe operária, e dessa forma eles têm *direito* a fazer parte da UNIÃO OPERÁRIA, estes serão inscritos num livro a parte na condição de irmãos. E poderão contribuir com cotizações de modo a que *seus filhos* sejam admitidos nos palácios. Em um terceiro livro inscreveremos todas as pessoas que queiram cooperar com a prosperidade da classe operária na condição de *membros simpatizantes*.

5. Em hipótese alguma os *mendigos profissionais* poderão colocar seu nome no livro. Ainda não poderão ser excluídos os operários inscritos no serviço de caridade que recebem auxílio porque *seu trabalho é insuficiente para sustentar sua família*. A infelicidade deve ser respeitada; contudo a preguiça avilta, degrada e devemos rejeitá-la sem piedade.

6. Visando a União é preciso que os operários tenham um dever, a *missão* de usar toda a influência que dispõem junto às operárias suas mães, mulheres, irmãs, filhas e amigas, para engajá-las a se juntarem a eles e isto *é da maior importância*. É preciso que eles as envolvam e as acompanhem ao comitê para que assinem seus nomes no grande-livro da União. Esta é uma bela missão para os operários.

7. Assim que todos os operários e operárias forem *representados* por comitês nomeados por eles, estes comitês elegerão um *comitê central* para toda a França; sua sede será em *Paris* ou em *Lyon* (em

uma dessas cidades onde haja mais operários). Esse comitê será composto de 50 membros (40 homens e 10 mulheres) escolhidos entre os *mais capazes*.

8. Entendo que não devemos esperar que toda a classe operária seja representada por comitês para nomear o *comitê central*. Assim, para Paris basta que um número razoável de operários e operárias estejam representados para que se proceda a eleição do comitê central.<sup>50</sup>

9. Quando o comitê central for eleito, a UNIÃO OPERÁRIA estará constituída.

## II. COMO A UNIÃO OPERÁRIA DEVE PROCEDER DO PONTO DE VISTA MATERIAL

10. O primeiro ato do comitê central deve ser: dar a ordem a todos os comitês correspondentes para remeter aos notários ou banqueiros designados (um por distrito) os grandes-livros-de-registro onde os nomes e as cotizações estarão inscritos de modo a que cada membro da UNIÃO OPERÁRIA possa, seja domingo ou na manhã de segunda feira, entregar em mãos seguras o montante de sua cotização<sup>51</sup>.

50. Existe em Paris 275 mil operários de todas as idades e sexos; a este número é preciso somar cinquenta mil para os porteiros suas mulheres e filhos, para os empregados domésticos de ambos os sexos bem como os mensageiros; podemos estimar em cinquenta mil os operários e operárias, lavadeiras ou costureiras que trabalham em seu domicílio ou por dia. Somando estes números, teremos o resultado 335 mil a 350 mil operários ([Durand], *Da condição dos operários de Paris*, p. 234).

51. Algumas pessoas poderão se assustar com a ideia de alcançar quatorze milhões com pequenas cotizações de dois francos. Entretanto nada será mais simples para os operários organizados em um mesmo espaço (podemos arriscar que nesta categoria está a metade) e que trabalham em oficinas de patrões amigos da ordem, e que compreendem que o bem-estar da classe operária depende da prosperidade do país (e digamos que estes patrões sejam a maioria), os operários poderiam combinar com seus patrões que eles entregariam nas mãos dos coletores da UNIÃO OPERÁRIA os dois francos da cotização de cada um. – Assim não haveria nenhum desconforto

11. Quanto à contabilidade exigida pela entrada contínua de quantias, imitaremos tanto quanto possível a organização das caixas de poupança.

12. Nomearemos homens que receberão um salário para recolher as cotizações nas oficinas e nos domicílios, mas estes serão obrigados a deixar um depósito caução.

13. O segundo ato do comitê central deverá ser procurar entre os membros da UNIÃO, ou fora dela, quatro pessoas, homens ou mulheres, que tenham as seguintes características: 1º serem devotados de coração; 2º inteligência e capacidade; 3º conhecimento real do espírito e da posição material da classe operária; 4º atividade e eloquência própria para sensibilizar os operários. O comitê central investirá estas quatro pessoas de seus plenos poderes e os enviará a percorrer toda a França. Daremos a eles o título de ENVIADOS DA UNIÃO OPERÁRIA. Os *enviados* terão por missão: formar comitês organizados *exatamente com a mesma base que os de Paris* em todas as cidades, comunidades, vilas e aldeias.

14. O comitê central atribuirá aos *enviados* um suporte para esta missão ou uma soma suficiente para suas viagens.

15. Para simplificar ao máximo possível a ação administrativa e tornar o controle mais ativo e mais fácil, os comitês das pequenas cidades, vilas e aldeias corresponderão a *ciudades-centrais*<sup>52</sup> de sua re-

nem para o operário, nem para o coletor. – Quanto aos operários que não trabalham regularmente para um mesmo patrão, está claro que a coleta de sua cotização não poderá se fazer tão facilmente e dará mais trabalho de idas e vindas para o coletor; – mas de qualquer modo é *factível*. De resto, neste sentido, podemos nos guiar pelo que O'Connell e o *comitê diretor* estabeleceram para a Irlanda, e lá as coletas apresentam muito mais dificuldades, já que se recebe *cinco centavos por semana*. – As sociedades religiosas estabeleceram em toda parte este tipo de cotizações; os fiéis dão uma moeda por semana, seis por mês etc. etc., – e todas as pequenas somas com as quais os pastores de todas as religiões fazem grandes coisas, estas são feitas seja pelos membros das confrarias seja por algum padre, sem a menor dificuldade.

52. A *cidade-central* será aquela onde haja mais operários.

gião e os comitês destas cidades-centrais prestarão contas ao comitê central das operações feitas por estes pequenos comitês.

16. Quanto à maneira de juntar as cotizações e de fazê-las chegar ao comitê central, não há nada mais fácil. – À medida que os notários receberem os fundos, eles os depositarão com os receptores-gerais das cidades, e estes os passarão ao comitê central. Desta maneira podemos transportar de um lado a outro da França somas consideráveis a baixo custo<sup>53</sup>.

17. Quanto ao investimento do dinheiro, eu me absterei no presente de dizer algo. Confesso que tenho um espírito muito positivo para fazer cálculos sobre algo que *ainda não existe*. Provisoriamente o comitê central precisará investir os fundos que receber em renda do Estado a fim de não perder com a desvalorização do dinheiro.

18. Três inspetores gerais serão nomeados, tendo por missão controlar as operações financeiras do comitê central; e ao fim de cada ano eles publicarão um relatório que deverá ser distribuído a todos os comitês da UNIÃO.

19. Estas poucas linhas são o bastante, acredito, para dar uma visão geral da organização material que concebo para a UNIÃO OPERÁRIA. – Agora passemos à parte intelectual.

### III. DO PONTO DE VISTA INTELECTUAL

20. Disse no segundo capítulo que a UNIÃO OPERÁRIA devia começar por *se fazer representar frente ao país*. Ora, tão logo ela se constitua materialmente, ela deverá proceder à *nomeação de*

53. Como a província quase sempre deve à Paris, o título desta cidade ganhará mais do que perderá.

*seu defensor*. – Mas, vocês me dirão, como nomear um defensor se não temos dinheiro em caixa para pagá-lo. Oh! Em tal circunstância, penso que o comitê central pode demandar seis meses ou um ano de *crédito* a seu defensor; – mas não é preciso que o comitê central pare diante do obstáculo da falta de dinheiro. – Qual homem ousaria recusar crédito a uma UNIÃO OPERÁRIA que o tenha escolhido para defender sua santa causa? – *Nenhum*, estejam certos. Além do mais o defensor compreenderá muito bem que sua nomeação, por si só, atrairá para a UNIÃO OPERÁRIA dois, três, quatro milhões de operários que não viriam sem ela. – Sim, pois não se esqueçam de que este *defensor, nomeado e assalariado* pela UNIÃO, será a prova viva que a classe operária está realmente bem *constituída*. A partir de então, não se poderá mais contestar sua força, seu poder, e uma vez sua força e poder *reconhecidos*, os operários incrédulos, desinteressados (e estes são o maior número) não duvidarão mais e cheios de esperança virão aportar sua cotização. – É a história do negócio que deu certo: *todo mundo quer agir*; é a história das ovelhas de Panurge: se o pastor conseguir fazer passar uma dúzia, o resto as *seguirá por si próprias*. – É preciso então nomear o defensor, nomeá-lo *logo*, repito, se hesitamos, recuamos, a UNIÃO atrasará em cinquenta anos.

21. Logo que o defensor for nomeado, o comitê central deverá fazer um *apelo* ao rei dos franceses, *por ser o chefe do Estado*; aos membros do clero católico, *por serem chefes de uma religião que se baseia em um princípio democrático*; à nobreza, *por serem aqueles que a nação considera os mais generosos e caridosos*; aos donos das fábricas, *por deverem sua fortuna ao trabalho dos operários*; aos financeiros, *por deverem as riquezas que possuem ao trabalho dos operários*,

*trabalho que atribuiu valor ao dinheiro; aos proprietários, por deverem sua fortuna aos operários, cujo trabalho atribuiu valor à terra; enfim, aos burgueses, pois eles também vivem e se enriquecem graças ao trabalho dos operários.*

22. Estes apelos terão um duplo objetivo: 1º trazer recursos para o caixa da UNIÃO OPERÁRIA por meio de doações voluntárias que seriam a *expressão da gratidão das classes consideradas superiores* para com a classe operária. Este montante em dinheiro aceleraria a construção dos palácios da UNIÃO OPERÁRIA; – 2º estas doações e as recusas de doações dariam a conhecer quem são as classes que *simpatizam* com a UNIÃO OPERÁRIA ou que *desaprovam* sua formação. –Ora! Na época em que vivemos é muito importante para a classe operária conhecer ao certo a *simpatia ou antipatia* que lhe devotam as *outras classes da sociedade*.

23. Sugiro propostas para estes apelos, cabe ao comitê central modificar a redação se julgar necessário.

24. APELO AO REI DOS FRANCESES, *por ser o chefe nomeado da nação*<sup>54</sup>.

Majestade,

Os antigos reis da França ao aceitar o título de *Rei* assumiram a obrigação sagrada de defender valorosamente a nação, da qual eles são *chefes militares*, contra todo ataque inimigo. – Nestes tempos de guerra, a França pertencia de fato a duas classes privilegiadas, a nobreza e o clero. *Senhores feudais, barões, nobres e bispos* eram os *chefes* religiosos, militares e civis, governavam sozinhos a *plebe* conforme sua vontade e a seu *bel prazer*. *Servos, vilões e aldeões*

54. Rei (do latim *rex, regis*, que vem de *regere*, reger, governar), este que em um reinado exerce a potência soberana (Dic.). Chefe, aquele que está à frente, que comanda, que dirige, que conduz etc. etc. (Dic.)

e mesmo *burgueses* suportavam sua dominação. Certamente, o despotismo destes senhores feudais provocava na plebe muitas dores e sofrimento... Entretanto, quando recebia de seu mestre chicotadas recebia também o *pão* que o alimentava, as *vestimentas* para se cobrir, a *lenha* para se aquecer e um *refúgio* para abrigar-se.

Majestade, hoje as coisas mudaram. Não há mais rei de França, nem barões, nem bispos. O povo não recebe mais *chicotadas*; é livre, e *todos são iguais perante a lei*, – sim, mas na falta do *direito ao trabalho* fica exposto a *morrer de fome!*

Em 1830 os representantes da nação, julgando que em uma época de paz, liberdade, igualdade e trabalho, não haveria mais *necessidade de um chefe militar*, pronunciaram a *destituição do rei da França*, – e em plena Câmara dos deputados, elegeram um rei dos franceses<sup>55</sup>. Majestade, ao aceitar o título de *Rei dos franceses*, contratastes a *obrigação sagrada* de defender os interesses *de todos os franceses*. É, portanto, em nome do mandato que recebestes do povo francês que a UNIÃO OPERÁRIA vem advertir vossa Majestade que os sofrimentos da classe *mais numerosa e mais útil* vos são omitidos. A UNIÃO OPERÁRIA não demanda *nenhum privilégio*, demanda somente o *reconhecimento de um direito* que lhe foi *negado*, e sem o qual sua *vida* não está segura; o DIREITO AO TRABALHO.

Majestade, como chefe de Estado, vós podeis ter a iniciativa de uma lei. Vós podeis propor à Câmara uma lei que conceda a *todos e todas* o DIREITO AO TRABALHO.

Majestade, reconhecendo que os interesses da classe mais numerosa devem *prevalecer* sobre todos os interesses fracionados, e devem ser os únicos a ser ouvidos, vós demarcareis um dever do qual

55. Louis-Philippe I, eleito rei dos franceses em 19 de agosto de 1830.

nenhum de vossos sucessores tentará distanciar-se; vós ireis assegurar ao trono de Julho o apoio mais firme, e à França o mais alto grau de potência e riqueza, à nação o mais belo caráter moral; pois a estabilidade do trono, a potência e a riqueza da França, a beleza moral do caráter nacional, a prosperidade da nação inteira depende do grau de instrução profissional e moral da classe *mais numerosa* e mais *útil*.

Como chefe de Estado, vós podeis deixar uma marca brilhante de simpatia e gratidão à UNIÃO OPERÁRIA. – Majestade, vós sois proprietário de vários terrenos magníficos situados no solo francês; vós podeis immortalizar vosso nome ao oferecer à UNIÃO OPERÁRIA, como marca de vossa *simpatia* e *gratidão* pela classe *mais numerosa* e *mais útil*, um dentre os vossos mais belos terrenos, para que aí se construa seu *primeiro palácio*. Uma rainha da Inglaterra doou seu próprio palácio para que os velhos marinheiros, aqueles que fizeram a riqueza e a glória de seu império, erguessem um refúgio para morrer em paz<sup>56</sup>; Louis, o Grande construiu os Inválidos; cabe ao rei *cidadão* construir o primeiro palácio da UNIÃO OPERÁRIA.

Majestade, agindo desta maneira, dareis um grande e salutar exemplo que no futuro todo chefe de Estado será *obrigado a imitar*. – Este ato de generosidade será a proclamação que é *dever* principal dos reis se ocupar da defesa dos *interesses da classe mais numerosa e a mais útil*.

## 25. AO CLERO CATÓLICO

Padres católicos,

A UNIÃO OPERÁRIA vem demandar sua ajuda, seu empenho e seu apoio.

56. A rainha Elisabeth doou seu palácio de Greenwich para fazer o abrigo dos inválidos para os marinheiros.

Cansados de lutas e reações violentas, hoje os proletários franceses buscam um remédio para sua miséria na fraternidade da UNIÃO. – Padres católicos, sejam para eles, nesta grande obra, os apóstolos de Jesus Cristo. Ajudem com sua influência, com seu poder a classe operária que vos faz um apelo, e esta, por sua vez, vos ajudará a reconstruir vossa Igreja sobre bases sólidas. Padres católicos, vocês que vivem na condição de agir em virtude do princípio que representam: a democracia. – Pregando para o *povo*, serão poderosos, venerados; ao pregar para os *ricos*, serão fracos e desprezados. Então, vocês que declaram abertamente serem defensores da classe *mais numerosa e mais útil*. – Eis o vosso *dever*, eis vossa santa missão: padres católicos, mostrai-vos serem dignos.

Em nome de Cristo, vosso mestre; em nome dos apóstolos, que estabeleceram a Igreja católica pregando com risco de vida a igualdade, a fraternidade, a UNIÃO; – em nome dos Pais da Igreja que, apenas seguindo seu dever, impediram a entrada no templo aos imperadores sujos com o sangue de seus povos; – em nome dos grandes pontífices da Idade Média que lançaram interditos aos reis que opriam seus súditos; – em nome de célebres oradores, Bossuet, Massillon, Bortaloue, padre Bridane, que faziam tremer os grandes do mundo quando lhes falavam dos terríveis julgamentos de Deus sobre o orgulho e humilhavam a pompa dos príncipes ao lembrar-lhes com uma voz severa que o primeiro dever do cristão é a caridade para com os pobres; – em nome de todo esse passado católico tão poderoso, tão bonito, tão brilhante na história que a UNIÃO OPERÁRIA vos demanda que vos torneis *padres cristãos* para ela!

Sabemos que a palavra *Igreja católica* significa *associação universal*; – que a palavra *comunhão* significa *fraternidade universal*;

– sabemos que a Igreja católica tem por base o princípio da UNIDADE, e por objetivo a fusão de todos os povos a fim de constituir o mundo no grande corpo religioso e social. Padres católicos, cabe a vocês realizar estes grandes pensamentos de UNIDADE postulados por Cristo e seus apóstolos. – Pensem bem, só poderão efetuar esta obra se se tornarem padres da classe *mais numerosa e mais útil*. Pois bem! A UNIÃO OPERÁRIA segue exatamente o mesmo objetivo que a Igreja católica. – A UNIÃO OPERÁRIA quer a paz, a fraternidade, a igualdade entre todos e todas, a UNIDADE HUMANA. – Padres católicos, se vocês são de fato homens de paz, *verdadeiros católicos*, vosso lugar está entre o povo. É com ele e à sua frente que deveis marchar.

Vós, padres, que tens igrejas amplas onde se reúne a população das cidades e dos campos; vós, que do alto de vosso púlpito podeis falar aos ricos e aos pobres, então pregueis a *justiça* para uns e a *união* para os outros.

Vós deveis compreender que os proletários não pedem *esmola* aos 10 milhões de proprietários. – Não, eles demandam *direito ao trabalho* para que possam sempre ganhar o pão, para que não sejam aviltados, degradados pela esmola que os ricos lhes atiram com desdém.

Padres católicos, se quiséreis, vós podeis apressar a construção do primeiro palácio da UNIÃO OPERÁRIA. – Para isto, só tendes de pregar a *união na humanidade, a fraternidade na humanidade e a igualdade entre todos e todas*.

Que bela missão! Oh! Então tereis direito ao amor do povo, seu reconhecimento, suas oferendas, suas benções; – pois então se-reis realmente padres do povo.

## 26. À NOBREZA FRANCESA

Nobreza francesa,

Nós, pobres proletários que somos de pais para filhos vossos servidores, sabemos por experiência que entre vós a generosidade de coração está na *raça* assim como a bravura e a elegância nos modos. É por isto que a UNIÃO OPERÁRIA vem confiante demandar vossa cooperação para construir seu primeiro palácio. – Vós, nobres senhores que habitais em magníficas mansões nas cidades, – que possuis em toda França castelos dignos de ser residência real, – vós que viveis em pompa principesca, recusaríeis doar algumas pequenas oferendas, *supérfluas* para vós, aos trabalhadores que aram vossas terras, que tecem vossos ricos tecidos de veludo e seda, – que cultivam vossas magníficas estufas para que sempre haja à mesa, em qualquer estação, as melhores frutas, as mais belas flores, – que cuidam de vossas florestas, vossos cavalos e vossos cães; com os quais vós podeis desfrutar o prazer da caça, – em uma só palavra que trabalham quatorze horas por dia para que podeis usufruir *a baixo custo* de todo o supérfluo do luxo mais refinado?

Não, sem dúvida, vós não o recusaríeis. Um de vossos maiores méritos é o de saber dar. – A UNIÃO OPERÁRIA receberá com gratidão as ofertas graciosas que enviareis para seu primeiro palácio.

## 27. AOS DONOS DE EMPRESAS

Senhores e patrões,

Ao nos fazer trabalhar, vocês e suas famílias vivem como banqueiros ingleses. Vocês reúnem riquezas mais ou menos consideráveis. – Nós, trabalhando para vocês, temos muita dificuldade em viver e alimentar nossa pobre família. – Isto é de *ordem legal*. – Prestai atenção que não estamos vos recriminando ou vos acusan-

do, apenas constatamos o que existe. Hoje, finalmente, os operários conhecem a causa de seus males e querendo que estes acabem, UNIRAM- SE.

A UNIÃO OPERÁRIA julga que deve fazer um apelo à generosidade dos *patrões*. Ela pensa que os senhores donos de empresas podem ter a alma e a consciência tomadas pela gratidão que devem à classe operária e assim estariam felizes de poder lhes dar uma demonstração de sua simpatia. A UNIÃO OPERÁRIA, animada de sentimentos puramente fraternais e de intenções totalmente pacíficas, acredita poder contar com o apoio dos Srs. patrões. Assim, vem confiante demandar um *patrocínio real* e sua cooperação ativa. Se os senhores patrões quiserem oferecer doações à UNIÃO OPERÁRIA, seja em dinheiro, seja em espécie, sejam quais forem suas ofertas, essas serão recebidas com reconhecimento.

28. AOS FINANCISTAS, AOS PROPRIETÁRIOS E AOS BURGUESES, seria a mesma carta que acabamos de ler, com relação ao conteúdo, mas com alguma variação na forma.

29. Por fim o comitê central deverá fazer um último apelo, àquelas com quem *mais* podemos<sup>57</sup> contar – as mulheres. – Eis como o conceito:

30. APELO ÀS MULHERES de todos os estratos sociais, de todas as idades, de todas as opiniões, de todo o país.

Mulheres,

Vocês cuja alma, o coração, o espírito e o sentido são dotados de uma sensibilidade que vos faz ter uma lágrima para cada dor,

57. Podemos julgar o que podem as mulheres quando elas querem, considerando o desastre que acaba de acontecer em Pointe-à-Pitre. – Tendo a rainha à frente, todas as grandes damas da Corte se puseram a trabalhar com suas próprias mãos em uma atividade inacreditável. – Elas organizaram *coletas*, *loterias*; e chegamos a vê-las se tornar vendedoras de loja para exercer a caridade! (Ver o Jornal dos Debates de 30 de abril de 1843).

um grito para cada gemido, um ímpeto sublime em cada ação generosa, uma devoção para cada sofrimento, uma palavra de consolo para os aflitos; mulheres, vocês que são devoradas pela necessidade de amar, agir, viver; que *procuram por toda parte* um direcionamento para esta intensa e incessante atividade de alma que VOS torna vivas, mas que também vos mina, rói e mata; – mulheres, vocês permanecerão silenciosas e *escondidas* enquanto a classe *mais numerosa e mais útil*, vossos irmãos e vossas irmãs, os proletários, que trabalham, sofrem, choram e gemem, vêm pedir vossa ajuda para sair da miséria e da ignorância, com as mãos suplicantes!

Mulheres, a UNIÃO OPERÁRIA volta o olhar a vocês. – Ela compreendeu que não poderia ter auxiliares mais dedicados, mais inteligentes, mais poderosos do que vocês. – Mulheres, a UNIÃO OPERÁRIA tem direito à vossa gratidão. Ela é a *primeira* a reconhecer em seus *princípios* os direitos da mulher. Hoje, *vossa causa* e a deles se tornam comuns. Mulheres da classe rica, instruídas, inteligentes que gozam do poder que a educação confere ao mérito, à posição, à fortuna, que podem influenciar os homens que estão ao vosso redor, vossos filhos, vossos empregados domésticos e trabalhadores vossos subordinados, prestem vossa poderosa proteção aos homens que só têm por eles a força do *número* e do *direito*. – Por sua vez, os homens *com os braços nus* vos prestarão *seu apoio*. – Oprimidas pelas leis, pelos preconceitos, UNAM-SE aos oprimidos e por meio desta legitimidade e santa aliança, poderemos lutar igualmente, lealmente, contra as leis e os preconceitos que nos oprimem.

Mulheres, qual é vossa missão na sociedade? – Nenhuma. Pois bem! Querem ocupar vossa vida dignamente, consagrem-na ao triunfo da mais santa das causas: a UNIÃO OPERÁRIA.

Mulheres que sentem o fogo sagrado chamado fé, amor, devoção, inteligência, atividade tornem-se *pregadoras* da UNIÃO OPERÁRIA.

Mulheres escritoras, poetas, artistas, escrevam para instruir o povo e que a UNIÃO seja o texto de seus cantos.

Mulheres ricas suprimam todas as frivolidades da toailete que absorvem enormes somas e saibam empregar de forma mais *útil* e mais magnífica sua fortuna. Façam doações à UNIÃO OPERÁRIA.

Mulheres do povo tornem-se membros da UNIÃO OPERÁRIA. Engajem suas filhas, seus filhos a se inscrever no livro da UNIÃO.

Mulheres de toda a França, de toda a terra, glorifiquem-se ao se tornarem publicamente *defensoras* da UNIÃO.

Oh! Mulheres, nossas irmãs, não fiquem surdas a este apelo! – Venham à nós, precisamos de seu *auxílio, apoio e proteção*.

Mulheres, em nome de seus *sofrimentos* e dos *nossos* pedimos vossa cooperação para nossa grande obra.

31. O comitê central poderá também apelar aos artistas. – Em geral, são muito generosos. Esses poderão aportar sua colaboração na construção do primeiro palácio e decorá-lo com seus quadros e esculturas. – Os artistas de teatro e os músicos poderiam doar suas apresentações e concertos em *benefício* da UNIÃO OPERÁRIA, cujo montante serviria para comprar blocos de mármore, telas, tintas e tudo o que for necessário aos artistas para a execução de seus trabalhos.

32. O comitê central deverá dotar esses apelos de um caráter de legalidade e solenidade. – Primeiro, devem ser *assinados por todos os comitês de França*. Em seguida o comitê central virá a pé e

com sua bandeira<sup>58</sup> frente ao rei. – Então, um homem e uma mulher, dando-se as mãos, em *senal de união*, apresentarão o apelo ao rei. – Depois, um homem e uma mulher trazendo um grande livro (livro das doações), o apresentarão ao rei de modo a que ele escreva de próprio punho seu nome e sua doação à UNIÃO OPERÁRIA. Em seguida, o presidente da UNIÃO OPERÁRIA pedirá ao rei que este apresente os deputados da UNIÃO OPERÁRIA à rainha e às damas da família real para que também escrevam seus nomes e suas doações.

33. Deixando o rei, o comitê central redigirá ali mesmo uma espécie de ata de tudo o que terá sido dito e feito nesta visita ao Castelo. – Os cinquenta membros do comitê assinarão este informe e logo se fará imprimir o apelo tendo como anexo a ata em quinhentos mil exemplares. O comitê central enviará a todos os comitês de França exemplares que serão distribuídos igual e *gratuitamente* em toda a França.

34. Em todos os outros apelos se deverá proceder da mesma maneira. O comitê irá ao arcebispado para apresentar, com as mesmas formalidades, o livro de doações ao arcebispo de Paris; depois aos principais membros da nobreza francesa que residem em Paris; – o mesmo se sucederá com artistas, donos de empresas, banqueiros, grandes proprietários e burgueses representados por suas respectivas associações, câmaras de comércio, de notários, de defensores públicos etc. etc. – Quanto às mulheres: como na sociedade atual elas não podem dispor de sua fortuna (com exceção das viúvas e solteiras maiores), o comitê não podendo se dirigir a elas, fará com que sai-

58. A UNIÃO OPERÁRIA deverá adotar como bandeira a cor branca (*a unidade*). – Sua divisa será: UNIÃO OPERÁRIA, demandando o direito ao trabalho e à organização do trabalho.

bam que encontrarão no escritório do comitê central um *livro especial* no qual poderão vir escrever seus nomes e suas doações.

35. Repito, o comitê central cometeria um *grande erro* se negligenciasse atrair para a UNIÃO OPERÁRIA a simpatia de todas as classes da sociedade.

#### IV. UTILIZAÇÃO DOS FUNDOS

36. Os primeiros fundos provenientes das cotizações serão utilizados: 1º para pagar as despesas feitas na compra dos livros-registro e outros pequenos gastos deste gênero; 2º para alugar um local e mobiliá-lo de maneira bem simples para que o comitê central tenha um lugar de reunião; 3º para pagar os custos de impressão de todos os materiais considerados úteis; 4º para dar aos *enviados* os recursos necessários para suas viagens depois de feitos os cálculos; 5º pagar os coletores; 6º destinar um montante ao defensor; 7º para a compra de uma propriedade com a extensão de 100 a 150 hectares de terra; 8º para a construção do primeiro palácio; 9º para sua mobília; 10º para o abastecimento completo para o consumo geral de *um ano*.

37. A propriedade a ser comprada deverá reunir as seguintes condições: 1º estar situada perto da cidade-sede do comitê central. Considerando a salubridade, deverá estar a pelo menos oito quilômetros de distância, e considerando a comodidade, não poderá estar mais longe do que 24 quilômetros<sup>59</sup>; 2º deverá estar situada em uma área bonita, ventilada e salubre, a terra deve ser *muito boa*; 3º é preciso que aí se encontre *água corrente*.

59. Com as estradas de ferro esta distância não representa mais do que meia hora.

## V. CONSTRUÇÃO DOS PALÁCIOS

38. Chegamos a uma época em que, de progresso em progresso, a condição social tende a uma completa transformação. A construção dos palácios da UNIÃO OPERÁRIA não deve ter uma solidez para durar séculos. – O essencial é que os palácios sejam construídos de maneira a oferecer de uma só vez: 1º salubridade considerando o espaço, o momento atual, a luminosidade, a ventilação, o aquecimento; 2º a comodidade com relação à facilidade e a rapidez da comunicação entre os vários cômodos dos edifícios; 3º no interior, alojamentos distribuídos comodamente para idosos, empregados e crianças; 4º no exterior, oficinas, escolas e salas de exercícios, e por fim um sítio com todas as dependências necessárias à agricultura. – É imprescindível que o palácio seja abastecido de água abundante para que se possa manter constantemente rigorosa limpeza. – A arquitetura deste palácio deve ter um aspecto nobre, mas simples. Ele deve apresentar, pela qualidade de seu estilo e beleza de seus ornamentos, um conjunto artístico harmonioso em todas as suas partes. – O arquiteto deve ter sempre em mente que as crianças educadas nestes palácios são destinadas a construir, elas próprias, palácios para abrigar a humanidade; – que devem tornar-se *artesãos-artistas* e para atingir este objetivo, é preciso desde a mais tenra idade impressionar seu coração, sua imaginação, seus sentidos pela visão do belo. Nada terá mais sucesso do que despertar nessas crianças o gosto pelas artes, a paixão pela beleza, vivendo num conjunto de belas linhas e ter seus olhos constantemente impressionados pela elegância e pela nobreza das formas que os circundam.

39. A construção deste primeiro palácio destinado a servir como *um primeiro experimento* deverá mobilizar a atenção do comitê central.

40. Poucos *arquitetos* poderão ser encarregados desta construção. – Construir um templo, uma igreja, uma mesquita, um panteão para *abrigar uma abstração qualquer*, ou *mausoléus*, é fazer, *com pedras*, uma bela peça de poesia. – Construir um palácio para um príncipe, é fazer uma ode; – construir um alojamento para três mil soldados inválidos *submetidos à disciplina* é antes tudo um cálculo matemático; – por fim, construir um mosteiro para 1.200 monges, um hospital para quatro mil doentes, uma caserna para dois mil soldados, uma prisão para três mil prisioneiros, um colégio para dois mil alunos, estando todos estes indivíduos submissos a uma regra uniforme, tais construções, mesmo que sejam difíceis, não exigem, contudo, da parte do arquiteto um grande esforço de imaginação; no entanto, a criação de um palácio da UNIÃO OPERÁRIA apresenta dificuldades muito mais sérias.

41. Até aqui as *habitações coletivas* tinham invariavelmente como característica a *uniformidade* tão fatigante e tediosa que somente a ideia de viver nessas casas inspirava em todos a mais viva repugnância. É a esse horror pela *habitação coletiva* que devemos o sistema de habitar separados; é, portanto, essencial que o palácio da UNIÃO OPERÁRIA não se pareça em nada com o que foi feito até o momento.

42. A estadia no palácio da União deve ser uma estadia *agradável, desejada*; deve provocar o *desejo* assim como o convento, a caserna, o hospital ou o colégio provocam a *repugnância e o desgosto*. Ora, só concebo uma estadia agradável onde cada indivíduo possa

gozar do bem estar, da atividade e do repouso conforme sua idade, e, sobretudo de muita liberdade. Como cada um destes palácios deve abrigar de dois a três mil indivíduos de sexos, idades, ocupações e gostos diferentes, é preciso que, na medida do possível, cada um possa se mover sem incomodar o vizinho, e isto é uma enorme dificuldade. Em seguida, é preciso imaginar que os palácios da UNIÃO OPERÁRIA serão grandes centros de atividade. Haverá trabalhos industriais e agrícolas, instrução moral e profissional para as crianças, divertimentos que servirão de recompensa e descanso a todos os trabalhadores. A construção destes palácios deve então satisfazer ao mesmo tempo às exigências do interior de uma casa e da vida doméstica, às exigências da oficina e ainda, às numerosas e variadas necessidades dos trabalhos na agricultura. Não se trata apenas de fazer uma casa, uma fábrica, um sítio; aqui os *três* devem estar combinados de maneira a tornar-se *um*, de fato os *três* são membros de *um mesmo corpo*, e esse corpo deve ser belo e proporcional. O arquiteto deverá então estabelecer com o maior cuidado e determinar com uma rigorosa exatidão como devem se interligar estas *três* construções para que se constitua em apenas *uma*, e se quiser que o conjunto apresente uma perfeita harmonia, ele deve desenvolver cada uma das partes. Ora, a construção de uma ampla *moradia coletiva*, ao mesmo tempo *tripla e única*, que responderá de uma só vez a requisitos de beleza, conforto e liberdade e ainda capaz de satisfazer às necessidades de naturezas variadas, parece um importante problema a ser resolvido. Só conheço um arquiteto capaz de fazer uma planta do palácio da UNIÃO OPERÁRIA; o sr. César Daly. Além do mais, ele tem um excelente antecedente; já executou a planta de uma construção não menos difícil, o pequeno

*falanstério* das crianças, baseado nas ideias de Fourier. A planta desse edifício se encontra exposta no escritório da *Phalange*; o comitê central pode examiná-la.

## VI. CONDIÇÕES DE ADMISSÃO NOS PALÁCIOS PARA IDOSOS, DOENTES E CRIANÇAS

43. Em todas as coisas *o começo* apresenta inevitavelmente imensas dificuldades; o cristianismo levou séculos antes de poder se estabelecer e ser aceito; mas o fato de que a coisa apresenta grandes dificuldades significa que não vamos à obra? Ao contrário, quanto mais dificuldades temos a superar, mais devemos nos apressar para começar. O estabelecimento da UNIÃO OPERÁRIA será semelhante ao do cristianismo. Uma vez constituída, dez anos depois ela será forte, poderosa, e tudo que virá dela será feito com ordem e regularidade próprias a todo corpo que age em virtude da constituição que o rege. A missão dos *monitores* (assim nomearei aqueles que se colocarão à frente da força popular, da força moral, do *direito*) será durante os primeiros anos muito difícil. Será impossível proceder com toda a regularidade desejada.

44. Suponho aqui o primeiro palácio construído, mobiliado, abastecido por um ano. Então o comitê central procederá à admissão, não pela idade avançada como se procederá em seguida, mas de acordo com o montante em caixa.

45. Primeiramente, serão admitidos nos palácios da União os indivíduos inscritos em número proporcional de cada departamento nas diferentes regiões da França. A fim de evitar preferências, favores e injustiças procederemos por sorteio.

46. Por exemplo, admitiremos 600, 1.000, 1.500 ou 2.000 indivíduos, em seguida à medida que os recursos aumentarem, novos palácios serão construídos. Nessa progressão, em trinta anos todos os operários e operárias terão a segurança de que seus filhos serão educados nos palácios da União e de que aí encontrarão um leito para sua velhice.

47. Como regra geral, serão admitidos nos palácios da UNIÃO OPERÁRIA: metade de crianças (a idade de admissão será de seis anos), e a outra metade de idosos e doentes.

48. Não quero e nem posso fazer aqui nenhum regulamento de admissão; esses regulamentos mudarão à medida que os recursos da União aumentarem; creio apenas que a preferência deve ser dada à admissão de crianças *órfãs* ou filhos de *viúvas*, ou aqueles cujos pais estejam *doentes* ou muito *velhos*, e por fim, admitir *como princípio* que toda família de operários que tem *mais de cinco filhos*, o sexto, o sétimo, oitavo e seguintes *entrarão por pleno direito*. Quanto aos doentes, serão admitidos de preferência os *viúvos* e as *viúvas*; mas esta é apenas uma sugestão.

## VII. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NOS PALÁCIOS

49. Os palácios da UNIÃO OPERÁRIA oferecerão os mais convenientes meios sob todos os aspectos para proceder a uma ou mais *experiências de organização do trabalho*. Aqui, homens, mulheres e crianças, todos serão trabalhadores, todos estarão em posição de não preocupar-se com as necessidades da vida material, poderão sem nenhuma repugnância trabalhar segundo o modo que queiramos experimentar<sup>60</sup>. Mas, no momento em que se *decida* sobre

60. Desde que este modo não atente contra a *liberdade* e a *dignidade* humanas, como por exemplo, a arregimentação proposta pelo Sr. Enfantin.

o modo a seguir para a organização do trabalho, o comitê central instituirá em cada palácio da União um *comitê diretor dos trabalhos*. O comitê será composto por três, cinco, sete homens (segundo o número de moradores do palácio), *os mais capazes* do ponto de vista teórico e prático. Para que os membros do comitê diretor se interessem na prosperidade do palácio, é possível uma combinação entre o recebimento de uma *parte dos rendimentos dos trabalhos* e a certeza de uma aposentadoria, como também pela admissão de seus filhos ou por distinções honoríficas. Isto é muito importante. Como também serão executados trabalhos agrícolas nos palácios, os agricultores teóricos e, sobretudo os práticos farão parte do comitê diretor.

50. Operários, homens e mulheres, todos serão *obrigados*, de acordo com sua idade, suas forças e seu conhecimento, a trabalhar *uma parte do dia* sob a direção de um chefe de oficina; e terão a função de *monitores* e irão dirigir grupos de crianças<sup>61</sup>.

## VIII – EDUCAÇÃO MORAL, INTELECTUAL E PROFISSIONAL DADA ÀS CRIANÇAS.

51. O leitor compreenderá que para tratar de questões desta importância seria preciso escrever *ao menos um volume* e este seria bem grande. Mas querendo fornecer aos operários somente um pequeno livro, meu esforço aqui é de apenas delinear meu pensamento.

61. Eu espero que ninguém seja tentado a distorcer meu pensamento e me acusar de querer, sob o nome de palácio, fazer *work-houses* inglesas: casas abrigo para mendigos onde os pobres são forçados a fazer trabalhos muito pesados. Os idosos e as crianças, de acordo com a capacidade de sua força após a avaliação médica, trabalharão em atividades manuais duas, quatro, cinco horas, mas *nunca mais do que seis horas por dia* – e os trabalhos deverão ser *variados* de maneira a que sejam mais uma *recreação* do que uma fadiga.

52. É preciso nomear um *segundo comitê diretor para dirigir a educação das crianças*. Procederemos, quanto aos diretores e diretoras da educação, do mesmo modo que os diretores e diretoras dos trabalhos.

53. Para ter homens e mulheres inteligentes, instruídos, honestos e que estejam bem no espírito da UNIÃO OPERÁRIA, o comitê central deve fazer grandes sacrifícios. Um bom salário, uma aposentadoria assegurada, o direito à educação de seus filhos, uma boa moradia e muita consideração; em uma palavra, dar muito aos professores de modo a ter direito de exigir muito deles.

54. Penso que uma *moral sã e verdadeira* decorre logicamente da crença em um Deus *bom, justo, criador e guia* de sua criação com ordem, sabedoria e providência. – A moral a ensinar às crianças consistirá em fazê-las *compreender* a existência de um Deus *bom* e a ação *sempre providencial* por Ele exercida sobre toda sua criação. A criança educada desde os seis anos neste credo estará protegida de superstições ridículas, de terrores absurdos e de preconceitos estúpidos, que em geral são compartilhados nas classes populares. – Em seguida, nós a faremos *compreender* que a lei da humanidade é o *progresso contínuo*; sua condição, a *perfeição*. É preciso, por meio de todas as demonstrações possíveis, que a criança *compreenda* que nosso planeta é *um grande corpo humanitário* e que as diversas nações representam as vísceras, os membros e os principais órgãos; e os indivíduos representam as artérias, as veias, os nervos, os músculos e até as mais tênues fibras; e que todas as partes deste grande corpo estão também estreitamente ligadas entre elas como as diversas partes do corpo humano, todos se *ajudam mutuamente* e buscam a vida na *mesma fonte...*; que um nervo, um músculo, um vaso sanguíneo, uma fibra *não*

*podem sofrer sem que o corpo todo não sinta seu sofrimento.* – Da mesma forma que quando um pé, um braço, um dedo dói *todo nosso corpo está doente.* Nada mais fácil do que fazer uma criança compreender esta indivisibilidade do grande corpo humanitário e esta *solidariedade das nações e dos indivíduos.* – Se até o momento esta imagem não foi introduzida no ensino, a culpa é das opiniões religiosas e políticas que *dividiram* as nações e os indivíduos.

55. Por meio desta imagem, reproduzida sob todas as formas segundo o espírito do aluno, as crianças terminarão compreendendo perfeitamente que *amando e servindo seus irmãos em humanidade,* é em definitivo a *eles próprios que estarão amando e servindo,* e que *odiando e fazendo o mal a seus irmãos em humanidade,* é em definitivo a *eles próprios que estarão odiando e fazendo mal.*

56. Que não venham dizer que semelhante moral só seria a *legitimação do egoísmo.* Aqueles que assim o julgam são espíritos pequenos de curta visão. Amar e servir a si mesmo *na humanidade* é amar e servir *a criatura de Deus.* E não é isto que Jesus compreendeu quando ele dizia: “Ame a teu próximo como a ti mesmo”? E depois: “Não façam aos outros o que não quer que façam a ti mesmo. Amem-se e cuidem-se uns aos outros”. A palavra religião significa *aliar-se.* – E, então! Pergunto, como reunir as nações, os povos, os indivíduos em um mesmo pensamento, para trabalhar por um *objetivo comum,* se estes se odeiam, se matam? – Como um francês amará um inglês, um russo, um turco se ele não compreende que é por *seu próprio interesse amar* e servir o turco, o russo e o inglês porque *todos compõem um mesmo corpo.* Se o amor é a *alma* da inteligência, a inteligência por sua vez é a *chama* do amor. Estes dois termos reunidos formam o que chamarei de *compreensão e sen-*

*tido completo*; enquanto que um separado do outro, forma alguma coisa *bastarda, incompleta, castrada*, e não possui nenhuma força, nenhuma potência, nenhuma vida.

57. Ao separar o amor da inteligência demos um golpe mortal na religião de Jesus. – O catolicismo disse: “Acredite e não examine.” – Qual é o resultado? As naturezas mais *inteligentes* que amorosas, os sábios e os filósofos, não encontrando na religião católica nenhum alimento próprio para seu espírito, *renegaram* a Igreja lhe manifestando desdém, desprezo e injúrias.

Do desdém, passaram à cólera, à indignação, e batendo com força redobrada, demoliram o grande edifício pedra por pedra. Por outro lado, as naturezas *mais amorosas* que inteligentes, seduzidas pela *potência atraente do êxtase*, afundaram-se, perderam-se no *vazio*. – Pois, amar a Deus *separado da humanidade é desprezar e insultar* a criatura, ou seja, é *ultrajar* Deus em sua manifestação.

58. Os professores devem, portanto, ter como lei fundamental desenvolver *simultaneamente* as faculdades *amorosas e inteligentes* de cada criança.

59. Se quisermos atingir este duplo resultado, é preciso introduzir no método a ser seguido um fator muito potente: – o *por quê*. O método Jacotot se baseia em parte no *porquê*; contudo gostaria que lhe déssemos uma conotação mais ampla. – Aplicar o *porquê* às soluções das grandes questões de ordem moral, social e filosófica no ensino *cotidiano* dado às crianças das classes populares, será um meio de fazer a inteligência humana caminhar a passos de gigante.

60. Portanto, em vez de cansar a cabeça da criança sobrecarregando sua memória com uma imensidão de coisas inúteis, nos ocuparemos somente de desenvolver sua compreensão pelo estudo dos

*porquês*, explicado em todas as coisas. – Uma criança instruída desta maneira, aos doze ou treze anos, poderá se dar conta do *porquê* de tudo o que lhe farão fazer e mesmo de tudo o que é, ao menos dentro de certo âmbito. – Este método dos *porquês* é tão superior a todos os outros que cabe fazer um *tratado especial*, e este tratado servirá como *noções elementares* em todas as salas de estudo dos palácios.

61. Os diretores de educação se colocarão de acordo com os diretores de trabalhos das oficinas e da agricultura para que as três coisas funcionem *em conjunto*. É preciso consultar as obras de Fourier. A parte em que ele trata da educação industrial das crianças contém coisas muito boas. Deixando de lado *seu sistema*, consideremos somente *tudo aquilo que avaliarmos poder ser aplicável aos jovens alunos* do palácio da UNIÃO OPERÁRIA. Podemos buscar também em Owen: seu método de ensino se aproxima daquele que propus (o *por quê*).

62. Se a UNIÃO OPERÁRIA quiser gestar homens e mulheres livres, é preciso que em todos os testemunhos de vida se ensine às crianças a ter um grande respeito pela dignidade humana. É com vistas a este respeito que devemos ensiná-las a nunca cometer nem ofensa, nem injúria, não causar sofrimento, nem a menor injustiça, nem mesmo um leve insulto seja em relação a seus camaradas, seja a seus superiores. A fim de tornar este respeito à dignidade mais tocante, gostaria que tudo na casa fosse regido por *leis e regulamentos escritos*, em que os *direitos e os deveres de cada um estariam definidos de maneira clara e precisa*.

63. Estas leis e regulamentos *impressos* seriam distribuídos a *todos e todas* para que todos e todas obedeçam somente à *lei* e jamais à *vontade arbitrária do chefe*.

64. No palácio, nunca nenhum indivíduo poderá sofrer uma *punição degradante*. Se uma criança ou um idoso se comportarem mal, este será expulso e não poderá voltar<sup>62</sup>.

65. Como toda pessoa que se respeita e respeita aos outros se manifesta por sua boa disciplina, será essencial que as crianças se habituem a se cuidar de maneira impecável. Gostaria que no cuidado dado a elas, dispensássemos a mesma solicitude que dedicamos aos cuidados voltados ao desenvolvimento de sua inteligência. Devido aos sofrimentos e às privações, hoje a classe do povo é totalmente raquítica. E então! É preciso combater esse raquitismo com todos os meios que dispõem a ciência médica: com exercício, com ginástica etc. etc. Recebendo a criança com seis anos (não as receberemos passada esta idade) ainda há tempo de agir sobre ela; cuidaremos de seus dentes, cabelos e pés; reorganizaremos seu corpo pelo exercício de trabalhos apropriados às suas forças; lhes daremos a comida que melhor convier a seu temperamento. Será preciso ter vários *tipos*. Para alguns, carne, vinho; para outros, legumes, frutas, água. A associação oferece vantagens tão grandes que tudo aquilo que nos parecia *impossível* nos domicílios separados, torna-se fácil em uma ampla associação.

66. Será bom adotar um uniforme que responda a três condições essenciais: 1º que tenha forma e tecido que não *atrapalhe* o desenvolvimento corporal da criança. Por exemplo, as meninas não usarão *espartilho*, os meninos não usarão nem *suspensórios*, nem *gravatas*; 2º que seja cômodo para o trabalho e não suje facilmente; 3º que seu corte seja elegante e componha um conjunto harmonioso e agradável à vista.

62. Sobre isto será feito um regulamento no qual a gravidade dos casos será determinada.

67. Quanto à educação profissional, cada criança escolherá a função pela qual se interesse mais. Após todos os trabalhos que terá que fazer no palácio, ela deverá sair de lá como um *bom operário* em ao menos *duas qualificações*.

68. Para que se interesse pelo trabalho, a partir dos dez anos a criança terá *direito a uma parte* do resultado monetário dos trabalhos executados na casa. Essa participação *aumentará a cada ano* e formará uma boa soma aos dezoito anos quando deixar o palácio. A metade desse montante lhe será entregue em enxoval confeccionado na casa e outra em dinheiro.

69. Poderemos, talvez, aceitar *alunos pensionistas* que se submeterão às mesmas condições das crianças da união. Estes, dos seis aos dez anos, pagarão por ano trezentos francos, e dos dez aos dezoito terão *sua parte* nos resultados dos trabalhos. Tais condições oferecerão à classe burguesa imensas vantagens das quais ela logo se aproveitará em prol de seus filhos. Aqueles que vivem de uma pequena renda, pequenos comerciantes, agricultores, artistas pouco afortunados etc. ficarão encantados de poder colocar seus filhos (com a certeza de que eles serão *bem-educados* e terão uma posição) pagando apenas quatro anos de pensão por isto. Lanço esta ideia antecipadamente porque acredito que seja realizável e suscetível de ser útil para a classe dos pequenos burgueses que se deve atrair para a causa da classe operária, usando todas as vantagens possíveis; mas isto, como o resto, é uma proposta e merece ser examinada e amadurecida.

70. Gostaria também, como gesto de grande religiosidade, que cada palácio oferecesse a hospitalidade a doze pessoas (seis homens e seis mulheres) que serão conhecidos como *hóspedes do*

*palácio*. A escolha destes hóspedes se fará entre os idosos (eles não poderão ser admitidos antes dos 60 anos) artistas, professores, intelectuais, escritores sem recursos. Admitiremos de preferência *estrangeiros*. Em todas as cerimônias os *hóspedes* teriam um lugar de honra; essa generosidade seria como uma *ética na ação* que ensinaria as crianças a respeitar o talento mesmo na pobreza. A presença desses doze hóspedes tratados com todo tipo de deferência e consideração causaria um grande impacto no espírito das crianças que se habituariam a saudar o estrangeiro com veneração, maior do que as belas descrições em verso e prosa feitas por nossos poetas e romancistas sobre o respeito devido à infelicidade, ao talento, à idade etc.

## IX. RESULTADOS QUE ESTA EDUCAÇÃO NECESSARIAMENTE DEVERÁ OBTER

71. Os resultados que a UNIÃO OPERÁRIA deverá obter são incalculáveis. Esta união é uma *ponte* entre a civilização que morre e a ordem social harmônica vislumbrada por espíritos superiores. Como primeiro efeito, ela produzirá a *reabilitação do trabalho manual*, aviltado por milhares de anos de escravidão! E isto é um ponto central. Desde o momento em que não seja mais *desonroso* trabalhar com suas próprias mãos, quando trabalhar for de fato honorável<sup>63</sup> todos *traballarão*, tanto os ricos como os pobres, pois o ócio é uma tortura para o homem como também a causa de seus males. Todos trabalharão e só por isto a abundância reinará para todos. Não haverá mais miséria; tendo acabado a miséria, a ignorância também acabará. O

63, Eu concordo totalmente com Fourier que precisamos encontrar uma maneira de tornar o trabalho *atraente*; mas acredito que antes de chegar nestes termos, o que seria o ápice, é preciso começar por fazer com que o trabalho deixe de ser uma *desonra*.

que é então que produz o mal que sofremos hoje? Nada mais do que este monstro de mil cabeças, o EGOÍSMO! Mas o egoísmo não é a *primeira causa*, a *miséria* e a *ignorância* é que produzem o *egoísmo*.

72. Quando um camponês tiver ameixas em abundância em seu pomar, e que os vizinhos também tenham o mesmo tanto de ameixas de modo a que ninguém apareça para comprá-las, neste caso o camponês se mostrará muito caridoso; ele deixará os *pobres* da comunidade comerem suas ameixas. Mas quando uma estrada de ferro se estabelece atravessando este lugarejo situado a trinta léguas da capital, e que por isto o camponês pode trazer a baixo custo suas ameixas para serem vendidas nos mercados de Paris, a doze francos o cesto, oh! Então nosso homem mudará de tom com os *pobres*. Infeliz daquele que passando perto de uma árvore *ouse apanhar uma ameixa*; o camponês se dedicará noite e dia a *vigiar sua propriedade*; ele gritará: Roubo! *Ataque* contra seus *direitos sagrados*! E sem piedade, entregará para a polícia corretiva o velho mendigo culpado por ter *apanhado uma ameixa*. Sem remorso e sem pudor, ele o fará ser condenado à prisão por este roubo porque esta ameixa representa *uma moeda*. Eis um camponês bem egoísta, será mesmo? De jeito nenhum; e a prova de que o homem não nasceu egoísta é que quando tinha ameixas *o bastante para ele*, doava o *supérfluo* aos pobres. Quando a estrada de ferro se prolongar uns quilômetros a mais e que cheguem a Paris ameixas em tal abundância que não serão vendidas por mais que cinquenta centavos o cesto, vocês verão este mesmo camponês *deixar de ser egoísta* e deixar que os pobres apanhem suas ameixas. A sociedade está exatamente na mesma posição que o camponês, ela é egoísta porque ela é pobre em produção. Se amanhã ela produzir tudo em abundância o egoísmo desaparecerá.

73. Esta imensa produção tão desejável é o *único meio de extirpar os vícios que o egoísmo engendra*, e em consequência moraliza os homens; essa grande produção só poderá acontecer quando todos e todas trabalharem com suas próprias mãos e se glorificarem por isto!

74. O segundo, e não menor resultado que trará necessariamente a UNIÃO OPERÁRIA, será estabelecer de fato uma igualdade real entre todos os homens. – Efetivamente, no dia em que os filhos da classe operária forem educados com cuidado e que nos aplicarmos em desenvolver sua inteligência, suas faculdades, suas forças físicas, em uma palavra, tudo o que há de bom e de belo na natureza do homem; quando pela instrução, por seu talento, por suas boas maneiras não houver mais nenhuma diferença entre os filhos do povo e os filhos da classe rica, neste momento pergunto, em que poderia consistir ainda a *desigualdade*? Em nada, absolutamente em nada. Então nós reconheceríamos apenas *uma só desigualdade*; mas a ela temos que nos submeter, temos que aceita-la, porque foi Deus que *a instalou*. – Ele dotou alguns de genialidade, de amor, de inteligência, de espírito, de força e de beleza. A outros, negou todos esses dons e os fez seres estúpidos, de coração e de espírito pobre, fraco no corpo e desagradável de se ver. Eis uma *desigualdade natural* frente a qual o homem deve se humilhar, e esta desigualdade toca *indistintamente* os *filhos dos reis* e os *filhos dos escravos*.

75. Paro por aqui para deixar a doce alegria a meus leitores para que eles próprios enumerem os importantes e magníficos resultados que sem sombra de dúvida a UNIÃO OPERÁRIA terá. O país encontrará nesta instituição elementos de ordem, de prosperidade, de riqueza, de moralidade e de felicidade que se desejar.

## RESUMO DAS IDEIAS CONTIDAS NESTE LIVRO

### CUJO OBJETIVO É

1. CONSTITUIR A CLASSE OPERÁRIA por meio de uma UNIÃO compacta, sólida e indissolúvel.

2. Fazer com que a classe operária seja representada frente à nação por um defensor escolhido pela UNIÃO OPERÁRIA e assalariado por ela, para que seja amplamente constatado que esta classe *necessita* ser considerada e que as outras classes a aceitem.

3. Fazer com que seja reconhecida a *legitimidade da propriedade dos braços*. (Na França 25 milhões de proletários têm como única propriedade *seus braços*).

4. Fazer com que seja reconhecida a legitimidade do *direito ao trabalho* para todos e todas.

5. Fazer com que seja reconhecida a legitimidade do direito à instrução moral, intelectual, profissional para *todos e todas*.

6. Examinar a possibilidade de *organizar o trabalho* na sociedade atual.

7. Construir em cada departamento<sup>64</sup> PALÁCIOS DA UNIÃO OPERÁRIA onde os filhos da classe operária serão instruídos intelectual e profissionalmente – e onde serão admitidos operários e operárias *acidentados no trabalho* bem como os doentes ou idosos.

8. Reconhecer a necessidade urgente de conferir às *mulheres do povo* uma educação moral, intelectual e profissional de modo que elas se tornem agentes moralizadores dos *homens do povo*.

9. Reconhecer *por princípio a igualdade de direito* entre o homem e a mulher como sendo o único meio de constituir a UNIDADE HUMANA.

---

64. Os departamentos são divisões administrativas nas diferentes regiões da França. (N. do R.)

## APELO AOS OPERÁRIOS

**O**perários e operárias,  
É em seu nome e em vistas de seu bem-estar e de sua felicidade comum que venho, meus irmãos e minhas irmãs, pedir seu empenho, seu apoio para construir o primeiro PALÁCIO que deve receber seus jovens filhos, seus pobres irmãos acidentados no trabalho e seus velhos pais extenuados de fadigas.

Cada um de acordo com suas possibilidades para que todo aquele que sente no coração uma energia amorosa una seus esforços generosos e coopere para a rápida realização dessa grande obra!

E você, Agricol Perdiguier, historiador e reformador das associações de solidariedade; você, Pierre Moreau, audacioso renovador dessas associações; você, Gosset, pai dos ferreiros, que aperfeiçoou as associações de solidariedade; você, Vinçard, escritor-poeta-compositor; vocês, Poncy, Savinin Lapointe, Ponty, Duquenne, Durand, Rolly etc.

Vocês, Éliisa Moreau, Louise Crombach, Antoinette Quarre, Marie Carpentier, Éliisa Fleury etc.

Vocês, jornalistas de *La Ruche*, *L'Atelier*, do *Populaire*, de *L'Artisan*, do *Nouveau-Monde*, do *Travail* etc. Enfim, todos vocês, operários-poetas, escritores, oradores, músicos, homens e mulheres de inteligência e bem-querer, faço a vocês um apelo solene. – Peço a vocês em nome de nossos irmãos divididos e infelizes – em nome do amor à humanidade – em nome de vocês mesmos, – que puguem em palavras e em escritos: A UNIÃO UNIVERSAL DE OPERÁRIOS E OPERÁRIAS. Então, mãos à obra! Mãos à obra, meus irmãos. – O trabalho será duro, as dificuldades muitas, mas imaginem a grandeza do objetivo! ... A grandeza da recompensa!

Com vocês, a UNIDADE HUMANA CONSTITUÍDA!

## CONSELHOS AOS OPERÁRIOS

Operários, se quiserem sair do estado de miséria em que se encontram, – Instruam-se. Aqueles que entre vocês leem, em geral leem livros lamentáveis. – É preciso mudar o caminho: em vez de gastar dinheiro comprando canções, paisagens, fisiologias, e uma coleção de bobagens que não englobam *nenhum ensinamento útil*, comprem *bons livros*. Mas os bons livros *custam caro*, me dirão alguns, e não temos dinheiro. – Unam-se e então vocês *serão ricos*. Se querem montar uma pequena biblioteca, com uma dúzia de obras (nem é preciso mais) por que não formar *pequenas associações*? – Por exemplo, doze, quinze ou vinte operários e operárias que se conheçam e morem no mesmo bairro poderiam se *reunir* com este propósito. Por

meio de uma *pequena cotização* as doze obras seriam compradas e sendo uma associação, elas *pertenceriam* coletivamente aos membros associados. Percebam que com a UNIÃO *podemos fazer milagres!*

No caso de aceitarem esta ideia, sugiro a vocês obras que seria bom *ler e reler a cada domingo, e estudar, comentar, discutir* entre vocês, em uma palavra, *conhecer a fundo*, exatamente da mesma forma como os judeus conhecem sua *Bíblia* e os católicos seu *missal*. Na França procedemos com tanta leviandade que escutamos gente dizer: “Eu folheei este livro, eu o *conheço*”. É esta ridícula presunção que faz com que os franceses *saibam tudo e não conheçam nada*.

No topo da lista, o livro de Eugène Buret *Da miséria das classes trabalhadoras na Inglaterra e na França*. – Aí vocês encontrarão um retrato *assustador*, porém *exato*, da miséria e do rebaixamento moral no qual se afundou a classe operária na Inglaterra e na França. Mesmo que este livro seja *muito doloroso* de ler, é preciso, no entanto, ter *coragem* porque *é essencial* que vocês entendam com exatidão vossa condição, pois só assim farão o esforço para sair dela. – Estudem também o livro de M. Frégier: *As classes perigosas na cidade de Paris*; – O livro de M. Villermé: *As prisões na França*; – De Parent-Duchatelet: *A prostituição na cidade de Paris*; – o de Gustave Beaumont: *Irlanda religiosa, moral e política*. E por fim, deixando de lado toda falsa modéstia, permito-me vos indicar, meu livro *Passeios em Londres*. – Fiz este livro para *instruir os operários*, é natural, portanto, que eu queira muito sua divulgação no seio da classe operária. – Vocês comprarão também o pequeno livro do sr. Louis Blanc: *A organização do trabalho*. – [*Da utilidade de*] *a celebração do domingo*, do sr. Proudhon; – o livro

de Adolpho Boyer: *Da situação dos operários*; o livro de *Compagnonnage*<sup>65</sup>, de Agricol Perdiguier; a pequena brochura de Gosset também sobre a mesma questão; a segunda obra de P. Moureau: *Da reforma nos abusos das associações de solidariedade e da melhoria da condição dos trabalhadores*<sup>66</sup>.

---

65. Associações de solidariedade (N. do T.)

66. É com pesar que não pude indicar nenhuma obra de *Fourier* e nem da *Escola societária*, o que seria conveniente aos operários. Até hoje a doutrina de Fourier não foi apresentada ao povo, esta é uma grande obra que necessita ser feita. – Esperemos que os homens que estão à frente da Escola societária compreendam, por fim, a urgência e a absoluta necessidade de *vulgarizar a ciência de seu mestre*; – para mim ela só pode ter vida e potência nesta condição.



## AOS BURGUESES

**E**m um tempo de egoísmo e de cegueira como este em que vivemos, ao vir reivindicar direitos *para a classe mais numerosa*, não conseguiremos mais nos precaver das calúnias e dos ataques violentos de gente má e pouco inteligente. – Por esta razão, julgo ser sábio e prudente dirigir algumas palavras aos senhores burgueses. Quero que saibam que não sou uma *revolucionária*, uma *anarquista*, uma *sanguinária*. (Agradeço meus leitores pela sucessão de epítetos mais ou menos assustadores que alguns burgueses têm por ridículo hábito utilizar em circunstâncias semelhantes).

Mas antes de provar minha inocência com relação a acusações absurdas que certamente vou receber<sup>67</sup>, devo dizer que vejo duas categorias de burgueses.

---

67. Sr. Pagnerre e os *amigos do povo* não são os únicos que agem *contraditoriamente à sua reputação*. Uma coletânea com o título *Revista independente* deveria, me parece, quando se trata de uma questão grave, se mostrar totalmente *independente*, eu pensava então que devido ao título da publicação o diretor seria independente o

Hoje a burguesia se divide em dois campos bem distintos. – De um lado estão os *surdos* e os *cegos*, podemos ainda acrescentar os *aleijados*, pois da mesma forma que nos tempos de Jesus, eles têm olhos e *não veem*; têm ouvidos e *não ouvem*; têm pernas e *não andam*. Neste campo os *surdos* não escutam esta grande voz humanitária que grita em todos os tons que é chegado o tempo em que não deve mais haver *reprovados sobre a terra*, em que cada indivíduo, desde seu nascimento, como membro da grande família humana deve ter seu *lugar no banquete social*. Neste campo os *cegos* não veem o grande movimento que se opera *de baixo para cima*. Neste campo os *aleijados* se mumificam na imobilidade absoluta, deixando os outros passar *a frente* sem perceber que estão ficando para trás. Todos estes pobres doentes são como retardatários que um exército abandonaria, pois incomodam e atrapalham o ritmo.

Do outro lado estão os burgueses *inteligentes*. Estes, chamo de *visionários*. No campo dos *visionários* escutamos, com emoção

---

bastante para inserir em sua coletânea um capítulo sobre meu livro, como o fez a *Phalange* (ver os números de 29 e 31 de março de 1843). Escrevi ao diretor da *Revista Independente*, sr. Pernet para lhe solicitar a inclusão de um extrato do trabalho que iria publicar. Mas qual foi minha surpresa, minha estupefação! O diretor da *Revista Independente* me acusava em sua resposta de ser uma revolucionária, de querer *corromper os defensores para derrubar o governo* etc. etc.[O *Jornal dos Debates* em seus dias de ironias coléricas contra os anarquistas não teria me dito menos. Pergunto, o que pensar de acusações desta ordem vindas do diretor da única coletânea democrática que nos resta. É para não se entender mais nada. Para dar provas da veracidade, me vejo obrigada a mostrar aqui uma passagem desta estranha carta: "... Seu projeto de união não é nada mais do que uma associação política. Cotizar-se para corromper defensores que devem reivindicar a mudança da ordem econômica atual, cotizar-se e associar-se para fornecer todos os meios de uma propaganda revolucionária pela imprensa, pela educação e pela pregação, isso não é fazer política e agitação, e tudo o que vocês querem contra o governo estabelecido? Comecem a abolir a lei sobre associações e vocês poderão avançar com seu projeto de união. Antes disso me parece que todo projeto deste gênero, mesmo excelente, por mais realizável que vocês o demonstrem continuará sendo uma utopia. O governo processou a associação comercial dos operários que produzem fitas de St-Etienne e com mais razão ainda não deixará formar uma associação que por seu objetivo e sua importância o ameaçará".

Esta carta me inquietou no que diz respeito de como minha ideia será compreendida. – Se o diretor da *Revista Independente*, quer dizer, a expressão *mais avançada* de nossa época (isto é, segundo a marca), me acusa de ser *anarquista*, bom Deus! O que dirão então os *conservadores obtusos*? A carta do Sr. Pernet me fez compreender que eu devia explicar franca e claramente minhas intenções e foram estas imputações inconcebíveis do diretor da *Revista Independente* que me determinaram a redigir estas breves notas à burguesia.

e amor, vibrar a voz alta e humanitária que grita: – *Irmãos, queremos nosso lugar!* No campo dos *visionários* percebemos claramente o grande movimento ascendente das classes inferiores que gradativamente, passo a passo, busca o bem-estar e a liberdade. Acompanhamos este movimento com interesse e solicitude. – Nós, os *visionários*, nós estamos nesta marcha incessante, marchamos *pelo pensamento*; marchamos *pelo trabalho*, marchamos *movidos por uma simpatia generosa*.

São os *burgueses visionários* que formam hoje a parte racional, sábia e forte da nação. Se por um infortúnio acontecer, como tememos, que os *erros* dos *cegos* comprometam os interesses da nação, o país encontrará no campo dos *visionários* homens inteligentes, bons, firmes e capazes de salvar uma vez mais a França.

Não é, portanto, aos *visionários* que me dirijo; seria insultá-los. Além do mais, *eu mesma pertença a este campo*. Nossa divisa é *ordem, respeito a toda espécie de propriedade; justiça para todos; riqueza e prosperidade geral do país*.

Isto posto, suplico aos *burgueses surdos*, antes de deformar e caluniar minhas intenções, que reflitam, se possível seriamente, sobre a ideia que proponho. Vejam claramente o fundamento de meu pensamento:

Pelo instinto, pela religião, pelo sistema, amo e quero a justiça. Amo e quero a ordem. – O amor que emana do Criador e que dá vida à alma de toda criatura, esse amor me faz compreender a solidariedade que une *um indivíduo ao todo*. Quero a justiça para todos para que da justiça nasça a ordem geral, e que a ordem geral seja o bem-estar, a riqueza, a segurança e a atividade fecunda; pois isto é a felicidade, ora!

Visando unicamente *a ordem*, quero que a classe operária reivindique *seu direito ao trabalho e seu direito à instrução* moral e profissional, pois do grau de instrução dessa classe depende necessariamente um aumento de produção, e do trabalho da classe mais numerosa depende, evidentemente, a riqueza e a prosperidade do país. Quero que a classe operária reivindique *em nome do direito* para que não tenha pretextos de reivindicar *em nome da força*.

Pelo instinto, pela religião, pelo sistema, protesto contra tudo o que emana da *força bruta* e não quero que a sociedade sofra com a força bruta das mãos do povo, tampouco quero que ela venha a sofrer da força bruta das mãos do poder. Nos dois casos haveria injustiça e conseqüentemente a desordem.

O que acontecerá ao povo se lhe for recusado o *direito à instrução e ao trabalho*? Este povo, tão amargurado pelo sofrimento, *exaltado pelas leituras que mostram o horror de sua posição sem lhe indicar saída alguma*<sup>68</sup>, se tornará cada vez mais bruto, mais rude, mais vicioso e mais perverso. Deste modo, o povo será para as classes ricas um *inimigo temeroso* e a segurança geral, bem como a prosperidade do país estarão constantemente ameaçadas. – Quem ousaria imaginar, sem espanto, tal agitação no país, vinda do ódio e da animosidade de dez a doze milhões de operários sem instrução, sem direção moral, sem *garantia de trabalho*? – Assim abandonados, os operários se tornam um *corpo formidável* na sociedade francesa, à disposição do primeiro político que queira disseminar intrigas, ameaçar a ordem; e da mesma forma que os escravos na sociedade romana, os operários todos se reunirão sob o estandarte de Catilina para atacar a sociedade.

68. As obras do Senhor de Lamennais e tantos outros com as mesmas ideias.

Sim, reivindico que a classe operária se *constitua* em um corpo e se faça representar na Câmara, ainda que alguns espíritos retrógrados possam achar essa medida *muito revolucionária*, sustento e vou prová-lo que é, ao contrário, uma medida de *ordem*.

Sofrendo, abandonados e sem guia, os operários estão na situação de um homem atacado por uma doença grave e sem médico para tratá-lo. Nesta cruel situação o doente se preocupa, se agita e toma ao acaso qualquer remédio oferecido pelo primeiro charlatão que passe na rua. Esses remédios, em vez de aliviar, agravam ainda mais o seu mal e quanto mais sofre e se enfraquece, mais charlatões lhe apresentam suas drogas. Então! O povo está exatamente na situação desse doente. Se lhes recusarmos a escolha de *um defensor legal*, um homem probo, devotado e consciente para *defender seus interesses e reivindicar seus direitos*, o que acontecerá? Os criadores de intriga de todos os partidos se apresentarão e lhes proporão sua defesa, e como não podemos agir legalmente, à luz do dia, teremos de nos conformar com as *sociedades secretas* na quais, como temos visto desde 1830, os operários membros destas sociedades em vez de se ocuparem dos verdadeiros interesses do povo, são *joguetes e vítimas* de alguns *líderes políticos*. – Nestas sociedades se tramam complôs, conspirações, insurreições e assassinatos. – A tranquilidade urbana é ameaçada, a prosperidade do país sofre, o poder se apavora e, sob a sombra do medo, leis de *terror* são feitas às pressas para piorar ainda mais a situação. – Então dos dois lados há *brutalidade e injustiça*. Daí nasce a desordem, o sofrimento, a miséria, a dor para todos. Esse é um resumo do que vem acontecendo desde [17]89. Suponhamos que acordemos ao povo o que eu peço para ele: um defensor; a partir deste momen-

to não haverá mais sociedades secretas, nem insurreições. Assim que o povo souber que um homem honrado está encarregado de defendê-lo e que ainda se ocupa ativamente disto, ele vai então esperar pacientemente e se acalmar<sup>69</sup>.

Reivindicar um defensor para a classe operária é querer trocar os charlatões *anônimos* por um médico da faculdade, uma sumidade; é querer trocar o reino da *força bruta* pelo do *direito*. – Conceder à classe operária o direito de escolher dentre os homens honrados um defensor digno de sua causa é um ato de *prudência* e de *ordem*. Espero que o diretor da *Revista Independente* renuncie de sua opinião concebida levemente, ou ao menos que não veja o defensor da UNIAO OPERÁRIA como um corrupto cuja missão seja simplesmente *derrubar o governo*. Se o sr. Pernet pertencesse aos *visionários*, compreenderia que os operários não teriam nenhuma vantagem na derrubada do governo. – Desde [17]89 *derrubamos muitos governos* e os operários ganharam o que com estas revoluções? Não é às suas custas que elas são feitas? Não são *eles que lutam*? Não são *eles que são mortos*? A desordem sucede o confronto; os capitais se retiram, o comércio não funciona, falta trabalho e o operário morre de fome. Fazer a revolução, qual a vantagem! Não, senhores, não quero que os operários *subornem* um agente *revolucionário*, um *perturbador da ordem pública*; longe disto, o que eu quero é que eles paguem sim a um homem de coração e de talento que tenha por missão *impedir as revoluções, porque as revoluções são contrárias à liberdade e aos verdadeiros interesses do povo*.

69. Vejam o livro do sr. G. de Beaumont sobre a Irlanda que contribui com este tema. Antes que O'Connell assumisse a defesa da causa irlandesa, havia na Irlanda revoluções a cada seis meses e a cada revolução o governo inglês, agindo em reação, apertava ainda mais os grilhões do sofrido povo; de modo a que os esforços que ele fazia com força bruta para sair da escravidão o afundavam ainda mais violentamente.

Acabo de expressar aqui a mais pura verdade sobre meus sentimentos; agora se agrada aos *surdos* e aos *cegos* gritar escandalosamente contra minhas doutrinas revolucionárias, só me resta então dizer: “Meu Deus, perdoe-os, pois não sabem o que fazem”.

“Em 1843, Flora Tristán publica *União operária*, seu mais importante livro. É nele onde encontramos sua famosa análise do estatuto de pária das mulheres. Neste panfleto a autora formula, quatro anos antes do *Manifesto Comunista*, a ideia de uma união universal dos operários e operárias aos quais ela convida a se organizar em dimensão internacional.”

Eleni Varikas

Professora de Teoria Política na Universidade Paris-VIII e integrante do laboratório Gênero, Trabalho, Mobilidade

